UFRRJ

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO

INSTITUTO DE EDUCAÇÃO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

DISSERTAÇÃO

CABAÇA, ÚTERO SAGRADO E RENASCIMENTO FEMININO INSTITUCIONAL: Um olhar sobre a história do IPCN à luz da psicologia complexa.

MARGARETH FERREIRA DA SILVA

Janeiro de 2026

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

CABAÇA, ÚTERO SAGRADO E RENASCIMENTO FEMININO INSTITUCIONAL: Um olhar sobre a história do IPCN à luz da psicologia complexa.

MARGARETH FERREIRA DA SILVA

Sob a Orientação do Professor
Dr. Nilton Sousa da Silva

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Psicologia no Programa de Pós Graduação em Psicologia (PPGPSI) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).

Seropédica, RJ
Janeiro de 2026

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central/Central de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada
com os dados fornecidos pela autora

SS586c
c

Silva, Margareth Ferreira da, 1963-
CABAÇA, ÚTERO SAGRADO E RENASCIMENTO FEMININO INSTITUCIONAL: Um olhar sobre a história do IPCN à luz da psicologia complexa / Margareth Ferreira da Silva. - Cabo Frio, 2025.
153 f.: il.

Orientador: Nilton Sousa da Silva Silva.
Dissertação(Mestrado). -- Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, PPGPSI, 2025.

1. Cabaça. 2. Fecundidade. 3. Mulheres . 4. Negras. 5. Psicologia Complexa. I. Silva, Nilton Sousa da Silva, 1958-, orient. II Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. PPGPSI III. Título.

É permitida a cópia parcial ou total desta Dissertação, desde que seja citada a fonte

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

MARGARETH FERREIRA DA SILVA

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Psicologia no Programa de Pós Graduação em Psicologia – PPGPSI, área de concentração Psicologia.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 14/02/2025.

gov.br Documento assinado digitalmente
NILTON SOUSA DA SILVA
Data: 30/03/2026 14:11:54-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Dr. Nilton Sousa da Silva – UFFRJ

Orientador

gov.br Documento assinado digitalmente
AMAURI MENDES PEREIRA
Data: 30/03/2026 23:58:40-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Dr. Amauri Mendes Pereira – UFFRJ

Membro Interno

gov.br Documento assinado digitalmente
HELENA THEODORO
Data: 31/03/2026 11:29:25-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Dra. Helena Theodoro - UFRJ

Membra Externa

Aos meus ancestrais, cujos representantes, minha mãe Altenira Carvalho da Silva e meu pai Plinio Ferreira da Silva (*in memorian*), me permitiram caminhar, sobre suas pegadas, para continuar honrando as memórias e ser sua continuidade.

À Neusa Santos Souza, e suas buscas não concluídas, neste plano, por seu precoce retorno ao ọ̀run:

"Minha vida é a história de um inconsciente que se realizou. Tudo o que nele repousa aspira a tornar-se acontecimento, e a personalidade, por seu lado, quer evoluir a partir de suas condições inconscientes e experimentar-se como totalidade." (C. G. Jung)

AGRADECIMENTOS

Agradecer é parte de um tripé de compreensão espiritual. Como partes minúsculas da engrenagem, temos um lubrificante especial: o poder da gratidão.

Foi um emaranhado de conexões ao longo de minha trajetória. A chegada aqui, foi por dedicação e prazer. Um requisito precípuo de meu orientador. Passo ao suplício de resumir a lista infinita de agradecimentos:

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001. This study was supported by the Coordination for the Improvement of Higher Education Personnel – Brazil (CAPES) – Funding Code 001.

A Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), mais especificamente, ao colegiado do Programa de Pós-graduação em Psicologia (PPGPSI), pelo ambiente acadêmico ético, tranquilo, acolhedor e íntegro.

As irmãs e irmãos que encontrei no PPGPSI, docentes na pessoa de meu Orientador, Nilton Sousa da Silva, pessoa incansável em acreditar em nosso potencial, bem como em nos fazer enfrentar nossos medos e inconsistências; um mentor sensível e muito perspicaz com um formato de orientar que me permitiu me conhecer e interagir melhor com meus colegas; discentes, através Melissa Fernandes Manhãs, anfitriã paciente, que por ser de formação jurídica como eu me permitiu um acolhimento quente sensível, sem excluir nenhuma das gentis pessoas do mestrado e do doutorado com os quais mantenho trocas de saberes e conhecimentos acadêmicos.

Ao Instituto de Pesquisas das Culturas Negra, através dos vieram antes, os que estão agora e aos que ainda chegarão, na pessoa de sua atual presidenta Marcia Glória Lima, que estendo a toda a diretoria atual na pessoa de Babá Adilson Xavier e Maria Alice Santos por todo o carinho que sempre me trataram. São pessoas muito especiais e abnegadas. Cultivam um formato diferente de retroalimentar nosso desejo de seguir lutando. Sem a confluência das nossas energias nesse território sagrado do ativismo negro eu não teria conseguido.

As pessoas que me ajudaram durante o percurso: desde motoristas de transportes públicos até ambulantes e suas esperanças esparramadas em calçadas e sacolas de trem, transeuntes no ir e vir para Seropédica.

A amiga Linda Santos e seu filho Vitor Hugo, que me acolheram em Campo Grande, onde dormi em dias anteriores as aulas matinais que começavam mais cedo.

As amigas de caminhada Maria de Fátima Moura, Cecília Luiz e Eliane Helena. Todas na encruzilhada da vida acadêmica.

A minha sócia no escritório jurídico Vivian Martins, jovem promissora, estudiosa e que segurou quase tudo sozinha. Para eu focar nos estudos do Mestrado.

A Minha família espiritual do Ile Àṣè Omo Ode Igbo, onde sou iniciada e do Ile Àṣè Iya Omi Layo, onde sigo com fé e força dos ancestrais. Através do Pai Tainan, meu padrinho de orunkó; e, da Iyalòrìṣà Marcinha de Osun me sinto em um espaço de aprendizado dos saberes ancestrais com ética, serenidade e simplicidade.

A minha família carnal, dos vivos no ayer e dos vivos no ọ̀run. Sou uma pessoa de muita sorte por fazer parte de uma Egbé tão unida por carinho, amor e preocupação uns com os outros.

A meu irmão o Moyses e aos meus filhos Luanda, “minha flor do maracujá”, cosmopolita e independente; e, Luiz Felipe, “o amigo afetuoso”, sempre por perto...

Ao futuro de nossa família personificados aqui por Luana, Jorge Miguel e João Gabriel, filhos de Felipe; e em meu melhor sobrinho Maurinho.

Ao meu companheiro de jornada Hamilton Silveira e suas noites mal dormidas, quando acordei tantas vezes com insônia preocupada em estudar; aos dias que me acompanhou a Seropédica e as trocas em reflexões que tecemos.

Família, meu mundo com vocês é gostoso demais de viver!

A minha mãe Osun, que me recebeu em seu colo e permitiu sonhar o sonho de ser uma mulher de àṣẹ, com todo o simbolismo desse significado, me permitindo viver e compreender o que realmente é pertencimento.

A meu pai Sango, cuja energia me rege e fortalece; pelas mudanças que fez em minhas percepções sobre o mundo e a presença interior que passou a me preencher para que eu nunca mais me sentisse só. Pela sensação de tudo poder dentro da certeza de uma existência quântica.

A tudo e todos os que permearam cada segundo dessa caminhada: Obrigada!

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001. This study was supported by the Coordination for the Improvement of Higher Education Personnel – Brazil (CAPES) – Funding Code 001.

PRÓLOGO

Me formei em um território simbólico e inviolável da dinastia jurídica carioca: Faculdade Nacional de Direito, da UFRJ. Me achava tão pequena ali que o grau conquistado não representou a saga que vivi, por isto o mestrado é um momento mágico.

Não tanto quanto foi encontrar "*Sango"*[1], na prática do candomblé Ketu do Ile *Àṣè Omo Ode Igbo*[2] que mudou muitas coisas em minha forma de compreender a vida. E isto aconteceu bem tarde, aos 45 do segundo tempo...

Por isto mesmo, ser aceita no Programa de Pós Graduação em Psicologia, em uma linha de pesquisa que se propõe a aprofundar os diálogos com os conceitos de C. G. JUNG significa mais uma oportunidade importante em minha trajetória, mesmo tardia.

Assim, na medida que Carl G Jung e seus conceitos sobre o "inconsciente", "processo de individuação", "anima e animus", "persona", "si mesmo" e "alquimia" entravam em mim através de textos e palavras de meu orientador, empurravam para fora dos meus depósitos, lixos, memórias e emoções contidas.

Hoje, percebo de fato o que a ancestralidade me ensinou: valorizar minha existência terrena através dos revezes da vida. A chama da vida acendeu em mim, pela ancestralidade. Na iniciação. E reacendeu através a psicologia complexa.

Talvez, os incômodos com as brigas e discussões sem sentido nas fileiras do ativismo no Movimento Negro tenham aberto o caminho para as buscas por explicações que me impulsionam nas reflexões.

Quando conheci um princípio jurídico denominado "princípio da instrumentalidade das formas"[3] só pensava no quanto isto seria útil na militância. Os fortes e raivosos poderiam parar de impor seus ritmos e submeter pessoas. Ainda que muitos silenciamentos sejam rompidos nos enfrentamentos, somos nós por nós tentando superar o "nós contra nós".

Gritar e desqualificar pessoas negras em disputas institucionais dentro de instituições negras permite a branquitude seguir seu plano de extermínio legalizado, fundamentado em

---

[1] Orisá do Panteão afro-brasileiro, muito cultuado nos candomblés brasileiros, mas também na Nigéria, em especial na cidade de Oyo, de onde segundo a mitologia africana iorubá, é originário. Orisá cuja simbologia reflete poder, força, justiça, sabedoria, espírito comunitário e festivo, responsabilidade, estratégia para conflitos, beligerância, sensualidade, prazer em viver de maneira correta.

[2] Casa de Candomblé sediada no município da Cabo Frio onde a mestranda se iniciou através da Iyalòrìṣà Fátima de Ode.

[3] Por este princípio que é também conhecido por alguns doutrinadores como princípio da finalidade, quando algum ato processual deve ser realizado de um determinado jeito (forma), e acaba sendo realizado de outro jeito (forma), mas acaba atingindo sua finalidade, e o juiz o considera válido, pois o ato processual é um instrumento utilizado para se atingir determinada finalidade, logo, ainda que com vício, se o ato atinge sua finalidade sem causar prejuízo às partes, não se declara sua nulidade.

argumentação pífia de vadiagem, combate as drogas ou delinquência. No fluxo dessas violências e violações que causamos uns aos outros no Movimento Negro, muitas novas reflexões são possíveis (GOMES. 2017).

Conheci pessoas como Lélia Gonzalez (1935 – 1994) e seu jeito peculiar de falar e explicar as coisas sobre o racismo; Marcílio de Farias (1929 – 2002), de Nova Iguaçu, com sua firmeza em asseverar a subalternização do interior pela "capital"; Benedita da Silva (1942 -), José Miguel (1931-2001), Edialeda do Nascimento (1941-2010), Carlos Alberto Oliveira Caó (1941-2018) e Jurema da Silva Batista (1957 -), lideranças incríveis que estavam ali, pertinho de nós, no Instituto de Pesquisas das Culturas Negras – IPCN, onde construo as reflexões desta pesquisa.

Na turma que fundou o IPCN estavam os principais nomes do que se constituiu no famoso Governo Brizola (1983-1986), como uma política real, mas pontual, de empoderamento concreto de negras e negros. Isto nunca mais se repetiu em outros governos em nenhuma parte do Brasil: foram nomeadas na mesma "penada" 08(oito) pessoas negras[4] para o primeiro escalão.

Convivi com toda essa efervescência política. Morava a apenas uma quadra da sede do IPCN, onde professores, artistas, intelectuais e políticos tinham encontros para debates acalorados sobre o racismo e suas perversidades. Eu era apenas uma estudante que passava todos os dias naquela porta.

Jamais imaginaria que quase 40 anos depois estaria ali para minha pesquisa com um olhar a história do IPCN à luz da psicologia complexa.

Este é o ponto de partida para desta proposta de pesquisa de mestrado, em conexão com o pensamento de uma das pesquisadoras que também conviveu com nesse cenário, a Prof.ª Dra. Helena Theodoro. No livro Mito e Espiritualidade Mulheres Negras, escrito em 1996 encontrei apoio para a caminhar em direção as vozes de minha espiritualidade.

Revisitar nosso próprio passado muda as experiências do presente, do ambiente acolhedor da "sala 3", na presença onipotente dos estudos científicos de C. G. Jung e na seriedade generosa pelo meu orientador Nilton Sousa da Silva.

Ao pesquisar o IPCN, me pergunto primeiro onde estão, na história da Instituição, aquelas mulheres que fizeram tantas mudanças no mundo: Lelia Gonzalez, Beatriz Nascimento,

[4] Foram nomeados segundo informações de Jornais da época: Carlos Alberto Oliveira Caó (Secretário Estadual de Habitação e Trabalho); Brandão Monteiro (Secretário Estadual de Transportes); Edialeda Nascimento (Secretária Estadual de Assistência Social); Cel. Carlos Magno Nazaré Cerqueira (Secretário Estadual da Política Militar); Abdias Nascimento (Secretaria Estadual de Defesa do Negro)

Pedrina de Deus, Azoilda Loretto, Estela Costa Monteiro, Abgail Pascoa, Mariléia Santiago, Marcia Santana, Maria Alice Santos, Regina Coeli...

Suas marcas, fotos, assinaturas em livros de presença e documentos institucionais, pegadas na areia movediça das disputas de narrativas.

Estar aqui significa, também, poder contribuir com o pensamento antirracista, através do diálogo face a face com memórias das dores ancestrais. Presas ao nosso inconsciente e reproduzidas em espiral.

Compreender isto é transcender a grande perversidade do racismo: atravessar vidas, existências e gerações.

RESUMO

DA SILVA, M. F. **CABAÇA, ÚTERO SAGRADO E RENASCIMENTO FEMININO INSTITUCIONAL: Um olhar sobre a história do IPCN à luz da psicologia complexa.** 2023. Proposta de dissertação para ser qualificada como requisito parcial à obtenção do título de mestra em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGPSI), Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2023.

Esta pesquisa dialoga com as memórias insculpidas em registros institucionais, fotográficos e documentos administrativos do Instituto de Pesquisas das Culturas Negras – IPCN, no limiar de seus cinquenta anos de existência no Rio de Janeiro - RJ, Brasil, a partir da psicologia junguiana, para apresentar uma reflexão sobre a força e importância das mulheres na gestão institucional do IPCN. Através da metodologia do estudo de caso em pesquisa qualitativa, foi observada presença dessas mulheres nas narrativas do cotidiano do Instituto, em contraponto os registros e documentos. A pesquisa divide o percurso em 03 (três) períodos da existência institucional: (a) os primeiros vinte anos, no auge da fecundidade do pensamento antirracista, ali nascido e difundido; (b) um esvaziamento da institucional nos 20 (vinte) anos subsequentes; e, (c) o atual momento de sua revitalização. Como cenário um "fio condutor no labirinto", as pegadas deixadas pela ancestralidade o diálogo com um dos itans de Ọṣùn na criação do mundo, da mitologia do povo ioruba. E, um entrelaçamento segundo a psicologia de C. G. Jung: vaso alquímico, útero sagrado, é um espaço institucional psíquico de transformação. O estudo apresenta as etapas da superação institucional de "um conglomerado hereditário inconsciente" sobre os papeis de gênero e o trabalho no reequilíbrio das relações humanas através de conexões entre cabaça – objeto simbólico em diversas culturas; e, o órgão útero como território consagrado e mítico do corpo feminino. Nos conceitos de anima e animus, há presença da representação simbólica de experiências vivenciadas pelos que vieram antes: a ancestralidade. Na representação arquetípica da Orisá Ọṣùn, energia feminina que simboliza a força e persistência da água doce, que possui importância cultural e biológica para toda a humanidade. A água como elemento mítico de recomeço. O processo de individuação, no corpo coletivo institucional e o poder para reexistir através do olhar para o si mesmo. A continuidade das estratégias e conquistas sociais impulsionadas pela resiliência das mulheres do IPCN, de dentro para fora e de fora para dentro. São incursões presentes no corpo e na alma desta dissertação.

Palavras-Chave: Cabaça, Fecundidade, Mulheres Negras, Psicologia Complexa

ABSTRACT

DA SILVA, M. F. **CABAÇA, SACRED WOMB AND INSTITUTIONAL FEMALE RENAISSANCE:** A look at the history of the IPCN in the light of complex psychology. 2023. Dissertation proposal to be qualified as a partial requirement for obtaining a master's degree in Psychology from the Postgraduate Program in Psychology (PPGPSI), Uniersidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2023.

This research engages in a dialogue with the memories engraved in institutional records, photographs and administrative documents of the Institute for Research on Black Cultures – IPCN, on the threshold of its fifty years of existence in Rio de Janeiro - RJ, Brazil, based on Jungian psychology, to present a reflection on the strength and importance of women in the institutional management of the IPCN. Through the methodology of case study in qualitative research, the presence of these women was observed in the narratives of the daily life of the Institute, in contrast to the records and documents. The research divides the course into 03 (three) periods of the institutional existence: (a) the first twenty years, at the height of the fecundity of anti-racist thought, born and disseminated there; (b) an emptying of the institution in the subsequent 20 (twenty) years; and, (c) the current moment of its revitalization. As a "common thread in the labyrinth", the footprints left by ancestry dialogue with one of the itans of Ọṣùn in the creation of the world, from the mythology of the Yoruba people. And, an intertwining according to C. G. Jung's psychology: alchemical vessel, sacred uterus, is an institutional psychic space of transformation. The study presents the stages of institutional overcoming of "an unconscious hereditary conglomerate" on gender roles and the work on rebalancing human relations through connections between the gourd – a symbolic object in various cultures; and the uterus organ as a consecrated and mythical territory of the female body. In the concepts of anima and animus, there is the presence of the symbolic representation of experiences lived by those who came before: ancestry. In the archetypal representation of the Orisha Ọṣùn, feminine energy that symbolizes the strength and persistence of fresh water, which has cultural and biological importance for all humanity. Water as a mythical element of beginning again. The process of individuation, in the institutional collective body and the power to reexist through looking at oneself. The continuity of social strategies and achievements driven by the resilience of the women of the IPCN, from the inside out and from the outside in. These are incursions present in the body and soul of this dissertation..

Keywords: Gourd, Fertility, Black Women, Complex Psychology

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Sede do IPCN na segunda obra Anos 2000 – Momento atual ano 2024 28
Figura 2: Notas institucionais sobre morte de fundador 30
Figura 3 Foto de capa do Jornal do Brasil de 30/09/1982. 34
Figura 4 Recorte de Jornal não identificado -Arquivo instituição 36
Figura 5 Posse de diretoria na sede da Instituição 38
Figura 6 Assembleis do IPCN década de 1980 42
Figura 7 Assembleia no IPCN década de 1980 44
Figura 8 Vereadora Benedita da Silva – atividade IPCN anos 1980 50
Figura 9 banner em memória as diretorias 53
Figura 10 Biblioteca da Instituição 72
Figura 11 Comissão do IPCN resgate e guarda de acervo umbanda 80
Figura 12 Marcha 100 anos da abolição 93
Figura 13 Dep Jose Miguel discursa Atividade do IPCN 108
Figura 14 Secretario Estadual de Trabaho e Habitação do Rio de Janeiro, Carlos Alberto Caó e Dra. Sebastiana Arruda-Procuradora Federal - década 1980 109
Figura 15 Marcha Zumbi - 100 anos de abolição 120

LISTA DE SIGLAS

APN's – Agentes Pastorais do Negro
CEAA – Centro de Estudos Afro-Asiático
CENIERJ – Conselho de Entidades Negras do Interior do Estado do Rio de Janeiro
DNA - Ácido Desoxirribonucleico
Educafro – Educação e Cidadania de Afrodescendentes e Carentes
IPCN – Instituto de Pesquisas das Culturas Negras
MEI – Micro Empreendedor Individual
MNU – Movimento Negro Unificado
MP-GO – Ministério Público do Estado de Goiás
OSC – Organização da Sociedade Civil
PVNC's – Pré-Vestibular para Negros e Carentes
SINBA – Sociedade de Intercâmbio Brasil-África
UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS 5

PRÓLOGO 7

RESUMO 10

ABSTRACT 11

LISTA DE ILUSTRAÇÕES 12

LISTA DE SIGLAS 13

Sumário 14

INTRODUÇÃO 16

Traçado e Percurso 18

Objetivo Geral: 23

Objetivos Específicos: 23

CAPÍTULO I - IPCN, SOLO FECUNDO 26

1.1 Antes de Começar 27

1.2 Anos de Chumbo 32

1.3 Política Interna 35

1.4 Articulações Externas 40

1.5 Pensamento Negro 43

1.6.1 Contração: 1975-1995 46

1.6.2 Retração: 1996-2016 46

1.6.3 Ressurgência: 2017 - 47

CAPÍTULO II - PSICOLOGIA COMPLEXA 54

2.1 Anima e Animus 57

2.2 Inconsciente Coletivo 62

2.3. Individuação 64

2.4. Alquimia, Mysterium Conuction e Ori. 68

CAPÍTULO III - CANDOMBLÉ: PROCESSO ALQUÍMICO ENTRE MORTE E VIDA 73

3.1 Cabaça e Útero Sagrado 76

3.2. Renascimento pessoal e coletivo 79

3.2 *Ọ̀ṣun* e o princípio feminino 83

3.4 Matripotência e feminilidade 86

3.5 Poder transformador 90

CAPÍTULO IV - DIREITOS E PODER MÍTICO EM INSTITUIÇÕES ANTIRRACISTAS 95

4.1 Descortinar de organizações e imagem social antirracista 98

4.2 Ruptura legal e social com a histórica economia colonial 104

4.3 Direitos; Políticas Públicas e Políticas Afirmativas 108

4.4 Pejotização da cidadania e o neoliberalismo 111

4.5 Herança ancestral e Luta Antirracista: nasce o IPCN 116

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS 122

6. REFERENCIAIS TEÓRICOS 126

ANEXOS 132

INTRODUÇÃO

O diálogo que se pretende realizar ao longo da presente pesquisa, será entre os conceitos da psicologia complexa elaborada pelo médico psiquiatra e psicólogo suíço, Carl Gustav Jung (1875-1961), e a história e atual existência no Brasil do Instituto de Pesquisas das Culturas Negras – IPCN (fundado em 08 de julho de 1975). Nas memórias institucionais, documentadas ou presentes em narrativas de seus participantes, extraídas de vídeos, textos de publicações e diálogos mantidos em reuniões virtuais gravadas pela diretoria do IPCN, a observação através de conceitos da psicologia complexa, marcam a relevância e ao mesmo tempo a justificativa da pesquisa e narrativa. Há atemporalidade do inconsciente individual e/ou grupal, mas além disto, como se conectam ao atual surgimento político e midiático no primeiro quarto do século XXI, a condição socioeconômica da diáspora negra na sociedade e no território brasileiro. E ainda, o fato de que o IPCN foi fundado no final do século XX. Tendo sido o Brasil foi o último país do mundo a encerrar o trabalho escravo legalizado, é sabido que no século XXI encontramos a escravização de pessoas no país. Negras e Não brancas.

Nesta proposta desafiadora, refletir sobre a fronteira da consciência individual-grupal e a potencialidade da história oral dentro e fora do IPCN é no mínimo o início da caminhada. A instituição é um território fecundo do pensamento antirracista brasileiro. Foi criada/fundada em um momento sócio-histórico de revitalização e retomada de sua própria participação no cenário das disputas de narrativas nacionais. Foi protagonista de ações do antirracismo da época para aquele contexto brasileiro ser atualizado e articulado com o atual estado de espírito brasileiro. E, assim, poderá aparecer a potencialidade gradiente do inconsciente pessoal, grupal, cultural e coletivo do campo epistemológico teórico e prático da psicologia junguiana através de fatos históricos, documentos legais, e da memória social.

O IPCN, vive atualmente uma tentativa de superar obstáculos que constantemente ocorrem do encontro entre pessoas física e jurídica, para manter em funcionamento uma instituição negra com uma história consistente. Todavia, um corpo de mantenedores e mantenedoras persiste na busca de meios de revitalizar esse espaço do Instituto de Pesquisas das Culturas Negras. Sem perder sua essência, convivendo e honrando as memórias existentes a partir de um único e crucial conceito: *ancestralidade*.

Alavancada pelo olhar da epistemologia jurídica de legalidade em um primeiro momento, a observação sobre o IPCN vai espraiar-se sobre os conceitos da psicologia complexa

para compreender como a longevidade pode fragilizar a musculatura e adoecer um organismo institucional, embora reconheça que na ancestralidade está o cerne da espécie humana.

Na propriedade e potencialidade do inconsciente: pessoal, grupal, cultural e coletivo ocorre, ao mesmo tempo, manifestações de forças centrífugas e centrípetas na sociedade brasileira. E, indiscutivelmente, a capacidade intelectual e individual atrelada à difusão de conhecimentos grupal e cultural sobre a História do Brasil, através da Colonização, Império e República, manifestou e apresenta embates políticos institucionais entre pessoas brancas e não brancas. Por exemplo, o reconhecimento nacional sobre a criação e a aplicação de políticas públicas para cuidar da educação e saúde socioeconômica: material e/ou imaterial de pessoas não brancas. Mexe com a histórica raiz do Brasil. E, aqui, mais uma vez existe a confirmação da propriedade e atemporalidade do inconsciente: pessoal, grupal, cultural e coletivo à luz do povo brasileiro!

Inicialmente, após a fundação do IPCN, seria inimaginável no aspecto biológico atravessar 4 décadas com a mesma energia juvenil, visto que, na época a maior parte daquela listagem já era maior de 30 anos de idade. Porque Instituições são feitas de pessoas e se parecem com elas. Como as árvores, nos seus galhos carregam uma história em seus respectivos setores institucionais.

Neste sentido, a partir do conceito do Ego consciente e do Si-mesmo é possível contextualizar interferências do nascimento dentro de uma organização — jurídica ou comunitária — de uma busca por sua "orixalidade" (GOMES, OLIVEIRA, 2021); ou, da compreensão de suas possibilidades de existência a partir da cosmopercepção africana em diáspora. Principalmente, pelo fato de o Brasil internacionalmente ser reconhecido como um Estado laico, por ter sido o último país (oficialmente) a encerrar a política socioeconômica da escravidão e não ter legislações mais restritivas as perseguições religiosas senão nos últimos 30 anos.

Vale dizer que o surgimento de instituições negras ao longo do século XX, foi parte da luta por resistência e algumas serão mencionadas ao longo da presente pesquisa, por sua relevância ao surgimento dos acontecimentos que culminaram com a formalização do IPCN. Dessas organizações, algumas foram legalizadas a partir da política e construção realizada por participantes do IPCN e, principalmente, através do Teatro Experimental do Negro (Abdias do Nascimento, 1944-1961), bem como as influências e contribuições ao pensamento antirracista que permeiam pesquisas sobre as temáticas abordadas, como por exemplo das intelectuais *"in*

memorian" Azoilda Loretto da Trindade (1957-2015), Beatriz Nascimento (1942-1995), Lelia Gonzalez (1935-1994), Neusa Santos Souza (1948-2008).

Na contemplação a partir desta instituição, IPCN, em respeito a memória e identidade dos que mantiveram vivo este legado, político e cultural do ativismo antirracista brasileiro, será possível contribuir na compreensão de mecanismos em prol da saúde mental — individual, grupal e cultural do Brasil —, assim como, e, especialmente, em instituições que discutem e debatem a erradicação de desigualdades, discriminações e intolerâncias correlatas.

Importante ressaltar, ainda, a contribuição para a qualidade de vida do grupo pesquisado: personalidades conhecidas e desconhecidas, no entanto, ativas na construção da história social do Instituto de Pesquisa das Culturas Negras (IPCN).

Diante da atual necessidade de reparações, econômicas, históricas e epistemológicas, por força de conhecimentos deliberadamente ocultados, a pesquisa contribui para possibilitar novas práticas que possam advir de relações baseadas em conceitos filosóficos de uma ética ubuntu (RAMOSE, 2009) impedindo o seu desaparecimento por falta da valorização e autoestima, dos próprios atores sociais autodeclarados negros ou não brancos.

Poucas são as instituições negras no Brasil que possuem longevidade efetiva, com uma identidade social consolidada e a existência independente, constituída pela colaboração e esforço de seus componentes, como um organismo vivo e em um processo saudável de existência. Como exercício mental, é importante realizar uma pergunta à pessoa que desenvolve a leitura do presente texto: Quantas instituições negras consolidadas, no Brasil, no momento aparecem na sua mente?

Material e Método

Traçado e Percurso

De acordo com as duas metodologias: estudo de caso (MARTINS, 2008) e pesquisa ação (THIOLLENT, 2009), o presente projeto de pesquisa procura compreender e explicar como o IPCN conseguiu transpor a própria estagnação — praticamente, durante 20 anos —, e, posteriormente, manejar o seu solo através da fecundidade mítico-religiosa à luz de indícios da cosmovisão africana presente no Brasil.

Para elaborar um traçado que pudesse dar conta do tripé conceitual, foi necessário mergulhar em imagens, fotos, conteúdos existentes em livros e textos que mencionavam

diretamente o IPCN. Nessa pluralidade, a possibilidade de produzir a dissertação a partir de uma análise dos conteúdos que utilizasse diferentes técnicas (CAVALCANTE, et al. 2014) em especial "análise das relações ou associações, análise do discurso, análise do geral para o particular, análise do particular para o geral", sem que isto configurasse em partir em uma "viagem intergaláctica sem volta" como sempre nos lembrava o Prof Nilton Sousa da Silva, orientador da presente dissertação.

Ao traçar o percurso, o ponto de partida foi entrar em contato direto com os elementos e saberes milenares da filosofia africana, dos quais originaram-se os rituais e conhecimentos Candomblé[5], (SANTOS, 1976) onde mitos do complexo cultural Nagô, "transportados, implantados e reformulados" no Brasil, ajudam a criar um sistema organizado. Compreender conceitos, mitos e palavras do idioma iorubá (BENISTE. 2022) para uma maior aproximação do sentido a ser apresentado.

Através de um dos mitos iorubá, da criação do mundo, e de acordo com a dimensão mítico-religiosa da Orisá *Ọṣùn*, (LIMA, 2008) (PRANDI, 2001) (OXALÁ, 2010) se estrutura a observação do instituto. Há no mito iorubá, mencionado, a estratégia de inserir as mulheres em um universo que era exclusivamente masculino. Há uma mensagem enviada a humanidade sobre a importância dessa inserção. A definição de fazeres que somente eram permitidos aos homens realizar foi rompida pelo mito. *Ọṣùn* dialoga e amplia a participação feminina no controle e direção do mundo. Esse é um ensinamento milenar para a cultura e epistemologia africana.

Sobre os pilares da cosmopercepção (OYEWÙMI, 2021) africana no Brasil, aliado a teleologia matriarcal de mundo, erguida através do solo sagrado do Instituto de Pesquisa das Culturas Negras o Àṣè[6], indiscutivelmente, emana para o mundo. Sua fecundidade germina nas pessoas que adentram esse território ancestral da luta antirracista. Frutos das transformações produzidas em si mesmas, pelo aprendizado acerca de sua força e saber. No ranger de cada

[5] Surge no Brasil, no século XIX, através da reformulação de elementos do complexo cultural africano "associações bem organizadas, égbé". (SANTOS. 1976) "O candomblé nagô foi criado como um espaço de culto aos orixás de tradição afro-brasileira. O termo tradição é aqui entendido como uma construção e, também, como entrega de conteúdo de uma geração para outra. Esses conteúdos devem ser entendidos dentro de uma dinâmica cultural." (DO NASCIMENTO PINHEIRO.2008)

[6] "principio e poder de realização" (...) É a força que assegura a existência dinâmica, que permite o acontecer e o devir." (...) "Como toda força o àse é transmissível; é conduzido por meios materiais e simbólicos e acumulável. É uma força que só pode ser adquirida pela introjeção ou por contato. Pode ser transmitida a objetos e a seres humanos." (SANTOS. 1976)

tábua/taco do assoalho da sede do IPCN, das escadas e das portas centenárias, a presença viva e permanente de tudo o que ali foi vivenciado (ASANTE, 2022) em uma existência quântica.

A ausência de componentes ou mesmo de transformações internas no IPCN, causadas pela falta de interação com elementos desse universo feminino decolonial, pode ter propiciado o desequilíbrio e a quase morte desse organismo?

É possível uma melhor compreensão ao voltar-se para dentro?

Psicologia Complexa

Na psicologia complexa, a compreensão do si-mesmo e o "processo de individuação" (JUNG, 2014. OC 7/2, § 241) são dois movimentos necessários à transformação de medos dos próprios sentimentos e, principalmente, o reconhecimento do papel de um sujeito dentro da dinâmica de sua comunidade. Com esse ponto de partida o aprofundamento no infinito e dinâmico mundo de conceitos e observações compartilhadas e forma incrivelmente detalhada criam o ambiente mental de reflexões, observações, compreensão. Como a técnica dos malabares, não é possível equilibrar todos os malabares sem que sejam atirados, todos, para o alto um a um. Ao vê-los girar de maneira ininterrupta e harmoniosa o malabarista é conduzido não mais pela técnica apenas, mas por um processo em que as decisões que tomar poderão pôr em rota de fracasso, seu projeto de mantê-los no alto. Ou seja, são necessários ritos que precisam ser conduzidos de forma atenta. É possível, sobretudo, continuar a equilibrá-los, retirando um a um, mas sempre será necessário mais de um para que haja o mínimo de equilíbrio. Como na psicologia complexa, ou no complexo cultural nagô: o vínculo e o equilíbrio da comunidade precisam de cada um de seus indivíduos (SAMUELS, 1989) e se dá com a participação e cooperação de seus membros, não sendo necessário "que habitem num espaço preciso" (SANTOS, 1976) neste desenvolvimento. E cooperar ativamente com o desenvolvimento do si mesmo, (JUNG, 2016) acontece, "de maneira espontânea e inconsciente".

A história, como sempre, é a testemunha mais importante a ser colocada no cenário dos acontecimentos para contribuir com a interpretação do enredo através de fatos e marcos biopsicossociais. Neste contexto, foi possível desenvolver a presente pesquisa ancorada nos conceitos elaborados pelo médico psiquiatra e psicólogo suíço, Carl Gustav Jung, em especial — sincronicidade, inconsciente pessoal e coletivo, individuação e Si-mesmo —, para dialogar com a dimensão simbólica (JUNG, 2016) do universo cultural em diáspora que se manifesta no

Brasil. Através das conexões com o candomblé da nação Ketu e da ancestralidade ioruba foram feitas as observações, na instituição IPCN, uma vez que permeiam esses vínculos de consaguinidade e ancestralidade africana no povo brasileiro (SOARES, 2007).

Não fosse apenas esse aspecto, latente na sociedade brasileira, vivemos em um mundo em colapso socioambiental (KRENAC, 2022), no qual uma convergência e divergência podem ser encontradas a partir da compreensão de paradoxos e contradições dentro de cada pessoa. Mesmo em um único conjunto, grupo ou nicho social.

E, aqui, a questão social do gênero feminino e masculino também aparece, porque desprezar a contribuição das mulheres como é perceptível na história institucional do Brasil, e, em aspectos da história do IPCN, isto fica ilustrado. Essa é uma das formas de não produzir mecanismos de mudança para amenizar o colapso da natureza, e manter intactos os mesmos pilares que construídos pela história da colonização. Pilares esses, intocáveis em nossa sociedade contemporânea e ainda se esparramam em nossas lutas, dores e pensamentos institucionais.

A pesquisa qualitativa, caminho escolhido para desenvolver o corpo da presente dissertação, através das técnicas da pesquisa ação e do estudo de caso em que a própria participação da pesquisadora na vida institucional, torna possível a melhor aplicação e conexão dos métodos.

Outrossim, importante construir uma narrativa que possibilite a compreensão de histórias de vida que se misturam a existência da própria instituição.

Revisão Bibliográfica

Também é importante salientar que aos estudar uma instituição com a longevidade do IPCN e o grande número de pesquisadores e pesquisadoras ligados a instituição em algum momento, não se refletem em um vasto material produzido em pesquisas sobre a vida institucional. Infelizmente, sua importância e suas contribuições para as lutas que protagonizou nesses quase 50(cinquenta) anos de existência ainda possuem poucas referências nos bancos de dados utilizados para o levantamento bibliográfico que foram: Scielo, Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), Google Scholar, Search com as palavras chaves: IPCN, Movimento Negro, Psicologia Complexa e ancestralidade, filosofia africana e Jung..

Na análise documentos oficias e institucionais, textos existente sobre o IPCN (COTINS, 2005) (ALBERT, PEREIRA, 2016) (HASENBALG, GONZALEZ, 1982) (PEREIRA, 2007) (GIL, 2023) e decorrente de pesquisas acadêmicas narrativas sobre componentes da instituição (SILVA, 2020), o contexto histórico em que a instituição surgiu, suas contribuições ao pensamento sobre a complexa trama das relações raciais no Brasil. Também foi possível analisar depoimentos em vídeos e imagens existentes no acervo do próprio IPCN e associados, bem como na plataforma de vídeos YouTube.

Conectando estratégias de resiliência a partir da presença de mulheres no interior do IPCN, e sua importância para o cenário nacional e internacional em termos de contribuição, isto teria alguma relação com essa pouca presença em material de pesquisa produzido?

Quanto ao pensamento mítico-religioso, voltado à própria ancestralidade, em diálogo com a transformação dos elementos no interior da instituição a partir da conexão com o simbolismo da cabaça sagrada, em uma comunidade de Matriz Africana ou do Vaso alquímico da Psicologia Complexa. Isto seria impeditivo para a valorização maior dessa instituição?

O renascimento de pessoas que enfrentam as diversas faces do racismo, para uma nova vida de percepções e a potencialidade da vida presente através do "novo componente metodológico" chamado de "orixalidade" (GOMES, OLIVEIRA, 2021) pesaram contra o IPCN? O que concorre para que nesta longeva instituição, onde negras e negros brasileiros sempre pugnaram contra o apagamento de nossa herança sagrada, cultural e filosófica, tão poucos investimentos sejam alocados para sua preservação?

Eis o grande diferencial do IPCN: Falar de ancestralidade nunca foi um obstáculo aos debates políticos mais progressistas.

Com este fio condutor, o trabalho é desenvolvido em quatro capítulos, tendo como divisões metodológicas em períodos de 20 anos de sua existência. As reflexões se valem de 03 símbolos míticos que servem ao propósito de observar o IPCN: o útero, a cabaça e o vaso alquímico.

Vale salientar que a propriedade da cabaça, cuja representação simbólica aqui, também, será de um útero para gerar vida; além de transmitir a potencialidade do espaço/território impenetrável do igba, no qual somente o iniciado pode estar e manusear o que ali contém.

O que é próprio e singular, mas de modo semelhante acontece na manifestação do inconsciente individual a partir do coletivo, de acordo com a psicologia complexa de Carl Gustav Jung.

Neste sentido, essa pesquisa trabalha com a compreensão de uma instituição de pesquisa e debates contra o racismo, em diálogo com uma função biopsicossocial da concepção de útero, vaso alquímico, e sublimação individual e social, a partir do princípio feminino da Orisá Osun que simbolizada está na responsabilidade pelos seres a partir da concepção até após o nascimento, quando saberá defender-se e negociar suas necessidades.

Alguns critérios de inclusão aos textos encontrados foi limitar ao campo dos avanços do Movimento Negro no período de existência do IPCN, sem perder as referências importantes que contribuíram para seu surgimento; artigos/teses/dissertações de pesquisadores que tiveram ligação direta com a instituição e/ou falavam diretamente sobre fatos e acontecimentos ali ocorridos; Também foi importante incluir conceitos e contribuições relacionadas a área psicologia em diálogo com a psicologia complexa, entre os quais o livro que deflagrou a inquietação inicial para a pesquisa "Mito e Espiritualidade Mulheres Negras" (THEODORO, 1996). Por fim, o critério de exclusão, artigos que não tinham relação direta com a temática IPCN, Mulheres Negras e Fecundidade, Psicologia Complexa.

Objetivos

Objetivo Geral:

- Compreender através da cosmopercepção africana dos povos iorubas e da psicologia complexa junguiana o poder de fecundidade do IPCN.

Objetivos Específicos:

- Observar conexões entre renascimento institucional e processo de individuação;
- Identificar nos períodos institucionais se há presença e influência das mulheres, com participação na gestão;
- Observar se o debate político se conecta ao reencontro com práticas de tradições ancestrais;
- Contribuir para os estudos sobre instituições negras como territórios ancestrais de difusão da ética e valores civilizatórios do cosmo percepção africana.

Discussão e Resultados

Na persecução dos objetivos o Capítulo I, "IPCN Solo fecundo", aborda o contexto historiográfico para trazer aspectos políticos em prol dos direitos humanos do surgimento institucional. O desenvolvimento teórico se faz através da subdivisão em cinco pontos: 1. Antes de Começar; 2. Anos de Chumbo; 3. Política Interna; 4. Articulações Externas; 5. Pensamento Negro.

No Capítulo II, o campo epistemológico teórico e prático a partir do qual será analisado, interpretado e realizada uma compreensão sobre o objeto de estudo da presente pesquisa em uma imersão na "psicologia complexa", nos conceitos elaborados pelo médico psiquiatra e psicólogo suíço, Carl Gustav Jung (1875-1961) e que são imprescindíveis para o diálogo com a fecundidade do IPCN. Os conceitos de "anima" e "animus", sobre a importância do equilíbrio dessas representações dentro e fora de um ser humano. A abordagem em 04(quatro) subdivisões traz as conexões com o ambiente institucional estudado: 1. Anima e Animus; 2. Inconsciente Coletivo; 3. Individuação; 4. Alquimia, Mysterium Conuction e Orí.

No Capítulo III, a pesquisa apresenta reflexões a partir do poder de transformação do pensamento filosófico do sagrado africano. Pelo caminho que se percorre para reconhecer o processo de transformação. Neste capítulo a da presença mítica da Orisá Osun e as simbologias que a conecta com os ambientes institucionais das organizações negras como o IPCN. O tema da pesquisa se entrelaça nas seguintes reflexões: (1). Cabaça e Útero Sagrado; (2) Renascimento pessoal e coletivo; (3) Ọ̀ṣùn e o princípio feminino; (4) Matripotência e feminilidade; (5) Água poder transformador.

No capítulo IV a pesquisa permite algumas abordagens na observação do descortinar de organizações que produziram a ruptura legal e social dessa economia colonial na luta por liberdade. Dos direitos às políticas públicas e a institucionalização do antirracismo: 1. Descortinar de organizações e imagem social antirracista; 2. Ruptura legal e social com a histórica economia colonial; 3. Direitos, Políticas Públicas e Políticas Afirmativas; 4. Pejotização da cidadania e neoliberalismo; 5. Herança ancestral e Luta Antirracista: nasce o IPCN.

No ocaso, teremos as Considerações Finais através de uma observação da busca por revitalização institucional que se apresenta como um renascimento mítico do IPCN. O que se

faz necessário para o reequilíbrio do poder em um território sagrado? A participação e as identidades de todas as pessoas envolvidas nos elementos da própria realidade histórica interna do IPCN são a conexão com seu futuro? Como será possível fortalecer este solo no limiar de seus 50 anos?

CAPÍTULO I - IPCN, SOLO FECUNDO

A observação do ambiente institucional de uma organização voltada a construir bases conceituais e políticas para derrubar o Mito da Democracia Racial no Brasil. Na década de 1970, durante os anos em que a Ditadura Militar com suas mais temíveis leis que restringiam, cancelavam e baniam pessoas que ousassem disputar o espaço social. Estabelecer críticas políticas, econômicas e sociais possibilitou ao instituto a efervescência dos primeiros anos. Poder compreender o momento de retração vivenciado pela instituição nos anos subsequentes é o que a pesquisa espera.

Era um tempo difícil para o Brasil, os "anos de chumbo", mas esporte e cultura pareciam estar bem ao acesso de muitos brasileiros e brasileiras, a partir de uma publicidade governamental, que usava a mídia para produzir narrativas, usando programas de rádio e TV, novelas e festivais de música. De toda parte emergiam sons e imagens que contrariavam as percepções dos ativistas políticos que denunciavam a brutalidade do governo.

Contudo, também era a época do "milagre brasileiro" e do "mito da democracia racial". Mas, A base social não tinha acesso à educação oficial, ou a saúde física e mental. O futebol e samba como "orgulhos nacionais" mobilizavam, como até hoje ainda mobilizam, compondo o "jeito de ser brasileiro" em uma mistura socioeconômica nacional. Não eram tempos muito simples para a organização social em uma reunião com abordagens políticas. Pior ainda: em prol da diáspora africana no Brasil.

Nesta perspectiva, as reuniões para a criação de uma instituição para apontar as vicissitudes do racismo brasileiro, parecia sonho. O Brasil vivia de uma fama internacional de ser um país onde negros e brancos andavam de mãos dadas, irmanados em uma sociedade que se orgulhava de seus símbolos culturais.

Na década de 1970, aconteciam em espaços como teatro, quadras de clubes negros e escolas de samba os bailes "black". Um acontecimento social de grande potencialidade, borbulhando pelos subúrbios do Rio de Janeiro, ocorrendo ao mesmo tempo em a política internacional anunciava a organização de pessoas negras pelo mundo. Essa conjuntura contribuiu para que as informações fossem ao encontro de sujeitos conscientes.

O Instituto de Pesquisas das Culturas Negras, fundado em 08 de julho de 1975, desde a escolha de seu nome, pelos fundadores e fundadoras, já anunciava sua estratégia de resistência e habilidade política. Vale dizer que muitos dos que iniciaram a caminhada de criação da

instituição nem sequer puderam constar da listagem registrada em cartório, uma vez que tudo era monitorado pelo Regime Político vigente.

Nome importantes para a existência da instituição foram, estrategicamente, retirados da lista fundacional e, isto feito, pensando na garantia de sobrevivência das pessoas, mas também institucional, já naqueles primeiros anos de vida, sobre o impacto de mudanças no pensamento e ações do povo negro brasileiro.

O IPCN nasce em meio a alguns segredos e caminha no desfiladeiro da disputa política: preservando nomes, caminhos e trajetórias, por vezes para resistir e outras como forma de enfrentar o avanço das muitas ocupações que tentaram impor ao corpo institucional, especialmente sobre os valores da cultura negra[7].

Adquirir com recursos captados em uma instituição internacional um imóvel no centro da capital do estado (CONTINS, 2005), na vizinhança histórica de muitos dos lugares de onde se originaram ideias eugênicas para o Brasil, foi objeto de questionamento de boa parte de seus associados. Para elaborar reuniões "culturais" e debates investigativos que instrumentalizassem as "pesquisas" sugeridas em seu nome era necessário ter uma sede própria.

1.1 Antes de Começar

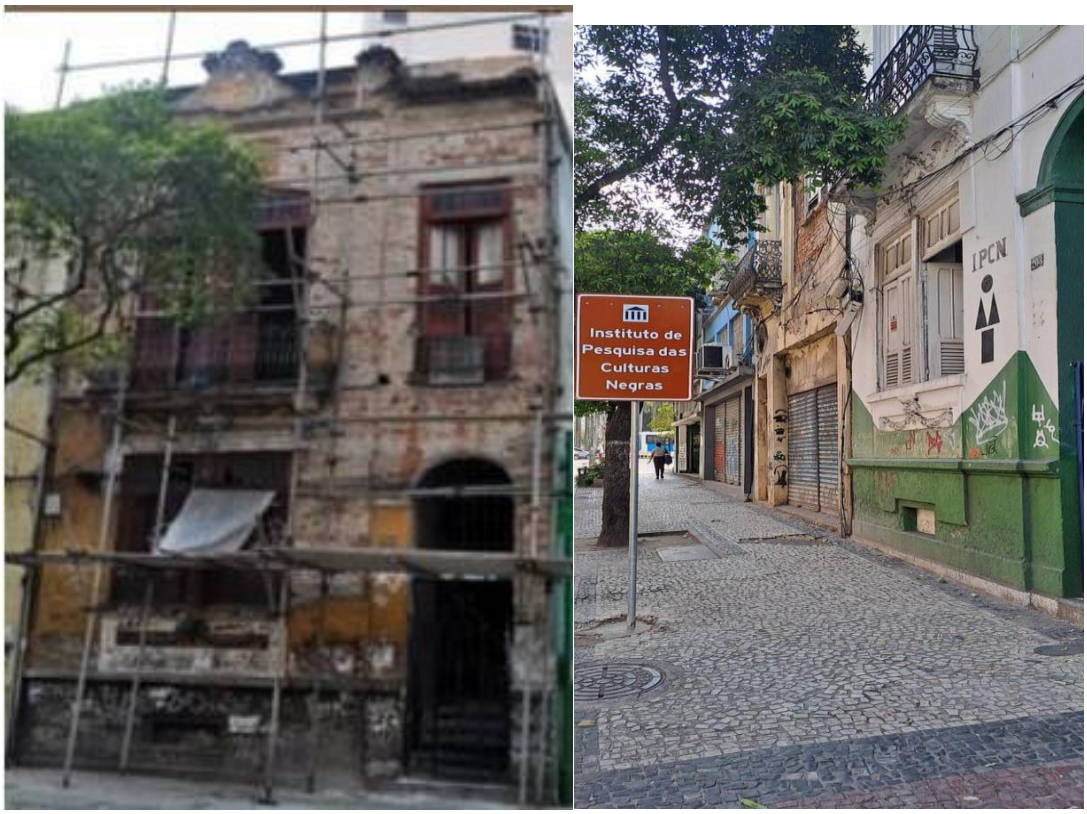
Cada pessoa que atravessa o portão da casa centenária, da Av Mem de Sá 208 deveria dizer, mentalmente, palavras de gratidão aos verdadeiros proprietários desse espaço sagrado de uma das maiores organizações negras da história do século XX no país: o Instituto de Pesquisas das Culturas Negras - IPCN.

Foi nesse diapasão que homens e mulheres negros e negras, durante a segunda metade dos anos 1970, se reuniram para muitos dos debates que se estabeleceram para os ataques ao "Mito da Democracia Racial" e as lutas decorrentes de sua derrubada para o reconhecimento do Brasil como um país RACISTA. E, aqui, é importante mencionar que na década do ano 1960 uma comissão da UNESCO esteve no Brasil, para *in loco* verificar a existência da democracia

[7] Até hoje, 21 séculos após a instituição do cristianismo no próprio solo africano, trabalhar com a cultura africana dá profundo trabalho intelectual, prazeroso, histórico e inquietante para alguns seres humanos, porque existe uma contradição, paradoxo, e negação da própria história da espécie humana. São mecanismos conscientes ou inconscientes para compreender e aceitar as evidências apresentados pelo sujeito não negro e até mesmo por sujeitos não brancos, nascidos na África ou na diáspora africana. Vide o livro do teólogo Thomas Clark Oden (1931-2016) fundador da paleo-ortodoxia: "Quão africano é o cristianismo? Redes cobrindo as raízes africanas da fé cristã."

racial, e nada de democrático encontrou no dia a dia da sociedade brasileira. (FRANCO, 2019) (LEAL, 2008).

Figura 1: Sede do IPCN na segunda obra Anos 2000 – Momento atual ano 2024



Fonte: Arquivos da Instituição (2024)

No entanto, tal preocupação universal da UNESCO remonta à década de 1940 conforme o relato da professora, Fernanda Arêas Peixoto, da Universidade de São Paulo - USP, narrando "O Programa UNESCO sobre as relações raciais no Brasil". (PEIXOTO, 2022) De acordo com a professora:

> A compreensão dos motivos da eleição do Brasil pela Unesco nos remete às origens do projeto, cuja história, já muitas vezes contada, se mistura com a missão universalista e humanista do organismo criado em 1945. A Unesco tinha como vocação entender as nações e os povos, e disseminar valores pacifistas e democráticos, em uma época marcada pelos efeitos dramáticos do Holocausto, pela segregação racial nos Estados Unidos e na África do Sul e pela instalação progressiva da Guerra Fria e das sublevações coloniais. O compromisso entre conhecimento e propaganda está no fundamento do perfil da organização e aparece em todas as suas atividades, que associam pesquisa científica, educação e divulgação.

Também aquelas que de alguma forma assumem papéis de gestão ou observação desse território sagrado da luta antirracista brasileira, são guardiãs e guardiões. São como aquelas figuras míticas que forjaram as ferramentas para as lutas, batalhas e guerras, por diferentes motivos, que foram travadas ao longo da história. Com as ferramentas da luta negra, forjadas, também no IPCN, lutamos, ainda hoje, contra o racismo à brasileira. Perverso e carregado de mensagens simbólicas.

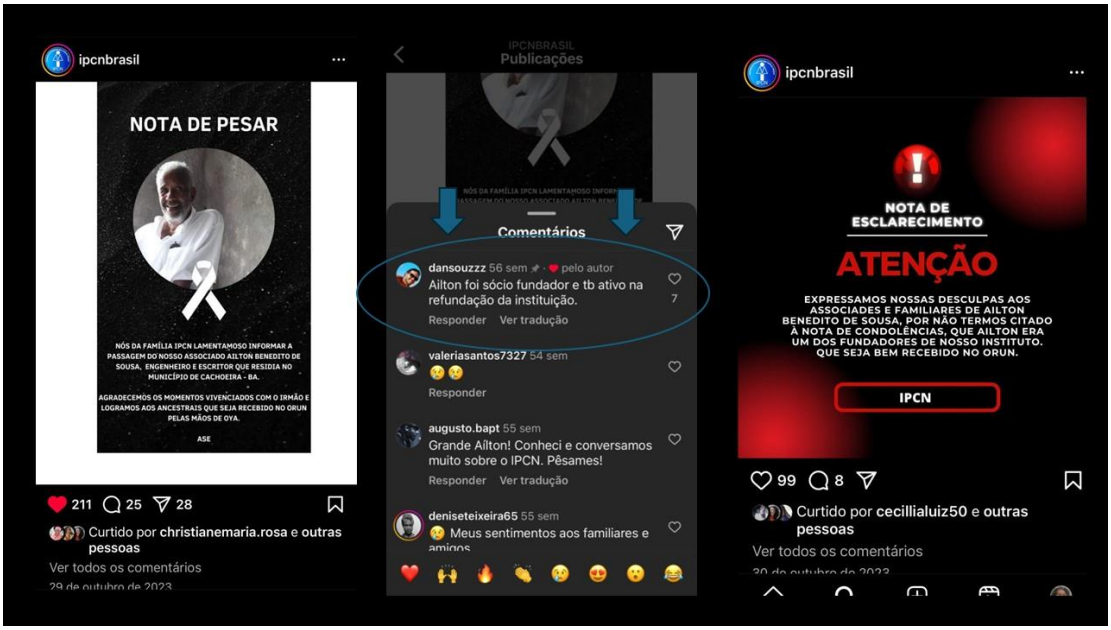
Os verdadeiros donos do IPCN, serão sempre aqueles que ousaram. Encravaram no coração da cidade um espaço ancestral da luta que contribuiu para a derrubada do Mito. Aquele da Democracia Racial. E surgiram outros depois. Derrubá-los, um a um é uma das formas de lutar contra o racismo, a discriminação, o preconceito, a intolerância correlata.

Muitas dessas pessoas, porém, nem sequer tiveram seus nomes elencados no muro sagrado do registro cartorial. O que eternizava documentos para as gerações futuras antes do surgimento da internet. Os mesmos cujo valor legal, não se pode contestar, pois são legitimados pelo sistema jurídico. O cartório detém a prerrogativa, a fé pública para guardar documentos de fundação de instituições. Mas, eram tempos difíceis e muitos dos que começaram a saga de fundar uma associação de negras e negros, poderão não nem sequer ser lembrados pelos que apenas folheiam e leem documentos. É lá na memória dos, ainda, viventes, que é possível relembrá-los.

Na filosofia dos povos tradicionais é comum ouvirmos que “quando um velho morre, uma biblioteca que se queima”. Guardar memórias, ainda é um grande desafio dos nossos tempos.

Isto é o que tem sido tentado pelos associados e associada da instituição pesquisada em seus momentos de revitalização. Um desses casos e que pode ser registrado, por ser contemporâneo a este trabalho, é o do Professor AILTON SILVA BENEDITO. Reproduzimos, a seguir, foto das postagens nas redes sociais do IPCN. O perfil @ipcnbrasil, instagram e facebook, homenagearam o honrado associado. Marcou presença em várias diretorias e sempre esteve à frente na elaboração de estratégias de luta.

Figura 2: Notas institucionais sobre morte de fundador



Fonte: Perfil do IPCN no instagram - @ipcnbrasil (2024)

De maneira rápida, prontamente veio a resposta institucional. O comentário feito por uma seguidora informava que o Prof. Ailton fora fundador da instituição. Não constava dos registros! Após verificações realizadas com o ex-presidente Benedito Sergio, foi apurado pela atual presidente do Conselho Diretor, Professora Marcia Gloria de Lima[8], que realmente o Prof. Ailton[9] fora uma das pessoas que mesmo sendo fundadora do Instituto, não teve seu nome registrado nos anais do documento público. Naquele momento, o regime político o impedia de estar em qualquer organização. O sombrio período da política nacional. A possibilidade de haver perseguição, não somente ao próprio Ailton, mas também a nova organização que nascia fez parte da decisão de cobrir-se com o manto da invisibilidade.

Na cultura tradicional da afro diáspora, ainda se preserva a memória do respeito aos que vieram antes. Nem mesmo, toda essa ansiedade em antecipar os momentos futuros que têm sido demonstradas pelas gerações atuais de IA (inteligência artificial) podem dar conta. Seguir pegadas é uma simbologia que envolve o ato de reverenciar os que vieram antes.

[8] MARCIA GLORIA DA COSTA LIMA HENRIQUE (15/08/1964 -), Nasceu no Rio de Janeiro-RJ, mãe de 02 filhas, avó de duas netas. Funcionária Pública, Professora com formação em Português-Inglês, Candomblecista, foi tesoureira da instituição, é atual Presidenta do Conselho Diretor mandato 2023-2026.

[9] AILTON DE SOUSA BENEDITO (27/09/1939-29/10/2023), Nasceu em Cachoeira-BA, pai de 06 filhos, preso pela ditadura militar quando cursava o último período de direito. Jubilado, formou-se depois em engenharia e professor de Letras. Era escritor e tinha como foco “raça e ambiente”.

As memórias individuais, porém, são a grande tábua de salvação para evitar o esquecimento daqueles que não puderam estar nos registros. É um mundo em colapso (KRENAC, 2022) e as populações que tiveram suas histórias apagadas por processos civilizatórios de violações de direitos precisam contá-las. Sobre isto JUNG menciona:

> "Até hoje, aos 83 anos, instante em que escrevo estas memórias, não vejo com clareza as relações que ligam entre si minhas mais antigas lembranças. Elas são como rebentos isolados de um mesmo rizoma subterrâneo, ou as estações de uma progressão inconsciente." (JUNG, 2021. p. 47)

Negras e negros foram ativistas invisíveis na maioria das histórias sobre heróis e heroínas ensinadas nas escolas. Não foi diferente nas muitas histórias contadas sobre a ditadura militar nas décadas de 60/70. Não fazem parte dos filmes e livros com raríssimas exceções.

Estiveram lá e fizeram a luta contra o racismo, o fascismo, a misoginia, a violência do estado, a violência doméstica e o feminicídio, o reconhecimento da necessidade de isonomia para ocupar o mercado de trabalho, melhores condições para estudar e produzir saberes. A articulação, mobilização política, social e econômica de pessoas negras brasileiras foi muito efetiva. Mas pouca gente, além das pesquisadoras/es negras e negros, que produzem a partir do conhecimento dos "saberes emancipatórios", falam sobre isto:

> "Nesse caso, o que estamos considerando como saberes emancipatórios produzidos pelos negros e pelas negras e sistematizados pelo Movimento Negro? Trata-se de uma forma de conhecer o mundo, da produção de uma racionalidade marcada pela vivência da raça numa sociedade racializada desde o início da sua conformação social." (GOMES, 2017. p.67)

Este silenciamento é o epistemicídio[10], termo cunhado por SANTOS (1995) como mencionado:

> "O termo utilizado para conceituar essa "morte do saber" é o epistemicídio, o pensador Boaventura do Sousa Santos (1940 -) discorre sobre o tema na obra Pelas mãos de Alice (1995), nessa obra o autor afirma que o epistemicídio é uma estratégia do paradigma da modernidade, ou paradigma dominante, para manter sob o julgo etnocêntrico os saberes estranhos a episteme europeia." (PESSANHA, 2019. p.186)

De forma insurgente aqueles jovens aguerridos um dia se encontraram, começaram a se reunir. Mudaram a forma de lutar contra o capitalismo, os porões da ditadura militar, o mito da

10 Termo que tem sido utilizado para descrever a destruição ou marginalização de conhecimentos e saberes específicos de certos grupos ou culturas. Esse conceito está relacionado à ideia de que algumas formas de conhecimento são desvalorizadas, ignoradas ou até mesmo suprimidas, muitas vezes em detrimento de visões dominantes ou hegemônicas.

democracia racial e pela redemocratização do Brasil. Quando fizeram isto, sonharam juntos e na ousadia juvenil daqueles que acreditam que podem atirar-se na concretização, compraram uma sede. Podemos perceber a importância disto através do que menciona a ativista Lucia Xavier[11]:

> "O IPCN era um ponto de referência – era a única organização que tinha lugar fixo, que não se perdia nas mudanças, nem nas desestruturações dos grupos, que tinha informação, mesmo que muito precária. Era um ponto de difusão, de irradiação de informação. Nos ajudou a ampliar o leque de entendimento. Ao mesmo tempo, tinha as referências americanas e as coisas que aconteciam no continente europeu. A gente tinha lá um caldo profundo de releitura teórica sobre as maneiras de superar o racismo e de enfrentar, e de pensar que não nós queríamos, que mundo nós queríamos – se mais à esquerda, se mais à direita." (ALBERTI, PEREIRA, 2007. p. 82)

Aqueles jovens negros cheios de energia ousaram em fundar o IPCN. Escreveram seus nomes na pedra da memória ancestral. Registram o que foi possível nos anais cartoriais. E, continuam a ousar funcionando há quase 50 anos. O IPCN, pode ser compreendido, segundo ensina THEODORO (1985. p. 39), em um "polo de irradiação" de luta contra o racismo, um espaço de trocas de saberes e Àṣè[12].

1.2 Anos de Chumbo

Os tempos eram outros e bem mais difíceis, pois o Brasil vivia um dos momentos mais violentos de sua história recente com uma Ditadura Militar que reproduzia violações de direitos em progressão geométrica enquanto utilizava os meios de comunicação para manipular informações, valendo-se de Esporte e a Cultura.

Nas organizações que lutavam diretamente contra a ditadura militar não se falava em relações raciais, é o que vemos em:

> "No país, mito da "democracia racial" penetrou na mentalidade até de quem nos "anos de chumbo" lutava pelo estado de direito, os partidários de esquerda" Eles ignoravam as características mais profundas da discriminação e o preconceito de cor." (OLIVEIRA, 2014. p. 90)

Muitas informações eram confundidas pelo acesso de muitos brasileiros e brasileiras, as telenovelas e programas de TV que cada vez mais eram consumidos pelos moradores

[11] Lucia Xavier: Nasceu na cidade do Rio de Janeiro em 1º de janeiro de 1959. Integrante do IPCN na década de 11980, em 1992 foi uma das fundadoras da Criola, entidade do movimento de mulheres negras. Assistente Social formada pela UFRJ em 1984. (ALBERTI, PEREIRA. 2007)

[12] Aqui a palavra está escrita em sua forma abrasileirada com "x", porém no idioma iorubá é grafada com "s" cuja acentuação denota a forma de pronúncia.

distanciados dos grandes centros urbanos, então tudo o que podiam saber era através das emissoras de rádio e tv sob controle e censura governamental.

Nesta perspectiva, a escolha do nome Instituto de Pesquisas das Culturas Negras pelos fundadores e fundadoras do IPCN, foi estratégica e pode garantir naqueles primeiros anos de vida, as muitas iniciativas criadas, inclusive aquela que possibilitou a aquisição de um espaço próprio para elaborar suas reuniões culturais e debates investigativos que instrumentalizasse as "pesquisas" sugeridas em seu nome. Foi nessa instituição que homens e mulheres negros e negras se reuniram para muitos dos debates que se estabeleceram para os ataques ao Mito da Democracia Racial e as lutas decorrentes de sua derrubada para o reconhecimento do Brasil como um país RACISTA.

Sobre isto, também é importante salientar o seguinte:

> "Devemos ter em mente que as reportagens foram feitas no período de vigência do regime militar no Brasil. Em que a vigilância do Estado era exercida em todas as esferas, com especial preocupação na esfera cultural. Órgãos de segurança investigavam a entrada de recursos financeiros, conforme os relatos de Medeiros e Filó – e, também, de ideias norte-americanas no país. Além disto, organizações de militância conta a discriminação racial estavam sendo vigiadas naquele período. No bojo desta conjuntura é que será possível perceber o discurso dos black. Na pesquisa dos jornais, somente uma vez o IPCN é abordado com instituição militante e um dirigente seu é entrevistado, mas ele fez questão de omitir o nome, informa a reportagem de Jalusa Barcellos e Gibson Silva, da Última hora." (OLIVEIRA, 2014. p.122)

Muito embora os tempos fosse difícil no aspecto da violação de direitos, um fato narrado por OLIVEIRA (2014) merece ser reproduzido aqui em nome do culto a ancestralidade que fez acontecer a luta antirracista para chegarmos até aqui. Um feriado nacional promulgado pelo presidente da República, em homenagem a luta por liberdade, do maior contingente populacional do Brasil, composto por pretos/pretas e pardos/pardas: negros e negras:

> "Na delegacia para onde foram levados constatou-se que penas um deles tinha antecedentes criminais. Entre os vários protestos, o mais notável para o interesse desta dissertação partiu do IPCN. Com a reabertura democrática em cursos os militantes saíram as ruas em primeiro de outubro de 1982, dia seguinte ao fato." (OLIVEIRA, 2014. p 124)

A narrativa tem relação com a prisão de homens no morro da cachoeirinha, fato registrado[13] pelo jornalista fotográfico Luis Mourier que faz parte de seu acervo, onde homens

[13] Em sua edição de 30 de setembro de 1982. o Jornal do Brasil trouxe em sua capa uma imagem, feita pelo fotógrafo Luiz Morier, de cinco homens sendo presos pela Polícia Militar do Rio de Janeiro. A foto era acompanhada pela seguinte legenda: "Todos negros, em fila, corda no pescoço, os detidos caminham para a caçapa. Como escravos". No ano seguinte, Morier ganhou o Prêmio Esso pelo registro. Fonte: Agência Senado

foram amarrados com cordas no pescoço e o policial ostentava sua imagem segurando a corda onde os homens estavam presos. Quando souberam deste fato, ativistas do Instituto de Pesquisas das Culturas Negras, conforme narrado por Marcos Romão no vídeo do Youtube sobre violência institucional, realizado pelo também associado do Instituto Carlos Medeiros:

Segundo ROMÃO:

> "..., mas a principal, pra nós do movimento negro daquela época foi o acontecimento feliz de um fotógrafo ter tirado a foto de negros amarrados pelo pescoço. Situação que todos nós já conhecíamos que acontecia pelo estado, mas que pela primeira vez um Jornal, o Jornal do Brasil, colocou um flagrante do racismo na imprensa e na mídia nacional. Naquele dia mesmo que aconteceu que foi tirada essa foto, uma amiga minha assistente social, Maria do Amparo, ela soube daquilo e me avisou. Nos preparamos la no Instituto de Pesquisas das Culturas Negras, e no dia seguinte, de manhã cedo, de manhã cedo, compramos o jornal assim que ele saiu nas bancas e descemos aqui para a Cinelândia. Éramos mais o menos umas cinco ou seis pessoas, naquela hora, oito, nove horas da manhã. Vestidos de palito e gravata, só que em vez de uma da gravata nós trazíamos uma corda amarrada no pescoço, e pendurado nessa corda a foto desses jovens negros amarrados pela Polícia Militar do Rio de Janeiro. Esse momento foi um momento de mudança para o país e para o negro brasileiro. Pela primeira vez que nós saíamos da invisibilidade do racismo que nós sempre falávamos que existia, ele foi exposto para o mundo inteiro." (https://youtu.be/iSAO5wpdLoE?si=bq-jEmCrsxmTlT_K)

Figura 3 Foto de capa do Jornal do Brasil de 30/09/1982.



JORNAL DO BRASIL

Rio de Janeiro — Quinta-feira, 30 de setembro de 1982 Ano XCII — Nº 175 Preço: Cr$ 70,00

Militares em Israel exigem saída do Líbano

Integrantes do movimento Yesh Gvul (Existe um Limite), reunidos em frente ao Ministério da Defesa de Israel, apresentaram ontem um abaixo-assinado firmado por 1 mil militares da reserva, pedindo que o Governo retire as tropas israelenses do Líbano. Os signatários incluem 149 oficiais, entre eles dois tenentes-coronéis e seis majores.

Os fuzileiros navais americanos desembarcaram ontem em Beirute e assumiram posições no porto e no aeroporto da Capital libanesa, unindo-se às forças francesa e italiana numa missão de paz que deve se estender até que todas as tropas estrangeiras estejam fora do Líbano. O aeroporto será reaberto hoje ao tráfego aéreo internacional, depois de paralisação de quase quatro meses. (Pag. 14)

Bolsa em alta marca com 8,2% recorde do ano

O mercado de ações da Bolsa de Valores do Rio registrou ontem a maior alta do ano, 8,2%, com o IBV de 5 mil 132 pontos, repetindo a tendência do pregão anterior, com uma valorização de 4,3% nos preços médios dos papéis. No entanto, ainda não se recuperou da queda iniciada no dia 14, quando o IBV alcançou o recorde de 5 mil 940 pontos. Nos dois últimos pregões de alta a desvalorização em relação ao recorde cai para 13,60%, depois de ter atingido 23,68% segunda-feira, 27. (Páginas 18 e 19)

Tempo

Índice

PDS não vota empréstimos ao metrô do Rio (Pag. 3)
PDS lança cartilha da abertura (Pag. 3)
Procurador denuncia Camata (Pag. 4)
"Caligula" é liberado sem cortes (Pag. 5)
Corregedor vai ao STF contra Presidente (Pag. 5)
Anistia fiscal se encerra hoje (Pag. 9)
Villas-Bôas Corrêa "Matalotagem para fim de viagem" (Pag. 11)
Mansour Challita "A astúcia na política" (Pag. 11)
Loteria Federal sai para o nº 55 066 (Pag. 16)
Produtor ganha mais no açúcar e no álcool (Pag. 22)

Luiz Morier

Todos negros, em fila, corda no pescoço, os detidos caminham para a caçapa. Como escravos

Fonte: site do Jornal na internet constante das referências (2024)

Os atos promovidos pelos ativistas do IPCN, em especial Marcos Romão[14], Filó[15] e Carlos Medeiros[16], com a presença de Carlos Alberto Oliveira – Caó, político do PDT e então candidato a deputado Federal que posteriormente foi nomeado como Secretário Estadual de Trabalho e Habitação e se elegeu Deputado Federal Constituinte (1987-1991), conforme citado por OLIVEIRA (2014):

> "Entre os vários protestos, o mais notável para o interesse desta dissertação partiu do IPCN. Com a reabertura democrática[17] em curso, os militantes saíram às ruas em primeiro de outubro de 1982, dia seguinte ao fato. (OLIVEIRA, 2014. p.124)

Para essa sobrevivência do hoje, foi preciso passar pelo ontem com muitas sequelas em memórias perdidas, esquecidas ou sacrificadas para que fosse possível seguir em frente, atravessar os piores momentos e reconquistar a liberdade roubada. Vale mencionar o documento encontrado pela Comissão da Verdade, do SNI e que demonstram a observação mantida sobre as reuniões de Instituto.

1.3 Política Interna

As lutas antirracistas, no âmbito do Movimento Negro e em especial no IPCN serviram para expor as vísceras das relações de gênero nas comunidades negras, nos espaços culturais e nos territórios onde a maioria negra determinava os rumos os acontecimentos.

Enquanto isto, no IPCN era construída uma rede de comunicação que pudesse instrumentalizar a militância nas organizações negras. Jornais, Boletins, panfletos e informativos em outros meios de comunicação produzidos ou coletivos negros. Entre os organizadores da iniciativa estavam mulheres.

---

[14] Marcos Romão (1953-2018) Jornalista e Sociólogo, foi um dos criadores e responsáveis pelo Projeto SOS Racismo implementado pelo IPCN na década de 1980. Era irmão da Psicóloga Rosane Romão e militante da defesa dos Direitos Humanos.

[15] Asfilófilo de Oliveira Filho (1949 -) Engenheiro Civil, jornalista, produtor cultural, cine documentarista é o proprietário do canal youtube Cultne o maior acervo sobre o movimento negro da américa latina. Um dos precursores do Movimento Black Rio. Conhecido no meio da militância como "Dom Filó"

[16] Carlos Alberto Medeiros (1949 -) Fundador do IPCN, esteve na direção da instituição por vários momentos e colaborou para a compra da sede da instituição. Jornalista e sociólogo.

[17] Naquele mês de setembro de 1982, o país já vivia o que se chamou de "abertura lenta, gradual e segura", com a (re) abertura de partidos políticos, a dois meses de eleições diretas para governador após 18 anos de governadores nomeados e eleito por pleito indireto – o governador Antonio de Pádua Chagas Freitas. (OLIVEIRA, 2017, p. 124)

Figura 4 Recorte de Jornal não identificado - Arquivo instituição



Mulher negra

Em um país mascarado de DEMOCRACIA RACIAL, falar de mulher negra é falar de discriminação. Isto porque a mulher negra sofre um massacre discriminatório violento, que vai desde as camadas mais baixas até as que conseguem atingir uma posição de destaque dentro da sociedade. Quando se fala em camadas mais baixas é porque é lá que se encontra a mulher negra. 80% das mulheres negras são desempregadas, morando em favelas, trabalhando em casas de famílias, sendo submetidas a constantes humilhações (vide "morada do sol") e muitas que por falta de opção e apoio são usadas pelos "Sargenteles" da vida, na prostituição, que as encaminham para os presídios e manicômios.

Poucas são as mulheres negras que conseguem atingir uma posição de destaque dentro da sociedade. Na maioria das vezes as poucas que conseguem, passam a funcionar como agente de discriminação, pois ignoram a sua condição de ser negra e passam a usar e serem usadas.

MARIA CRISTINA E MARIA ALICE
da Vice Comunitária do IPCN

Os oito anos de luta do INPC

Dia 8 de julho, dia do aniversário de fundação do Instituto de Pesquisa das Culturas Negras – IPCN.

São oito anos de luta contra o racismo e pela valorização da cultura negra. Em sua sede, neste dia, foi realizada uma comemoração pelo aniversário do Instituto, juntamente com um coquetel de lançamento do livro "Tornar-se Negro" de NEUZA SANTOS SOUZA, além da apresentação de filmes envolvendo temas sobre a questão racial.

LEIA nossas Publicações A venda no IPCN.

As mulheres negras...

Existe hoje um grupo de Mulheres Negras, que se reúne no IPCN todas as quartas-feiras, para discutir a questão da mulher. Dela participam cerca de trinta mulheres. O Grupo foi fundado em julho do ano passado com a preocupação de organizar as mulheres para participar da 1ª Convenção Nacional do Movimento Negro. Ampliou-se e em março último organizou o 1º Encontro de Mulheres Negras do RJ.

x x x

Será realizado em Lima no Peru., o III ENCONTRO FEMINISTA LATINO AMERICANO E DO CARIBE, de 19 a 22 de julho de 1983. Foram convidadas a participar do Encontro as companheiras Adélia Azevedo dos Santos, Abigail Paschoa e Jurema da Silva, todas do Movimento Negro.

x x x

1º ENCONTRO DE MULHERES DE FAVELAS E PERIFERIA

Pela primeira vez as mulheres das Favelas e Periferias, realizaram um Encontro. O mesmo aconteceu no dia 03/04/ no Clube Municipal.

No primeiro encontro discutiu-se questões como saúde, educação, trabalho, violência, etc. Apresentadas em Assembléias preparatórias em diversos bairros.

O resultado do encontro foi a apresentação de um conjunto de reivindicações, criado pelas mulheres, que representam os fatores principais de sua discriminação na sociedade como também uma estratégia de como encaminhar a resolução de tais reivindicações.

Fonte: Acervo da Instituição (2024)

Foi após a movimentação de retorno às origens do pensamento filosófico de nossos ancestrais, que o ativismo negro começa a se preocupar com rupturas na forma de convivência dentro de processos opressores. O sistema social ocidental trouxe muitas mazelas, porém entre todas, aquela que mais nos atinge, e frontalmente é a violência contra mulheres. (OYEWUMI, 2022). A forma de convivência e regras de etiqueta que alicerçam as nossas relações sociais em ambientes de trabalho, universidades e transmissões midiáticas cotidianas, são baseadas na cultura ocidental europeia. Mesmo nos dias atuais, falta compreensão sobre a importância dos papeis sociais e comunitários de homens e mulheres.

Em todos os espaços e territórios onde exercemos nossa vocação coletiva de organização comunitária e política ao reproduzirmos a lógica ocidental , é ferida a essência dos ideais fundadores de nossos ancestrais, e da “agência dos povos africanos” (LARKIN, 2009).

Para o povo negro das noites mal dormidas de senzalas e picadas nas matas, foram trançados vários caminhos que iam dar nos quilombos. Lá onde as estratégias de liberdade eram construídas em pés de igualdade, e onde se plantavam ideias sobre organização social.

Segundo como menciona RATTS (2006), Beatriz Nascimento, historiadora, uma das mulheres ativistas que participavam do IPCN em fins dos anos 1970, foi a pesquisadora que mudou conceitos, signos, e abordagens sobre os quilombos urbanos como espaços de resistência dos negros:

> "No período em pauta, lideranças dos movimentos negros, alguns e algumas com carreira acadêmica, concebiam de maneira diferenciada os quilombos enquanto reação ao sistema escravista, sociedade alternativa e/ou igualitária, locus da resistência negra que se transpunha no século XX para as favelas, as escolas de samba, as casas de culto afro-brasileiro e as próprias organizações dos movimentos negros. No entanto, como pareceu para uma parte da intelectualidade branca, não se tratava de um pensamento uniforme." RATTS (2006. p. 53)

Também é imprescindível observar que diante da construção ideológica do ocidente, a participação das mulheres muitas vezes, nas construções institucionais, não é tão visível e perceptível. Este não é o caso do IPCN. Elas representam no processo de fecundidade institucional o ponto importante da produção intelectual. Desde os primeiros momentos (CONTINS, 2005). Mas, também é possível observar que a questão de gênero já estava posta e as mulheres, principalmente através de Lélia Gonzalez estava sendo articulada (ALBERTI, PEREIRA, 2016).

É bem verdade que no âmbito da política ocidentalizada o papel das mulheres costuma ser invisível ou atrelado de maneira subordinada aos homens com os quais convivem ou se relacionam, porém no IPCN elas sempre estiveram presentes e negociavam sua participação, brigavam por ela ou afastavam-se das pautas que estivesse reproduzindo as mesmas exclusões e violações de seus direitos. Desde os primeiros momentos, encontraram uma forma de organizarem-se no interior da instituição. Chegavam antes, como nos lembra Carlos Alberto Medeiros (CONTINS, 2016. p. 128): "Depois começaram, separadas, as reuniões de mulheres, para então participarem da reunião geral."

Talvez, aqueles jovens idealistas, fundadores do IPCN não poderiam vislumbrar a longevidade institucional. Conseguiram superar divergências e a cada retomada de atividades, reergueram-se do desânimo, com relações renovadas.

Na aventura para reerguer a instituição, muitas vezes de maneira inocente, diante de desafios a serem superados, sonham em resgatar os áureos tempos do ativismo das décadas de 1970-1990. Tempo muitas vezes, romantizado por uns e supervalorizados por outros. Alguns afirmam a impossibilidade de serem igualados.

Figura 5 Posse de diretoria na sede da Instituição



Fonte: acervo institucional do IPCN (2023) - Identificados na foto da direita para a esquerda: Januário Garcia; Cecília Luiz; Pedrina de Deus; Amauri Mendes Pereira.

É interessante observar, que mesmo em momentos de muito distanciamento, há um compromisso, quase iniciático, com sua existência. Há compreensões sobre o significado do IPCN na vida de seus participantes, (COTINS, 2016) (ALBERTI, PEREIRA, 2016), presentes e ausentes fisicamente, que possibilita observações e percepções múltiplas, sobre as mesmas narrativas. Ampliam, ainda mais, "a proposta epistemológica" das ideias ali difundidas (LARKIN, 2009). Há, então, algo que envolve uma espécie de reverência, gratidão, ou sentido de equilíbrio:

> "A ideia afrocêntrica refere-se essencialmente à proposta epistemológica do lugar. Tendo sido os africanos deslocados em termos culturais, psicológicos, econômicos e históricos, é importante que qualquer avaliação de suas condições em qualquer país seja feita com base em uma localização centrada na África e sua diáspora." (ASANTE, In LARKIN, 2009 p 93)

Como no sentido filosófico de "verdade, harmonia, retidão, justiça, ordem, equilíbrio e reciprocidade" (ASANTE, 2022) insculpido na cosmopercepção africana, tão plural quanto

possamos compreendê-la. Voltamos ao que efetivamente nos impulsiona neste diálogo, como abertura do "obturador"[18], para melhor apreensão do sentimento compartilhado:

> "[...] afrocentricidade é um tipo de pensamento, prática e perspectiva que percebe os africanos como sujeitos e agentes de fenômenos atuando sobre sua própria imagem cultural e de acordo com seus próprios interesses humanos" (ASANTE, In LARKIN, 2009. p 93)

Falando a partir dos ideais fundacionais do IPCN, observados nos documentos analisados pela pesquisa, é possível compreender como o "Movimento de Consciência Negra" emerge para a "reorientação e recentralização" (LARKIN, 2009) de negras e negros. É o que encontramos nas palavras do Profº D'Adesky:

> "No Brasil, os militantes e intelectuais do Movimento Negro contemporâneo, surgido no início da década de setenta através da criação do Grupo Palmares em 1971, da Sociedade de Intercâmbio Brasil-África (Sinba) em 1974, bem como do Instituto de Pesquisa de Cultura Negra (IPCN) em 1975, em particular, conseguiram desempenhar esse papel de conscientização ao desvelarem as ilusões sobre os jogos sociais que imobilizavam as posições nos campos cultural e racial havia longo tempo." (D'ADESKY, In D'ADESKY. 2021. p.93)

O propósito, muitas vezes não dito com todas as palavras, outras dito com as palavras mais próximas de uma realidade cultural de cada agrupamento: sermos protagonistas. Ou melhor dizendo, Agentes (ASANTE, in LARKIN, 2009) na busca e construção de uma amefricanidade (GONZALEZ, 1988).

As versões linguísticas muitas vezes, impregnam o sentido real das palavras, utilizando outras que muitas não raro são incapazes de (OYEWÙMÍ, 2022) traduzir a magnitude do que é dito na origem. Nos idiomas africanos traduzidos para o inglês e outros idiomas há múltiplos sentidos que reduzem as possibilidades imaginativas. É imprescindível estar conectado, para através da cosmopercepção, com os mistérios da orixalidade (ALVES, 2020) encontrar sentido, não na tradução literal de palavras, mas pela reconexão com o sistema religioso e cultural africano (SANTOS, 1976), e suas complexas relações com a ancestralidade. Este exercício, pode acontecer de forma inconsciente, sem estratégia estabelecida de maneira sistematizada, mas é possível observar em tamanha longevidade institucional as migalhas deixadas em cada parte da caminhada.

[18] Tomo, por liberdade e licença poética, emprestada a palavra que melhor se adapta. O obturador é um componente da lente da câmera fotográfica que permite a entrada de luz para o corpo da câmera.

1.4 Articulações Externas

Desde a compra da sede da Av Mem de Sá 208, o IPCN tem sido uma instituição com articulações externas, inclusive na esfera internacional. Sempre com êxito e bons resultados. A casa foi adquirida com verba vinda de conexões internacionais. No ambiente político, o Instituto fez parte de governos, elegeu políticos e desenvolveu, através de seus membros e membras, trabalhos em muitos espaços, para construir maior equidade.

Atuar em uma organização negra é como assumir ou se impor a uma espécie de tratamento psicossocial para as mudanças dos próprios paradigmas sobre a situação do negro. Ser agente de transformação da visão e apresentação midiática estereotipada sobre um "negro sujo, fedorento e empobrecido".

Como dito por GOMES (2017. p 24):

> "Portanto, não basta apenas valorizar a presença e a participação dos negros na história e na cultura e louvar a ancestralidade negra e africana para que um coletivo seja considerado como Movimento Negro. É preciso que nas ações desse coletivo se faça presente de forma explicita uma postura política de combate ao racismo. Postura essa que não nega os possíveis enfrentamentos no contexto de uma sociedade hierarquizada, patriarcal, capitalista, LGBTfóbica e racista."

O Professor Amauri Mendes Pereira já foi um dos presidentes do IPCN e mantém acervo sobre a história e as ações realizadas por essa instituição em vários momentos da vida institucional, narrando em seu texto "luz sobre o IPCN, relembrar para superar" PEREIRA (2023. p. 26-38) que está no livro elaborado pelo IPCN sobre seus 47 anos de luta antirracista:

> "Foi no IPCN que se reuniu a 1ª Assembleia Nacional de Organização do Movimento Negro Unificado, nos dias 9 e 10 de setembro de 1978; Foi lá que se sucederam os ciclos de debates: QUESTÃO RACIAL e partidos políticos/sindicalismo/religiões/Movimentos Sociais, no imediato pós-anistia e retomada de direitos políticos, quando se anunciava o fim da ditadura civil-militar. Algumas das mais visíveis lideranças progressistas atenderam a nossa convocação para discutirmos os desafios – também raciais – naquela conjuntura. Nosso salão era pequeno para a quantidade de negrxs e não-negrxs que queriam assistir aos embates de novos e velhos atores, com novos papéis, protagonizando momentos memoráveis de vigorosas discussões, francas, diretas. Era, também, no IPCN que funcionava uma espécie de secretaria, onde eram preparados os documentos e boletins, que mobilizaram os Encontros Estaduais Do Movimento Negro: Nova Iguaçu - 1983 e 1986; Madureira - Império Serrano - 1988; UERJ - 1991; O IPCN abrigou a primeira reunião da nova

> militância, que surgira na década de 1970 em todas as regiões brasileiras. Foi um dia "arranjado" na organização de um grande Seminário Nacional organizado pelo CEAA - Centro de Estudos Afro-Asiáticos, em 1982. Paulo Roberto dos Santos – então presidente do IPCN – era, também, pesquisador do CEAA, e membro da Comissão de Organização;"

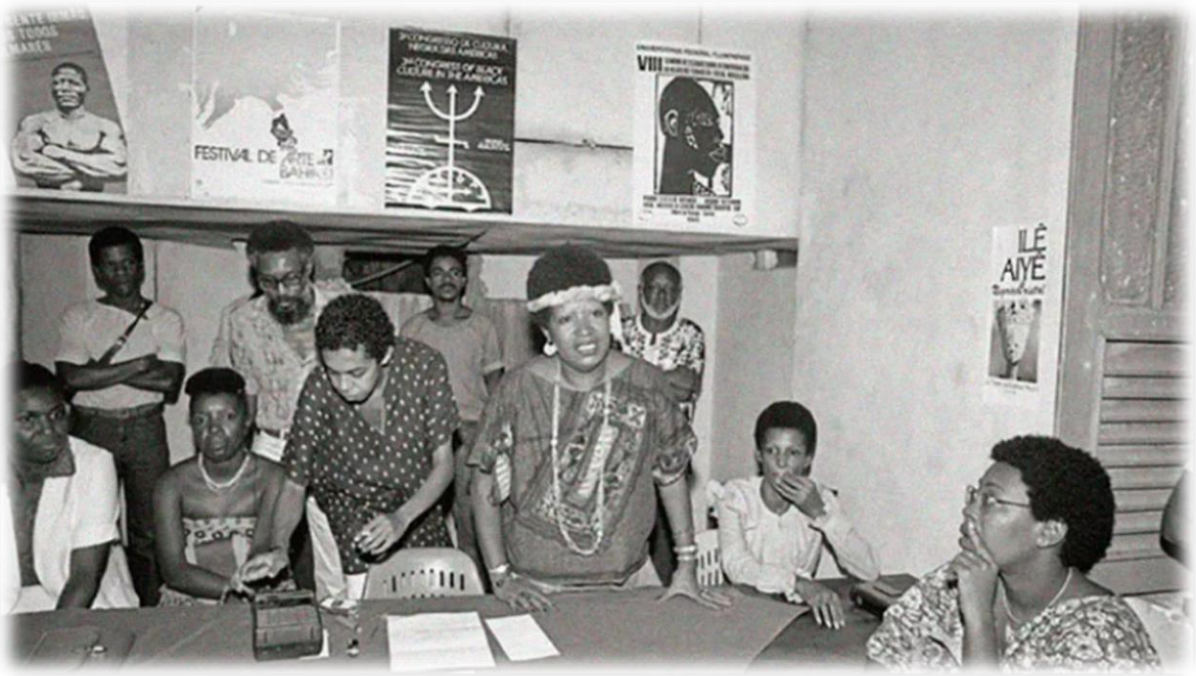
Imperativo agir para processar as mudanças que desejamos ver acontecer no ambiente externo a partir da perspectiva de Carl Gustav JUNG sobre o processo de transformação e mudança que é frequentemente associado à ideia de que as mudanças significativas ocorrem de dentro para fora. Essa abordagem está alinhada com a ênfase de Jung na psicologia analítica e na exploração do inconsciente, tendo no conceito central dessa ideia o da "individuação". Para JUNG, a individuação é o processo pelo qual uma pessoa se torna o indivíduo único que ela (STEIN, 2006) é destinada a ser. Esse processo envolve a integração dos elementos do inconsciente, levando a uma maior consciência e unidade pessoal.

Podemos levar esse conceito para os muitos aspectos institucionais, como em um Planejamento Estratégico onde somos levados a pensar em Forças, Oportunidades, Fraquezas e Ameaças institucionais e dialogar com as propostas que possam alavancar na instituição possui para sua revitalização.

Embora seja uma instituição, é necessário que os gestores compreendam que está acontecendo, ao longo da existência do IPCN um o processo de mudança na própria sustentabilidade institucional. Isto pode começar pela mudança individual. Cada pessoa que muda, pode mudar tudo ao seu redor. Nos conceitos de JUNG (OC. 7/2 § 252) encontramos uma das respostas para as muitas inquietações:

> "Os instintos coletivos, as formas fundamentais do pensamento e do sentimento humanos, cuja atividade é revelada pela análise do inconsciente, representam uma aquisição que a personalidade consciente não pode assimilar sem um transtorno considerável. Por isso, no tratamento prático é de a maior importância ter sempre em mente a integridade da personalidade"

Figura 6 Assembleis do IPCN década de 1980



Fonte: Acervo da Instituição (2023) – Identificados na foto: da direita para a esquerda a frente: Suzete Paiva, Maria Alice dos Santos, Lelia Gonzalez, Paulo Roberto dos Santos e Adélia Azevedo. Ao fundo Sebastião Soares.

Ao começar a exploração de um território institucional, com incontáveis histórias, memórias e ações realizadas, necessária uma percepção primordial:

> "Se a psique coletiva for tomada como um patrimônio pessoal do indivíduo, disso resultará uma distorção ou uma sobrecarga da personalidade, difícil de dominar. Por conseguinte, é absolutamente necessário distinguir os conteúdos pessoais dos conteúdos da psique coletiva." (JUNG OC. 7/2 § 241)

Com esse cuidado a pesquisa buscou caminhar na observação das atividades e documentos, fotográficos e escritos. Mesmo na leitura de narrativas e registros em pesquisas que compõe a presente bibliografia, há partes cuja aceitação ainda não emergiram:

> "Todos os instintos básicos e formas fundamentais do pensamento e do sentimento são coletivos. Tudo o que os homens concordam em considerar como geral é coletivo, sendo também coletivo o que todos compreendem, o que existe, o que todos dizem e fazem." JUNG (OC 7/2 § 241)

Na medida que essas partes são reconhecidas e incorporadas à consciência, ocorre uma transformação interna que afeta a personalidade, as atitudes e as escolhas de vida. Dentro e fora da Instituição.

O IPCN é para muitos de seus associados e associadas, como se fosse o "meu lugar", da música do Arlindo Cruz[19]: nele também encontramos "seus mitos e seres de luz" e há uma necessidade de conhecimento prévio, para compreender, respeitar e cuidar. Seguir a observação, mesmo após a pesquisa apresentada aqui, para acompanhar a chegada do novo ciclo de sua reexistência.

O que acontece nas instituições longevas, é que os pensamentos mudam; ideologias mudam; ideias mudam; e, principalmente as pessoas mudam. Isto nos remete a uma das mensagens trazidas pelo Prof. Amauri se referindo a um ensinamento recebido dos textos de Amílcar Cabral:

> "Homens não lutam por ideologias, por ideias que surgem nas cabeças de outros homens. Eles lutam por educação, saúde, segurança, emprego, dignidade, por melhores condições de vida para a sua família." ALBERTI; PEREIRA. (2016. p. 117)

Eis a maior simplicidade do IPCN. Como prossegue o ilustre ativista em seu relato no mesmo documento:

> "Assumimos a direção do IPCN em 1982. O Yedo arrumou uma ata lá e assumimos a direção. Dissemos 'A casa é nossa e vamos fazer as coisas diferentes, vamos agitar.' E fizemos. Era uma época de muita política, a volta dos exilados, a Anistia 'ampla, geral e irrestrita', um processo intenso de fermentação política..." (ALBERTI, PEREIRA, 2016. p. 117)

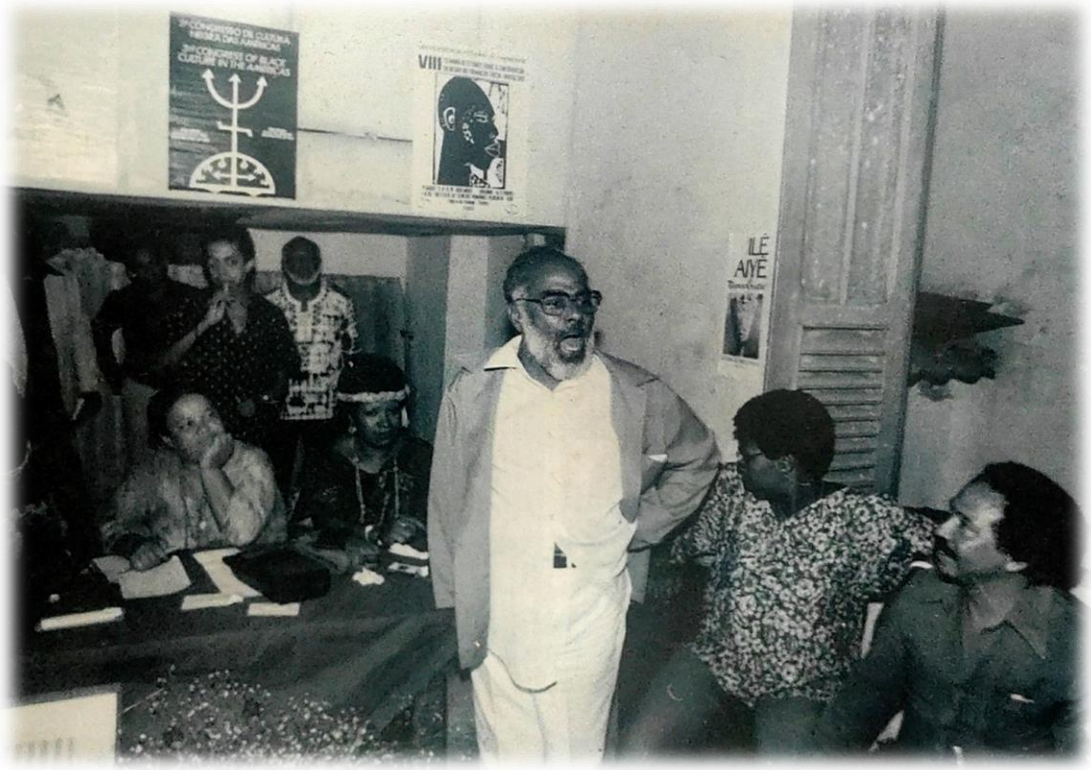
Era a chegada dos anos 1980 e logo mais seriam "comemorados" os 100 anos da Lei 3353 de 13 de Maio de 1988, que declarou extinta a escravidão no país. Na trajetória do Movimento Negro, até chegar naquela casa da Mem de Sá 208, sede do Instituto de Pesquisas das Culturas Negra muitos passos foram dados. Sempre em busca de igualdade, liberdade. Pessoas invisíveis elaboraram pensamentos e ofereceram casa, dinheiro, tempo e principalmente seu corpo negro para a luta.

1.5 Pensamento Negro

É importante observar e reconhecer que em cada pessoa negra, habita a força e o poder de uma tradição de luta que restaura laços ancestrais. Obviamente, é um pensamento negro, insurgente, revolucionário, transgressor, mas extremamente coerente.

[19] **Arlindo Domingos da Cruz Filho** (14/09/1958 -), Nasceu no Rio de janeiro, conhecido como **Arlindo Cruz,** é casado com Babi Cruz. Pai de 02 filhos, um dos quais o cantor Arlindinho. Músico, sambista, cantor, compósito e instrumentista. Fez parte do Grupo Fundo de Quintal e depois se consagrou com cantor solo..

Figura 7 Assembleia no IPCN década de 1980



Fonte: Acervo da instituição (2023) – Identificados na foto: à frente: Dr Jesus, Suzete Paiva; ao fundo: Abgail Pascoa, Lélia Gonzalez, Paulo Roberto dos Santos.

Exatamente como trazido por THEODORO (1996):

> "Os laços de sangue são substituídos pelos de participação na comunidade, as obrigações e a linhagem iniciática. Todos estão unidos por laços de iniciação, às divindades cultuadas, aos demais iniciados, às autoridades, aos antepassados e aos ancestrais das comunidades. As mulheres são peças fundamentais dos rituais comunitários, já que seus corpos se transformam em verdadeiros altares vivos e recebem, distribuem e multiplicam o axé ou a energia da vida dos orixás, dos ancestrais e dos participantes." (THEODORO. 1996. p. 92)

É do saber que emana da existência dos africanos em diáspora que se extrai a seiva para nutrir a existência que movimenta as inúmeras ações institucionais realizadas ou não. Esteja o ser negro, envolvido ou não em um ambiente institucional como o IPCN, consciente disto, ou não. Esteja ele onde estiver. Habitante ou não de territórios periféricos e urbanos; Comunidades tradicionais. De matriz africana, caiçaras, favelas ou quilombos. O saber que em sai pelos poros,

escorre nas gingas, brilha no sorriso e sapateira na cara da sociedade vem de suas tradições milenares.

São laços que resistem e persistem dentro de cada uma dessas pessoas. Mesmo que nem se deem conta disto, pois podem estar "ao nível das formas simbólicas" (SILVA. 2002 p. 35). A percepção dessas emoções tem relação com o pensamento mítico que habita em nós.

É um exercício permanente de rupturas com as amarras mentais que o colonialismo atou. Mentes e corações de irmãs e irmãos, que, ainda hoje, se olham, mas não se veem; se ouvem mas não se escutam; em um processo de conexão com dores e internalizações, produzidas por silenciamentos e violações de direitos. Cada ser enfrenta isto, STEIN (2006. P 92) em seu único e solitário processo de individuação.

Agora, no auge dos momentos que antecedem aos 50(cinquenta) anos o IPCN agoniza fortemente. Tenta esconder suas dores, arruma suas roupas já puídas pelo desgaste do tempo. Lava, engoma, faz um serzido ou outro para esconder os sinais inexoráveis dos anos de uso. Passa a ferro quente. Retira bactérias e o brilho reaparece. Desde que os primeiros sonhadores vieram para fundar o Instituto de Pesquisas das Culturas Negras tem sido assim. Uma vivência com muita dignidade.

Nesta continuidade dos caminhos já percorridos, para estabelecer e negociar novas formas de intervenções políticas e sociais, a comunidade responsável pelo IPCN pode se reinventar. Encontrar novo formado as relações entre si e buscar a sustentabilidade institucional. Descolonizada e livre...

A filosofia Ashanti, tem no símbolo sankofa[20], que ensina que "sempre podemos retornar a apanhar aquilo que ficou para trás" abriga a possibilidade de encontrar nos elementos da sabedoria ancestral a mítica de não temer revisitar o próprio passado. Lidar com as percepções dos mundos que emergiram nesses quase 50 anos de Luta antirracista do IPCN, pode indicar que em sua própria história, ao caminhar sobre as próprias pegadas, poderá encontrar respostas para ir além, mais a frente e construir o futuro.

Aqui, neste percurso do pensamento negro da trajetória institucional do IPCN, o fulcro está em contribuir para a melhor análise da situação conjuntural dos momentos vivenciados. É

[20] A palavra sankofa, da língua dos povos akan da África Ocidental (sobretudo Gana), tem uma conotação simbólica muito forte no sentido da recuperação e valorização das referências culturais africanas autóctones. Por isso, vem ao encontro do principal objetivo do curso: o de aprofundar o conhecimento e a reflexão sobre a cultura afro-brasileira e suas matrizes africanas (NASCIMENTO. Pag 198. 1997)

natural que não haja um movimento retilíneo. Como água do rio percorrendo a sinuosidade do leito, cheio de obstáculos e aprendizados.

Desta forma, para esta pesquisa o IPCN experimentou ao longo de sua existência, 03(três) grandes períodos:

1.6.1 Contração: 1975-1995

Do auge de seu ciclo vital. Nos movimentos de contração, saindo do útero mítico de seus idealizadores. Desde pouco antes do 08 de julho de 1975 (data cartorial) até o momento em que adquire a casa da Av Mem de São 208 quando a força motora de uma juventude orgânica, na fluência de suas potencialidades, derrubando mitos, criando normas e transformando vidas, até o trágico ato de violência que acometeu a ativista Beatriz Nascimento. Foi em 28 de janeiro de 1995. O mundo perdeu uma de suas maiores pesquisadoras sobre relações raciais. Seus conceitos e percepções são para o Movimento Negro, em especial aqueles que tiveram a oportunidade de conviver com ela, incontestavelmente embasadores de pesquisas compreensões sobre a luta antirracista. É importante registrar a contribuição dessa pesquisadora em conexão com a pesquisa, no sentido de que o IPCN é um Quilombo urbano, um território sagrado para as relações raciais do Brasil. Um espaço de transformação onde muitos poderão entrar em conexão com o sentido mítico Ori[21], no auge da fecundidade do pensamento antirracista, ali nascido e difundido. Dois anos antes de Beatriz, partia Lélia Gonzales, 10 de julho de 1994. Foi um período

1.6.2 Retração: 1996-2016

A partir de 1996 o IPCN vive um período de esvaziamento, muito embora conste nos anais cartoriais uma ata de posse, datada de 12 de abril de 1996, eleição vencida pela "chapa MARIA BEATRIZ NASCIMENTO", em 30 de março de 1996, mandato 1996-1999, onde foram eleitos como Diretor Presidente: Sebastião Soares, matr.576; Diretor Cultural: José Carlos Freitas Felix, matr. 172; Diretor Administrativo: Luiz Fernando M da Silva, matr. 1692; Diretor de Patrimônio: Renato Pereira dos Santos, matr. 605; Diretor Comunitário: Jorge Mario da Silva, matr. 1712; Diretor de Comunicação: Paulo Roberto dos Santos, matr. 006; Diretor Financeiro: Edson da Conceição, matr. 1702. O mandato foi prorrogado devido as condições da instituição. Somente houve uma

[21] Ori significa cabeça que na concepção dos nagô adquire uma existência individualizada ao nascer e desprender-se da matéria-massa. (SANTOS,. 1976)

retomada das atividades em 29/03/2007 quando alguns associados e associadas se mobilizaram para a reativação da instituição. A casa chegou a ser invadida, não por moradores de rua ou população vulnerável, mas por pessoas interessadas em se apropriarem dela. A junta governativa retomou as rédeas da instituição. É um momento relevante para o escopo da pesquisa, devido a presença de 05 mulheres na direção, sendo uma delas, Maria Alice Santos, também membra da atual direção. Esse processo de revitalização foi longo, e teve cuidou de dar transparência ao processo, criando um blog no ano de 2009, o qual continua no ar, apesar de que em 2021 foi inaugurado o site www.ipcnbrasil.org , a primeira iniciativa de presença digital foi através desse blog com o nome da instituição: https://institutodepesquisadasculturasnegras.blogspot.com/ Em 20 de dezembro de 2008 uma outra pesquisadora do IPCN veio a óbito: a psiquiatra e psicanalista Neusa Santos Sousa. Sua produção intelectual foi uma virada de chave na luta negra. Resultado da dissertação de mestrado da autora, defendida em 1981. O livro Tornar-se Negro, foi lançado no IPCN, deixando um legado que também pertence história dessa importante instituição.

1.6.3 Ressurgência[22]: 2017 -

O uso da palavra, emprestada da oceanografia, que para nós pesquisadores Afrodiaspóricos tem um significado simbólico, ligado a travessia forçada do Atlântico. Por todos aqueles corpos negros que ficaram no mar, assumindo a própria mítica ligada aos nossos ancestrais. Também na perspectiva dos cultos nagô, com os quais esta pesquisa dialoga, temos no panteão do candomblé Ketu os òrìṣà Oṣalá e Iyemanjá. Ambos ligados as águas salgadas. A palavra ressurgência aqui também tem uma conotação de nos conecta a JUNG. Pode acontecer que a liberdade e o vento refrescante das incertezas do si mesmo, venham humildemente contemplar os novos momentos, em "um processo de desenvolvimento psicológico que faculte a realização das qualidades individuais dadas" (JUNG, 2014.OC vol.7/2, § 267. 2014) e em um reencontro dos sonhos, é possível reconhecer "a realização melhor e mais completa das qualidades coletivas do ser humano": a individuação. Uma nova direção toma posse em 2011 para o mandato 2011-2014, cuja ata foi registrada em 14/11/2027. Encerrado o mandato, o

[22] Ressurgência é um fenômeno oceanográfico que consiste na subida de águas frias e ricas em nutrientes para a superfície do oceano. Esse movimento é causado por ventos que mudam a direção da água na superfície do mar, empurrando-a para fora da costa. Em seu lugar, as águas profundas, mais densas e frias, sobem para a superfície (fonte https://marsemfim.com.br/ressurgencia-conheca-esse-fenomeno/)

mesmo foi prorrogado sem nova eleição, com ata registrada em 29/03/2016. Em 2019, conforme ata de 19/03/2019 iniciou-se o processo eleitora, que culminou com uma nova diretoria em 2020 para vigência 2020-2023. O Presidente Prof. Marcio Madeira, permaneceu até setembro de 2023 quando a atual diretoria com a "CHAPA IPCN NOSSO EGBE". Vale salientar que a presidente da comissão eleitoral, foi uma mulher de Osun: Daise Rosas Natividade; e, foi eleita a Sra. Marcia Gloria Costa, também de Osun. Neste período, é importante registrar o grande esforço que tem sido colocar a instituição nos rumos do século XXI, quer seja no aspecto das novas tecnologias, ou atraindo os mais jovens para este território sagrado do ativismo negro, ou mesmo promovendo eventos, atividades e participação em conselhos, comitês e uma oxigenação no quadro de associadxs, para manter firmes os pilares que sustentam há quase 50 anos a instituição.

Cada um desses períodos já facultaria a elaboração de uma primorosa reflexão. Mas, há grandes mudanças acontecendo no IPCN. Elas trazem em seu bojo as energias vivas de todos aqueles ancestrais que ali habitam. Uma vez que algo que aconteceu ali, foi capaz de transformar realidades. Os movimentos para a maior inserção de negras e negros na sociedade, podem ser tidos como espaços de aprendizado coletivo. E, podem ser valiosos se contribuírem para a transformar pessoas em um nível emocional, espiritual ou psicológico.

São mudanças na energia dos relacionamentos que se reinventam a partir de uma lógica insurgente. Contra o massacre da homogeneização de pessoas e valorização de suas diferenças. Sua senioridade, onde lutar contra o etarismo, equivale a buscar um ambiente sustentável e, principalmente, sem distinção social entre homens e mulheres:

> "A hierarquia no interior da linhagem foi estruturada sobre o conceito de senioridade. Nesse contexto, a senioridade é melhor entendida como uma organização operando sob o princípio de quem for o primeiro a chegar, será o primeiro a ser servido." (OYEWUMI, 2021. P87).

Há senioridade no IPCN. É hoje uma organização em que mais de 80% de seus membros e membras são pessoas 50+ (cinquenta mais). Fato comprovado pelo último recadastramento ao qual a pesquisa teve acesso. Essas pessoas, vivenciaram, experimentaram e participaram ativamente dos grandes movimentos de transformação social deste país. Alguns desses movimentos, saíram das entranhas do prédio da Av Mem de Sá, 208. Hoje estão ainda no

ativismo. Uma boa parte na academia; outra em partidos políticos, movimentos comunitários, culturais e até sindicais. Bandeiras contra a invisibilidade dos idosos, LGBTfobia e Racismo Religioso. Nos espaços de poder e até na direção de organizações progressistas não alinhadas com pensamento antirracista.

A sociedade descarta os mais velhos de maneira sistêmica. Na política, todavia, a branquitude não substitui seus velhos políticos e nem mesmo suas velhas práticas. Seus herdeiros, esposas e filhos vão mantendo as rédeas, nas mãos deles, para a condução dos jogos de poder. Mantendo o comando em suas próprias mãos.

As mulheres negras atuam com ímpeto, veemência e com uma lógica milenar de cuidado, que não é passivo. Nem subalterno. Uma lógica proativa e com horizontalidade. Mas, são aquelas que também conferem o equilíbrio a *Egbe*. Muitas estão no comando das relações familiares, quer seja como provedoras de recursos financeiros, materiais ou afetivos. E, imateriais. É delas, o inexorável papel de transformar laços e serem guardiãs de práticas ancestrais, e de conhecimento pelo trabalho bem feito, da tarefa cumprida.

Assim se amparam, apoiam e seguem em frente, porque é preciso. Conforme consta em THEODORO (1996):

> "Pranteamos Lélia Gonzalez, Jacira Silva e, agora Maria Beatriz Nascimento. Todas mulheres negras atuantes, conscientes das inúmeras possibilidades/oportunidades de seu papel de mulher – cabaça que contém e é contida, mantenedora da vida, ser mágico que transforma por dentro e por fora, se metamorfoseando e explodindo em humanidades." (THEODORO, 1996. p.27)

A vitória pertence ao coletivo em um grau de importância que é compartilhado com todos no mesmo nível. Não honrar a memória dos que vieram antes é a *priori,* o mesmo que cometer o epistemicídio institucional. A intensidade e a dinâmica têm os mesmos auspícios do colonialismo (DIAS, 2020). O mesmo instrumento operacional que usam há mais de 400 anos contra pessoas negras neste país.

As mulheres estão ocupando cada vez mais os espaços decisórios. Muitas vezes como a água que contorna o obstáculo; outras como a que passa por cima; umas vezes evapora, outras cai aos pingos para reiniciar o ciclo e virar rio caudaloso; congelando diante do frio avassalador dos ambientes sem emoção. Mas, esquentando outros ambientes, com o calor das humanidades; e, conduzindo a energia que transforma cenários.

Saber onde se quer chegar é o primeiro passo para conviver e dialogar com as diferenças. Sejam elas de que reino forem. No IPCN de hoje, como em outros territórios da luta antirracista, toma forma e força, o poder da chegada de mais e mais mulheres. Elas não somente ocupam posições de gestão e decisões. Elas comandam. organizam, se preocupam e se comprometem. Muito embora as mulheres, em todos os momentos da vida institucional, tenham tido uma participação efetiva. Em todos os momentos, elas estabeleceram reflexões e debates, produzindo o conhecimento e boa parte do pensamento articulado. Mesmo quando foram das direções, a liderança que exerciam no processo não representava a potência de suas participações sociais, comunitárias ou nas casas tradicionais de religiosidade afrobrasileira.

Figura 8 Vereadora Benedita da Silva – atividade IPCN anos 1980



Fonte: Acervo institucional (2023)

Desta militância aguerrida, emergente nos primeiros anos do IPCN, surgiram políticas e expressões nacionais. A mais proeminente entre todas as políticas é sem dúvidas a ex Governadora Benedita da Silva. Começou como vereadora do município do Rio de Janeiro (1983-1986); foi Senadora da República (1995-1998) e Deputada Federal (1987-1995); Ministra da Assistência Social e Promoção Social do Brasil (2003-2007); vice-governadora do Estado do Rio de Janeiro (1999-2002) e Governadora do Estado do Rio de Janeiro (2002-2003). Nas últimas eleições, em 2022, se reelegeu Deputada Federal com a maior votação de todas as suas eleições passadas.

Mulheres poderosas, acadêmicas e estrelas de primeira grandeza do ativismo. Muitas dessas mulheres conectadas com sua ancestralidade, pertencentes a terreiros, iniciadas em comunidades tradicionais de Matriz Africana, sem o exercício de mandato dirigente no instituto, mas sempre atuantes nos momentos decisivos. A atual presidenta é a 3ª Mulher a ocupar o cargo nesses quase 50(cinquenta) anos. As duas anteriores foram Abgail Páscoa, Maria Alice Santos, esta última presente na atual direção institucional. Vale dizer que o mandato de Abgail Páscoa não consta nos anais dos registros cartoriais, havendo apenas relatos dos antigos presidentes sobre sua gestão.

Neste sentido, sobre a égide da participação das mulheres no IPCN, mesmo sob críticas como aquela constante do Jornal Sinba nº 1 (1977. anexo 4. p.3) para corroborar com a presente reflexão trazemos COLLINS (2021):

> "Durante a década de 1970, as afro-americanas expressarão suas ideias em panfletos políticos, poesia, ensaios, coletâneas, arte e outras formas criativas dentro dos movimentos sociais e se envolveram em iniciativas comunitárias locais, desenvolvendo, ao longo do tempo, sensibilidades interseccionais. Como as afro-americanas não apenas participaram, mas também assumiram posições de liderança dentro do movimento Black Power e pelos direitos civis, viram a importância de testar as ideias em contextos políticos. Ao mesmo tempo, elas usaram o que aprenderam nos movimentos sociais para construir análises sobre a desigualdade social. Por exemplo, embora separadas das afro-brasileiras pela geografia, pela língua e pelas histórias nacionais, as afro-americanas também entendiam que lidar com a opressão que enfrentavam não se resolveria apenas por meio de estruturas de raça, classe, gênero ou sexualidade." (COLLINS, 2021. p.91)

É o mundo real. Mudar essa realidade é o papel de cada pessoa que não se importa em incomodar. Há nessa trajetória parte do legado de Beatriz Nascimento, Pedrina de Deus, Lélia Gonzalez, Azoilda Loretto, Abgail Páscoa, Mariléia Santiago, Lea Garcia e todas aquelas que não pudemos mencionar. Presenças que nunca passaram despercebidas.

O pensamento negro difundido em nossas instituições, criou o que GOMES (2017) conceitua de "pedagogia da diversidade" uma vez que envolve problematizar e buscar alternativas para diferentes modelos de exclusão e suas interseccionalidades:

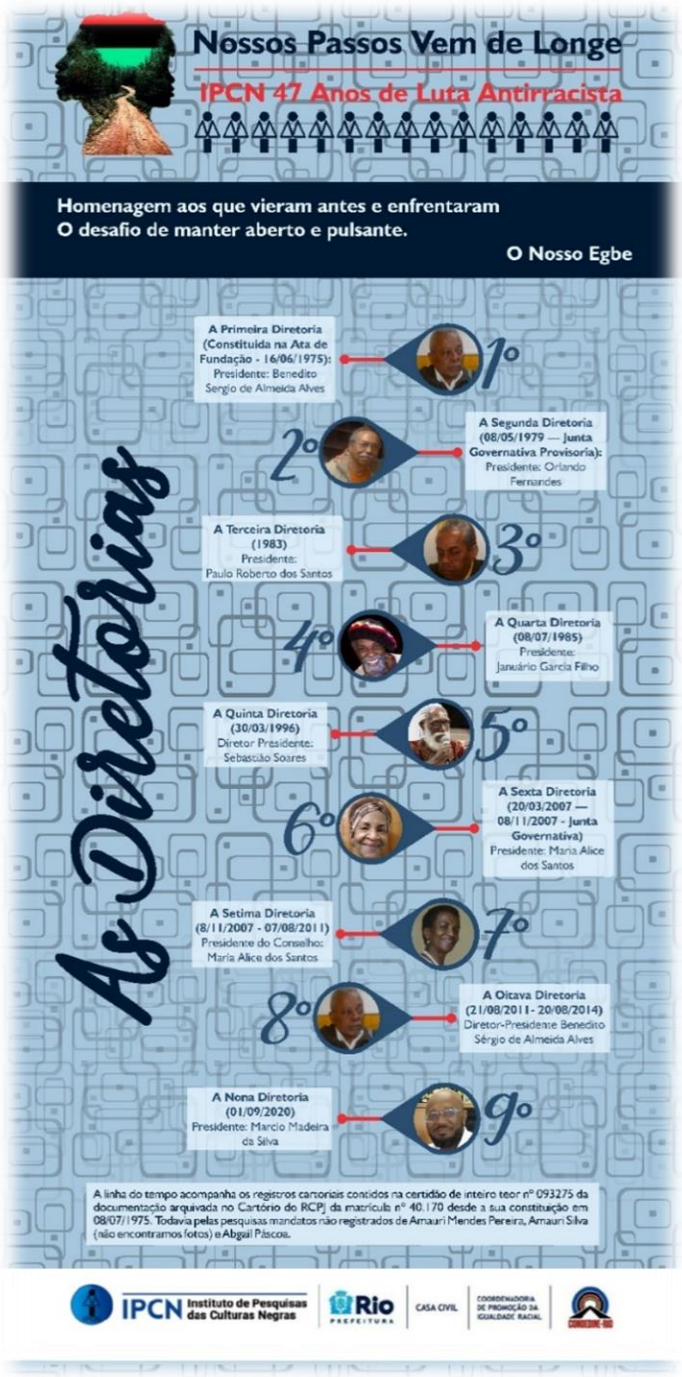
> "O processo de emancipação e superação sociorracial nos desafia a construir uma pedagogia da diversidade (de raça, de gênero, de idade, de culturas). Esta é fruto da ação dos movimentos sociais desde os anos de 1950 e 1960 como o movimento de educação popular e a participação de Paulo Freire[23].
> No caso específico da comunidade negra, podemos dizer que a pedagogia da diversidade faz parte da história de luta dos negros e negras brasileiros e se adensa no início do século XX, fruto das organizações negras e suas alternativas de educação formal e não formal para a comunidade negra. Ela assume uma radicalidade maior no terceiro milênio com a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Africana e Afro-brasileira, nos currículos das escolas pulicas e privadas, a demanda por ações afirmativas no Ensino Superior, a implementação de cotas raciais e as políticas de promoção da igualdade racial." (GOMES, 2017. p. 134-135)

Antes mesmo de ultrapassarmos essa análise sobre os processos de amadurecimento institucional, é necessário voltar aos momentos iniciais de emergência do agrupamento, para ratificar os ideais fundadores do IPCN, sob as fortes influências do que vinha de outros continentes. Uma instituição que desde o seu início possui conexões que podem ser restauradas para melhor garantia de seu futuro:

> "Convém assinalar que duas influências marcantes ajudam a entender o surgimento de atitudes frontalmente antirracista nas grandes cidades brasileiras nos anos 1970. A primeira diz respeito às lutas dos negros norte-americanos pelos direitos civis, nas décadas de 1950 e 60. A segunda, por sua vez, trata da descolonização africana. As novas nações surgidas na África, sobretudo, após 1960, provocaram euforia entre ativistas antirracistas na diáspora africana nas Américas, incluindo, é claro, o Brasil. Soma-se a isso o fato de que as Nações Unidas aprovaram, em 1965, a Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Racial, ratificada pelo Brasil em 27 de março de 1968." (FRANCO, 2019. p. 118)

[23] Paulo Reglus Neves Freire, nascido em Recife no dia 19 de setembro de 1921, retornando ao ọ̀run em São Paulo 2 de maio de 1997. Foi um educador e filósofo brasileiro. É considerado um dos pensadores mais notáveis na história da pedagogia mundial, tendo influenciado o movimento chamado pedagogia crítica. É também o Patrono da Educação Brasileira. (Fonte: https://mundoeducacao.uol.com.br/filosofia/paulo-freire.htm acesso em 13/12/2024)

Figura 9 banner em memória as diretorias



Fonte: Acervo institucional (2023)

É importante caminhar por desfiladeiros, mas não onde possam desbarrancar. São precisos ritos cuidadosos e entre o ayer e o ọ̀run estamos nós.

CAPÍTULO II - PSICOLOGIA COMPLEXA

> O homem possui uma faculdade muito valiosa para os propósitos coletivos, mas extremamente nociva para a individuação: sua tendência à imitação. A psicologia social não pode prescindir da imitação, pois sem ela seriam simplesmente impossíveis as organizações de massa, o Estado e a ordem social. A base da ordem social não é a lei, mas a imitação, este último conceito abarcando também a sugestionabilidade, a sugestão e o contágio mental. (JUNG, OC. Vol.7/2, § 242)

Adentrar o território da Psicologia Complexa, requer uma preciosa imersão nas possibilidades não previstas. Para compreender sensações, percepções e conceitos em busca de respostas, é preciso se permitir. Nos novos caminhos e principalmente, nas conexões entre o ambiente da pesquisa, o objeto do estudo e o poder transformador das ações que se seguirão, há o que se pode narrar e explicar cientificamente. Mas, sobretudo há o que fica emanando em vibrações, corpúsculos energéticos que permanecerão somente ali em uma constante ubiquidade.

Mergulhar nos conceitos que Carl Gustav Jung nos legou, por suas obras, nas reflexões compartilhadas e pesquisas delas decorrentes é em primeiro lugar algo que transforma o pesquisador para sempre. A forma como os conhecimentos foram partilhados e a didática simples, mas com uma imensurável percepção da utilidade de suas pesquisas para a humanidade; os pensamentos que se multiplicariam no infindável diálogo que as futuras gerações manteriam, é imagético.

Esta pesquisa dialoga com a psicologia complexa a partir de uma tríade de conceitos na qual, o IPCN é o vértice, como apoio e referência para o diálogo que se estabelece.

O IPCN, uma instituição ancestral que traz em seu DNA[24] a Luta de Resistência Negra, antirracista, pela Garantia de Direitos aos negros e negras. Uma força da cultura tradicional de matriz africana, que de maneira sintética é chamada de àṣẹ, mas que faz parte de um "sistema dinâmico" como ensina SANTOS (1976) ao descrever cada componente do complexo como "a força invisível, a força mágico-sagrada, de toda divindade, de todo ser, de toda coisa". A partir da mítica das águas doces, na simbologia da *òrìṣà Ọṣùn*, a fecundidade dos nossos espaços e suas conexões para o momento atual, presente nos estudos da psicologia complexa.

[24] Ácido desoxirribonucleico, também conhecido como DNA, descoberto em 1944 por um pequeno grupo de cientistas de Nova York, responsável pela transformação genética. Essa descoberta inaugurou uma nova era para a genética. (NURSE.2020)

Como no rizoma, as ramificações vão sendo estabelecidas nas conexões, confluências, importâncias e necessárias observações. Sempre acontecerá de uma ou outra seguir sozinha e cheia de limites impostos pelas muitas camadas de silenciamentos e isolamentos impostos. Porém, há outras tantas que nunca param de se multiplicar. É a força dinâmica do que nos move agindo, atuando, produzindo ecos.

Interessante perceber, o quanto terminologias encontradas na psicologia complexa se ligam aos conceitos da ancestralidade africana por uma linha invisível que vai tecendo as reflexões. Por mais que um homem branco, na primeira metade do século XX, estivesse impregnado, dos conceitos de sua cultura, escrever sobre sua satisfação em estar fora da Europa e longe dos "preconceitos cristãos" (JUNG, 2021.) foi ousadia. Não há como passar pela África, nos anos de 1920, sem ser envolvido por "impressões subjetivas, ideias, humores e emoções" como "apresentou em Tipos Psicológicos" ((STEIN, 2006).

As pesquisas e inquietações dentre as quais percorreu a presente dissertação vão do conceito "anima", a representação do feminino no inconsciente do ser homem, a personificar características e esses traços dentro de sua psique; a "animus" que é a contraparte masculina no inconsciente de um ser mulher. Como figuras arquetípicas, possuem maior pluralidade para além das forças que moldam a consciência. Nesses dois conceitos, algumas das maiores polêmicas (STEIN. 2006) da psicologia complexa. Mas, também eles são o ponto de conexão: o emergir da importância do equilíbrio humano dessas representações dentro e fora do ser:

> "A usual definição sintética diz que a anima é o feminino interno para um homem e o animus o masculino interno para uma mulher. Mas também se pode falar simplesmente delas como estruturas funcionais que servem um propósito específico na relação com o ego. Como estrutura psíquica, anima/us é o instrumento pelo qual homens e mulheres penetram nas partes mais profundas de suas naturezas psicológicas e se adaptam a elas. Assim como a persona está voltada para o mundo social e colabora com as necessárias adaptações externas, também a anima/us está voltada para o mundo interior da psique e ajuda uma pessoa a adaptar-se às exigências e necessidades dos pensamentos intuitivos, sentimentos, imagens e emoções com que o ego se defronta." (STEIN, 2006. 126)

O momento histórico, temporal, das descobertas de Jung, suas observações e seus conceitos, e o quanto nos parecem atuais e pertinentes dentro da lógica do século XXI, nos remetem ao centro cósmico desta pesquisa, em que nos integramos a uma percepção de existência quântica, onde não há tempo cronos. Sabermos o que a ciência representa para a epistemologia africana, onde tudo está sempre conectado (ASANTE, 2022), e prestes a ser descoberto. O mundo vivencia um processo de reconexão e nós os humanos temos dentro de

nós complexos autônomos como anima e animus, constituintes de nossa função psicológica, ainda, desconhecidos. São “pontes que nos conduzem ao inconsciente”, (JUNG, OC. V.7/1, §189), mas antes precisamos nos familiarizar com eles.

Reproduzir nos ambientes institucionais tais aspectos humanos, de anima e animus, que aparecem diante a observação de JUNG sobre o si mesmo, (STEIN, 2006) em sonhos, mitos pessoais, projeções emocionais e na forma de figuras femininas ou masculinas em histórias ou imaginação, pode significa desenvolvimento e integração pessoal. Assim como é uma busca do equilíbrio psicológico dos seres humanos.

Em uma instituição pautada nos valores afrocêntricos, também há uma conexão entre esse desequilíbrio e a harmonia dos ambientes institucionais. Os impactos poderão ser percebidos no cotidiano, mas principalmente nas relações e convivência dos participantes, uns com os outros, dentro desses espaços.

A Psicologia complexa, nos permite também observar através do sentido de Inconsciente Coletivo e nas possibilidades de interferências cósmicas, espirituais e ancestrais de toda a humanidade, na vida das pessoas. Influências que estão dentro e fora dos indivíduos podem ser reproduzidas sem que haja necessariamente uma intenção.

Com isto, é possível dialogar com conceitos culturais e com a cosmopercepção afrodiaspórica que estão na proposta desta pesquisa. No conceito “processo de individuação”, encontramos o desenvolvimento e construção de cada ser humano. Neste contexto, no dia a dia de uma instituição, observar cada ser em sua individualidade, poderá contribuir para a coletivização do processo de transformação que os efeitos da conscientização sobre o impacto do racismo em suas vidas, por exemplo, será a retirada das projeções como fator preponderante para a experiência de resistir e a superação de seres humanos desalmados.

Compreender, assim, a partir do enfrentamento a seus arquivos conscientes e inconscientes, para acessar uma memória e possibilitar o emergir de um ser integrado, único e bem-sucedido em suas decisões sobre sua vida. Nesta complexidade, há um processo ímpar de permitir-se estar o tempo todo se revendo. Reposicionando as próprias ações e reações. Uma permanente alquimia que se processa no ser, rumo ao encontro de seu “fio do labirinto” para o pensamento ancestral.

No caso do IPCN, temos uma combinação dos sentidos da mente para longe do dualismo cartesiano ocidental. Como mencionado no capítulo anterior, os ideais fundacionais do IPCN são em essência o que ensinam filósofos africanos sobre afrocentricidade.

2.1 Anima e Animus

Encontrar nos conceitos de JUNG, até 2020, uma forma de observar o mundo e as coisas ao redor, poderia significar uma aura de relativo controle do possível. Uma espécie de razoabilidade atemporal. Porém, o advento do *lock down* no mundo inteiro apresenta uma nova versão para o biopoder que encontramos em MBEMBE (2009, p.17):

> Na formulação de Foucault, biopoder parece funcionar mediante divisão entre as pessoas que devem viver e as que devem morrer. Operando com base em uma divisão entre os vivos os mortos, tal poder se define em relação a um campo biológico do qual toma controle no qual se inscreve. Esse controle pressupõe a distribuição da espécie humana em grupos, subdivisão da população em subgrupos estabelecimento de uma cesura biológica entre uns outros.

A forma de conferir razoabilidade a algo que conhecemos muito bem e que segundo MBEMBE (2009, p. 9) é, conceito de racismo trazido antes por Michel Foucault, nos leva a uma reelaborada crítica política contemporânea ao dizer que "a expressão máxima da soberania é a produção de normas gerais por um corpo (povo) composto por homens e mulheres livres e iguais.".

E, justo a partir desta perspectiva, quero apresentar o enfoque da pretensão, pois é preciso que esse corpo institucional se reconheça e se identifique uns com os outros, em uma relação e equivalência, importância e respeito mútuo sem o qual seria impossível a compreensão.

Para esta reflexão abrirei o diálogo com MBEMBE (2009. p. 9), intramuros, na instituição para a qual estes estudos me conduziram. Adicionando a esta observação um olhar contemporâneo, a partir da proposta de uma segunda definição de AGAMBEN (2009. p. 62) de ser "justamente, aquele que sabe ver a obscuridade". Neste sentido, aquele ser "que percebe não luzes, mas o escuro" como poderá ser o ambiente da pesquisa, impregnado pela cosmopercepção da afro diáspora.

Também na possibilidade de ver o tempo através dos tempos; ou ainda na conexão com a psicologia profunda (JUNG, O.C. 7/1, §189) no processo natural no diálogo ininterrupto com o inconsciente:

> "Depois que Jung conceituou a *anima* na psicologia analítica muitas outras pessoas que se dedicara a explorar a imaginação ativa descobriram figuras interiores semelhantes. Convencionalmente, para homens a anima é uma figura feminina; para as mulheres, a figura interior equivalente – chamada animus – é masculina. Anima e animus são personalidades subjetivas que representam um nível do inconsciente mais profundo do que a sombra. Para

> melhor ou para pior, elas revelam características da alma e conduzem para os domínios do inconsciente coletivo." (STEIN, 2006. p. 121)

Falarmos desses dois conceitos, com o olhar voltado a uma instituição negra, de onde saíram algumas das mais relevantes vitórias para a autoestima dos descendentes de africanos, o Dia Nacional da Consciência Negra[25], é algo que requer uma atenção redobrada. A proposta de chamar negras e negros à consciência mudando do dia 13 de maio para o 20 de novembro as ações e políticas, possui alicerces na psicologia complexa:

> "O que é então a consciência, esse campo onde o ego está localizado e cujo centro é por este último ocupado e definido? A consciência é, muito simplesmente, o estado de conhecimento e entendimento de eventos externos e internos. É estar desperto e atento, observando e registrando o que acontece no mundo em torno e dentro de cada um de nós." (STEIN.M, et al. 2006. p. 57)

Dito isto, conforme já mencionado no capítulo anterior, é importante trazer a relevância das figuras paterna e materna para essa compreensão. Quer sejam aqueles que possibilitaram a vinda do ser, em uma linhagem de consanguinidade, pela genética; ou, a partir as relações míticas formadas por laços sagrados e ancestrais, sobre os quais falaremos no capítulo a seguir.

Com isto, a pesquisa quer pontuar, a importância e o significado de cada presença, participação e relação de afeto das pessoas que compartilharam suas ideias, pensamentos, energias e oralidade em eventos, programas atividades ou simplesmente caminhou pelo interior da casa onde se situa o IPCN.

A imagem inconsciente construída na infância, funciona como um modelo ou ideal que influência nas escolhas de objetos, JUNG (2014). Nesta perspectiva, apesar da existência, de outra lógica nas relações institucionais, quando se coletiviza a observação, é possível que as conexões internas de uma associação longeva como o IPCN, cristalize na memória institucional, seus imagos dos pais e mães fundadores. Aqueles e Aquelas que deram pernas a instituição para trilhar os caminhos gloriosos do passado. Os ideais de luta pontuados nas salas de debates; marchas e protestos organizados e arquitetados; atendimentos a casos e denúncias de racismos[26]. Sobre isto vemos o seguinte:

> "Na medida em que cérebros humanos são uniformemente diferenciados, nessa mesma medida a função mental possibilitada é coletiva e universal. Assim é que

[25] Dia Nacional da Consciência Negra é uma conquista do Movimento Negro, conforme já mencionado no primeiro capítulo desta dissertação.

[26] O Instituto de Pesquisas da Cultura Negra (IPCN), foi uma das primeiras instituições a ter um projeto voltado a atendimento das vítimas do racismo: Programa SOS Racismo cujo Coordenador foi o associado João Marcos Aurore Romão. Também eram membros do Programa o Dr. Wilson Prudente e a Dra. Regina Coeli. As atividades do projeto aconteceram dentre de 1987 a 1991. (fonte: documentos institucionais)

> se explica o fato de que os processos inconscientes dos povos e raças mais afastados apresentem uma correspondência impressionante que se manifesta, entre outras coisas, pelos temas e formas mitológicas autóctones." (JUNG, OC. 7/2 §144)

Há muitos aspectos estudados nos conceitos anima e animus. Para o foco desta pesquisa o que nos conecta e conflui para o sistema mítico das tradições da afro diáspora, em especial dos nagô, é mencionada por THEODORO (1996) onde afirma que na nossa cultura os princípios masculino e feminino funcionam em equilíbrio. Não há, pois, impedimentos para uma mulher ou um homem possuírem òrìṣàs, de energias diferentes.

Conforme também ensina o Professor Franklin Chang em palestra conferida durante o XV Fórum da Consciência Negra do LaPsiAfro - UFRRJ em 29/11/2022 **SANKOFA, YIN-YANG & ORI: Uma trilogia de Ações Afirmativas Individuais e Coletivas no Brasil,** o mesmo equilíbrio observado na cultura africana entre os princípios feminino e masculino é encontro no Taoismo, cultura oriental, onde no símbolo yin-yang encontramos ambos os princípios em harmonia e ao mesmo tempo contendo e sendo contido um no outro. Esses princípios precisam estar em harmonia, para que sentimentos e razão possam estar em equilíbrio.

No diálogo da psicologia complexa com a diversidade da vida e ao mesmo tempo com sua efemeridade, encontramos esse presente no interior desses dois pensamentos. Vale dizer que se "cada vida é um desencadeamento psíquico que não se pode dominar" e reconhece dentro das diferentes formas, a existência de "um processo intensamente criativo que nos produziu e produziu"cada ser humano (NURSE, 2020), é possível encontrar conexões com toda a humanidade através da observação e compreensão de sonhos e visões dos símbolos neles identificados, (JUNG, 2021) os quais compartilha inconscientemente com toda a humanidade.

O que possibilita aliar ao olhar da pesquisadora, que vivenciou experiências a partir do objeto central da pesquisa, a vida e a fecundidade existente em um corpo institucional, neste caso o IPCN; o poder simbólico que "não é visível, pois jaz no rizoma" emanado de sua existência, ancestralidade e mitos próprios; e, ainda diante a exuberância da vida pulsante que produz acontecimentos "através dos quais o mundo eterno irrompeu no mundo efêmero" (JUNG, 2021). Como apresentado no livro "Mito e Espiritualidade Mulheres Negras", da filósofa e autora Helena Theodoro, em uma intertextualidade com conceitos do psicólogo Carl G. Jung:

> "É uma teoria que se fundamenta na diversidade de variações normais, existente entre as mulheres. Utilizando a perspectiva junguiana e a feminista, passou a ver a mulher como uma mulher dividida na qual atuam as forças interiores do arquétipo dos deuses e exteriores pelos estereótipos culturais." (THEODORO, 1996. p, 53)

Nessas conexões, estabelecidas a partir da dinâmica da fecundidade no organismo institucional específico deste ente do Movimento Negro: o IPCN, um espaço que como uma "*egbé*"[27] (THEODORO, 1996) estabelece os próprios limites entre o que é da tradição cultural negra e não negra. Mesmo com as diferenças culturais entre "nagôs, jejes, bantos"[28] fortalecendo identidades e territorialidades.

É nessa imperfeita e prodigiosa existência, de inegável importância enquanto experiências continuadas de reflexões, que encontra-se o fio condutor do diálogo estabelecido:

> "A concepção africana entende, então que o mundo nunca terá fim, nós é que ainda não fomos capazes de conhecer tudo. Logo, suas ideias sobre o tempo se relacionam com o presente, passado e futuro, podendo, em alguns casos, continuar indefinidamente." (THEODORO, 1996. p. 65)

Com isto, nos conceitos da psicologia complexa encontramos as explicações para os movimentos encontrados no IPCN:

> "Poder-se-ia supor que o animus, à semelhança da anima, se personifica como um homem. A experiência, porém, mostra que tal suposição é só parcialmente verdadeira; aparece uma circunstância inesperada, configurando uma situação inteiramente diversa da do homem. O animus não se apresenta como uma pessoa, mas como uma pluralidade de pessoas. [...]. Esta pluralidade de juízes que condenam formam uma espécie de tribunal que corresponde a uma personificação do animus. O animus parece uma assembleia de pais e outras autoridades, que formula opiniões incontestáveis e "racionais", ex cathedra. Examinando-as atentamente, percebe-se que parecem constituídas de palavras e conceitos reunidos, talvez inconscientemente, desde a infância e amontoados numa espécie de cânone da verdade, autenticidade e razoabilidade médias. É um tesouro de pressupostos que, ao faltar um critério consciente e idôneo (o que não é raro), sugere imediatamente uma opinião. Às vezes esse tipo de opinião aparece sob a forma do assim chamado senso comum; outras vezes, revela um

[27] Segundo THEODORO (1996) são "grupos e associações, cujo sistema de crenças se veiculou de maneiras particulares de inter-relacionamentos, normas, ações e valores que deram a essas comunidades características próprias. (...) Podem ser comunidade de terreiros "funcionando não só como centro preservador das heranças africanas no Brasil, mas também, como polo irradiador de uma nova cultura, recriada por descendentes de escravos, mestiços e outros, interessando a intelectuais e pesquisadores do país e do exterior por sua peculiaridade e identidade cultural"

[28] Como apresenta THEODORO (1996): "É importante situar que jamais se tratou de uma cultura negra, geradora de um campo de resistência. As várias culturas correspondentes às inúmeras nações que foram arrancadas à África entre os séculos 16 e 19 já conheciam modificações em sua terra de origem, por força das reorganizações territoriais e das transformações civilizatórias." São "de maneira geral, podem ser apontadas como religiões negras.

> preconceito mesquinho, ou então se manifesta sob a forma de um princípio disfarçado em ensinamento. “Não há quem não faça assim”, ou “todo mundo diz isso ou aquilo” etc” (JUNG, OC. v.7/2, § 332):

Para JUNG as relações de uma pessoa consigo mesma podem esconder inimigos íntimos – “seus mais implacáveis juízes e mais severos críticos”- (STEIN.2022). Vale dizer que que ao lidarmos com essas “vozes” interiores, como estruturas funcionais que servem ao propósito de penetrar na parte mais profunda de suas naturezas.

Para a pesquisa, há uma dimensão coletiva e harmônica dos princípios feminino e masculino a ser observada, trazida pela cultura oriental, como mencionado acima, bem como pelo sistema dinâmico no Sistema Nagô, como mencionado em SANTOS (1976):

> “*Òṣàlá,* conhecido igualmente pelo nome de *Ọbàtálà*, e *Odùduwà*, respectivamente princípio masculino e princípio feminino do grupo dos *orisa funfun*, do branco, disputam-se o título de *òrịṣà* da criação. À luta pela supremacia entre os sexos é um fator constante em todos os mitos e textos litúrgicos Nagô.
> Segundo alguns mitos, *Odùduwà*,, também chamada *Odùa*,é a representação deificada das *Iya-mi*, a representação coletiva das mães ancestrais e o princípio femnino de onde tudo se origina. Assim, *Odù* corresponde a *Ọbàtálà* ou *Ọrisàlá*, que é o princípio masculino.” SANTOS. 1976. p. 59/60)

Para JUNG:

> “É claro, portanto, que o inconsciente feminino apresenta aspectos essencialmente diversos dos que são encontrados no homem. Se eu tivesse que caracterizar, resumindo em poucas palavras, a diferença entre homem e mulher no tocante ao problema que nos ocupa, isto é, como se confrontam anima e animus, eu diria: assim como a anima produz caprichos, o animus produz opiniões; e assim como os caprichos do homem brotam de um fundo obscuro, do mesmo modo as opiniões da mulher provêm de pressupostos apriorísticos inconscientes. As opiniões do animus apresentam muitas vezes o caráter de sólidas convicções, difíceis de comover, ou de princípios cuja validez é aparentemente intangível. Se analisarmos, porém, tais opiniões, logo depararemos com pressupostos inconscientes que deveriam ser provados, de início; em outras palavras, as opiniões foram concebidas como se tais pressupostos existissem. Na realidade, essas opiniões são totalmente irrefletidas; existem prontinhas e são mantidas com tal firmeza e convicção pela mulher que as formula, como se esta jamais tivesse tido a menor sombra de dúvida a respeito.” (JUNG. OC. v.7/2, § 331)

É necessário compreendermos que todas as pessoas podem apresentar reações plurais, independentemente de sua sexualidade ou gênero e as explicações podem variar, mas tomarão em algum momento, para os povos ancestrais o caminho de importância equivalente entre as duas metades da cabaça da existência, imagens simbólicas e representativas de céu e terra,

princípios masculino e feminino. Juntos formam juntos uma cabaça com duas metades onde habitam os seres.

Neste simbólico de céu e terra de duas metades do *igbá-odù* devem se manter unidas, SANTOS (1976) uma vez que são complementares uma da outra, permitindo a continuidade da existência.

2.2 Inconsciente Coletivo

É preciso licença poética para a exposição de sentimentos que em condições normais seriam omitidos. Para isto, o ser humano se protege com a persona cuja roupagem funciona como uma camada adicional para "a autonomia do complexo psíquico" como descreve JUNG (2014), e que "auxilia naturalmente a representação de um ser pessoal e invisível, que vive num mundo diferente do nosso."

E ainda de maneira mais profunda:

> "A construção de uma persona coletivamente adequada significa uma considerável concessão ao mundo exterior, um verdadeiro auto sacrifício, que força o eu a identificar-se com a persona. Isto leva certas pessoas a acreditarem que são o que imaginam ser. A "ausência de alma" que essa mentalidade parece acarretar é só aparente, pois o inconsciente não tolera de forma alguma tal desvio do centro de gravidade." (JUNG, OC. v.7/2, § 306):

Neste aspecto e temporalidade, olhar para o próprio passado, observá-lo e entendê-lo pode ser um exercício eficaz. Os incômodos trazidos pela percepção dos próprios equívocos, precisam ser enfrentados, como mencionado abaixo:

> "No entanto, no momento da transição para a segunda metade da vida, é necessário dar uma atenção toda especial às imagens do inconsciente coletivo; pois são elas que fornecem as pistas para a solução do problema dos contrários. Da elaboração consciente desses dados resulta a função transcendente, enquanto formação de uma concepção que integra os contrários, socorrendo-se dos arquétipos." (JUNG, OC v.7/2, § 184):

Conforme assevera MBEMBE (2009) o "surgimento do terror moderno precisa tratar da escravidão" uma vez que nos estudos sobre biopolítica essa é uma de suas primeiras

manifestações. O conceito Junguiano de sombra pode ser encontrado quando seu texto afirma que "no contexto da *plantatio*n a humanidade do escravo aparece como uma sombra personificada" reforçando a conexão com a imagem criada nas narrativas consolidadas sobre o ser escravizado que faz parte do inconsciente coletivo e com o qual todos temos que lidar: um lado escuro.

Para os estudos que a pesquisa propõe, em diálogo com as teorias de JUNG, o escravo de MBEMBE (2009 p. 30) é um belo exemplo do que se pode fazer com o si mesmo em condições adversas e para a própria sobrevivência:

> Apesar do terror da reclusão simbólica do escravo, ele ou ela desenvolve pontos de vista diferentes sobre tempo, trabalho sobre si mesmo. Esse segundo elemento paradoxal do mundo da *plantation* como manifestação do estado de exceção. Tratado como se não existisse, exceto como mera ferramenta instrumento de produção, o escravo, apesar disso, capaz de extrair de quase qualquer objeto, instrumento, linguagem ou gesto uma representação, e estilizá-la. Rompendo com sua condição de expatriado com puro mundo das coisas, do qual ele ou ela nada mais do que um fragmento, escravo capaz de demonstrar as capacidades polimorfas das relações humanas por meio da música do próprio corpo, que supostamente pertencia um outro.

É no encontro com o pensamento de JUNG (2014) que é possível compreender as constantes diferenças de estratégias e impossibilidades de convergir em pensamentos que pudessem seguir adiante com um projeto coletivo:

> "A importância do prestígio pessoal determina a possibilidade de uma dissolução regressiva na psique coletiva, representando por isso um perigo, não só para o indivíduo favorecido, como também para seus seguidores. Tal possibilidade se torna iminente quando a meta do prestígio – o reconhecimento geral – for alcançada. A pessoa se torna então uma verdade coletiva. E isto é sempre o começo do fim. Obter um prestígio é uma realização positiva, não só para o indivíduo favorecido como também para o seu clã. O primeiro se destaca por suas ações e os outros pela abdicação do poder. Enquanto esta atitude requer luta contra as influências contrárias do ambiente, o resultado é positivo; mas quando não houver mais obstáculos e o reconhecimento geral for atingido, o prestígio perde seu valor primitivo, transformando-se em geral em caput mortuum." (JUNG, OC. 7/2, § 34)

A compreensão do que acontece com o ser negro, antes de adentrar o território neutro, sagrado, do quilombismo[29] ancestralico, cuja representação simbólica encontra no IPCN um

[29] Segundo o Senador Abdias Nascimento, em seu texto "Quilombismo: um conceito emergente do processo histórico -cultural da população afro-brasileira" tem sido a adequação ao meio brasileiro do comunitarismo ou ujamaaismo da tradição africana. Em tal sistema, as relações de produção diferem basicamente daquelas prevalecentes na economia espoliativa do trabalho, chamada capitalismo, fundada na razão do lucro a qualquer custo." (in LARKIN.pag 197-219.2009)

exemplo de excelência, precisa ser generosamente observado, para as escutas que serão imprescindíveis.

No mesmo texto do Apêndice do vol. 7/2 de suas Obras Completas, Carl Gustav Jung menciona fatos que importam para contextualizar sua concepção de inconsciente coletivo e traz elementos que corroboram com os objetivos desta pesquisa. É la no inconsciente, que JUNG (OC. 7/2) afirma "o inconsciente contém todo o material que ainda não alcançou o limiar da consciência. São as sementes de futuros conteúdos conscientes.". O significado de extrema importância para o presente trabalho é que há algo a ser descoberto dentro de cada um de nós, reprimidos por conflitos com o si mesmo. Uma instituição repleta de sujeitos que vivenciaram situações análogas em violações e opressões, pode carecer de respeito a individualidade.

Na Egbé, temos a individualidade preservada pela conexão ancestral. Através dessas conexões:

> "Nestas condições só poderão prosperar a socialidade e o que é coletivo no indivíduo. Tudo o que nele for individual submerge, isto é, está condenado à repressão: os elementos individuais caem no inconsciente onde, geralmente, se transformam em algo de essencialmente pernicioso, destrutivo e anárquico. [...] As personalidades individualizadas e diferenciadas são arrancadas pela raiz. Tal processo se inicia na escola, continua na universidade e predomina em todos os setores dirigidos pelo Estado." (JUNG, OC. 7/2 Apêndice):

É pela força cósmica do inconsciente coletivo, que os seres humanos são conduzidos a repensar estratégias de resistência, sobrevivência e organização harmônica de espaços comunitários de preservação. Para os povos descendentes de africano no Brasil, é importante perceber a compreensão e força desta existência. Segundo SANTOS (1976) na cultura Nagô "o double do ori, residindo no *ọ̀run*, é, pois, o doble da existência individualizada de cada pessoa, [...]" o ori- ọ̀run pode ser compreendido como o inconsciente. Há para cada pessoa nesta terra, segundo essa cultura milenar, uma contraparte que precisamos reverenciar ao longo da vida.

2.3. Individuação

Quando MBEMBE (2009, p 9) analisa e apresenta uma observação de que na democracia os sujeitos da produção das normas são "capazes de autoconhecimento, autoconsciência e autorrepresentação.", pode-se compreender que é necessário buscar socorro das teorias e estudos de JUNG (OC. v.7/2 § 266-267) que ensina que para isto acontecer seria

necessário trilhar o árduo caminho da individuação, que é um contraponto aos "modos de despojar o si mesmo de sua realidade, em benefício de um papel exterior ou de um significado imaginário" como estabelecido no âmbito da soberania dos territórios institucionalizados.

A crítica de MBEMBE (2009, p.10-11) ironiza essa razoabilidade insculpida no conceito de democracia:

> Essa leitura fortemente normativa da política de soberania foi objeto de inúmeras críticas que não revisitarei aqui. Minha preocupação com aquelas formas de soberania cujo projeto central não é a luta pela autonomia, mas "a instrumentalização generalizada da existência humana e a destruição material de corpos humanos populações". Tais formas da soberania estão longe de ser um pedaço de insanidade prodigiosa ou uma expressão de alguma ruptura entre os impulsos interesses do corpo e da mente.

Com essa observação, vemos em JUNG (O C. v.7/1 § 186) uma sinalização possível para em um processo de individuação, transcender os opostos que precisam ser unidos dentro da alma humana, uma vez que estes "quando compreendidos e integrados como realidades na consciência, são capazes de corrigir eficaz e salutarmente a unilateralidade da consciência". Isto pode ser melhor compreendido na seguinte explicação:

> "É o estabelecimento e o desabrochar da totalidade originária, potencial. Os símbolos utilizados pelo inconsciente para exprimi-la são os mesmos que a humanidade sempre empregou para exprimir a totalidade, a integridade e a perfeição; em geral, esses símbolos são formas quaternárias e círculos. Chamei a esse processo de processo de individuação." JUNG (O C. v.7/1 § 186)

Este processo necessário e imprescindível é o caminho para "um encontro entre os tempos e as gerações" bem como a contemporaneidade conforme aponta AGEMBEN (2009 p.71), para melhor observação dos enfrentamentos na observação de um núcleo institucional oriundo de um coletivo que se organiza para a crítica e novas leituras, durante um estado de exceção onde a morte é inerente ao projeto de "solução final" MBEMBE (2009. p 19).

Segundo JUNG (V.7-2 p.241):

> "Tudo o que os homens concordam em considerar como geral é coletivo, sendo também coletivo o que todos compreendem, o que existe, o que todos dizem e fazem. Observando com atenção, sempre nos admiramos com o que há de coletivo na nossa assim chamada psicologia individual. É de tal ordem, que o indivíduo pode desaparecer por completo atrás desse aspecto. Entretanto, como a individuação é uma exigência psicológica imprescindível, esta força superior do coletivo nos permite compreender a atenção especialíssima que devemos prestar à delicada planta da "individualidade", se quisermos evitar que seja totalmente sufocada pelo coletivo."

A emergência desta percepção para a pesquisa sobre uma instituição cujos componentes carregam a herança ancestral desse inconsciente coletivo e que pode ser determinante na incompreensão de suas próprias reações. Para JUNG (O.C. Vol.7/2-266)

> "Individuação significa tornar-se um ser único, na medida em que por "individualidade" entendermos nossa singularidade mais íntima, última e incomparável, significando também que nos tornamos o nosso próprio si-mesmo. Podemos, pois, traduzir "individuação" como "tornar-se si-mesmo"." (JUNG, O.C. Vol.7/2-266. 2014)

O encontro com AGAMBEN (2009) proporciona observar uma nova forma de compreender que "o escuro que vemos no céu é algo que, segundo os cientistas, necessita de uma explicação". Então, nesta perspectiva foi necessário desumanizar o escravo, porque ele impunha uma explicação que estava além da possibilidade de explicar e ver o outro, e criar para ele uma condição que resultou para MBEMBE (2009. p. 9) na dominação absoluta:

> "De fato, condição de escravo resulta de uma tripla perda: perda de um "lar", perda de direitos sobre seu corpo e perda de estatuto político. Essa tripla perda equivale a uma dominação absoluta, uma alienação de nascença e uma morte social (que expulsão fora da humanidade). Enquanto estrutura político-jurídica, a *plantation* sem dúvida é um espaço em que escravo pertence ao senhor. Não uma comunidade porque, por definição, comunidade implica exercício do poder de fala e de pensamento" (MBEMBE, p. 9. 2009)

As imagens do período colonial ainda permeiam as relações sociais deste século, e emergem de cada observação dos movimentos realizados antes e durante o início de uma pesquisa que enfrenta como primeiro desafio a mística da contemporaneidade segundo AGAMBEN (2009).

Na diáspora os saberes epistemológicos trazidos pelos mais velhos através da oralidade, ensinam que este tempo cronos, presente, não é de fato, pois o tempo em sua linearidade é um compromisso compulsório e desnecessário.

Uma ruptura apresentada através de um movimento contrário de uma ciranda sagrada, denominada "xiré", pode nos conduzir a outro tempo, sem tempo e totalmente atemporal, que permite ao futuro o poder de emergir do passado, como no processo de individuação conceituado por JUNG (V.7-1).

Por este motivo é pertinente ilustrar estas reflexões a partir da mitologia da cultura Yorubá que representa tão bem essa atemporalidade. No mito de *Esu* ele consegue acertar "o pássaro, ontem, com a pedra que atirou hoje".

Ẹṣu em sua contemporaneidade, possui outro significado. Para a compreensão possível daqueles que tendo pouca familiaridade com as culturas africanas, é necessário que se aperceba do sentido de escuro para além de apenas ausência de luz. Bem em consonância com o sentido trazido por AGAMBEN (2009) de romper com a lógica da identidade de *Ẹṣu*, trazida pela

cultura religiosa ocidental. Para eles, esse carismático *òrìṣà* do panteão Nagô, se equipara a aquele das ditas profundezas do mal ou como se apresenta nas narrativas sobre sua existência no inconsciente coletivo do biopoder que produz as normas e conhecimentos segundo suas lógicas.

Falaremos mais adiante de sua importância para a comunidade de matriz africana, sagrada ou sacralizada pela ética e conceitos de relações que se estabelecem internamente em um espaço cósmico da luta ancestral por respeito e dignidade.

Vale dizer que a condução das instituições antirracistas, baseados em conceitos da afrocentricidade tem a ver com a crença de que o ser humano precisa ser útil à sua comunidade, como mencionado em SANTOS (1996):

> "Quanto mais a vida de um ser humano terá sido útil e profícua para a sua comunidade, mais seu *àṣè* será poderoso. Outra parte de seu àṣè será reencarnada em seus descendentes diretos." (SANTOS, 1996. p. 204)

Para os que participam de movimentos pela libertação mental, social e material do povo descendente de africanos no Brasil, e é um processo de autoconhecimento. Para nosso estudo, é um processo de Individuação. Dentro de uma consciência necessária, há um desenvolvimento psicossocial e político em relação ao racismo, as intolerâncias e as inúmeras violações de direitos, que vai emergir das experiências cotidianas e principalmente das relações comunitárias em uma organização antirracista.

É preciso resistir. Sozinho isto é impossível. Nossa forma de existência, desde sempre é coletiva. Buscar apoio nas instituições negras antirracistas, ainda é o caminho contra um adoecimento das relações entre pessoas negras.

Mesmo após, quase 50 anos de existência do IPCN, chegam pessoas em busca de acolhimento e fragilizadas por motivos idênticos aos de outras pessoas que buscaram na instituição uma forma de reagir coletivamente. Uma instituição como o IPCN, não funciona somente como um espaço para encontros, planejamento de ações estratégicas contra o sistema político e governamental, racista e excludente, público ou privado.

É um lugar de formação de vínculos, reflexões, mudanças na forma de agir, pensar, cuidar e ser cuidado. Mas, principalmente um espaço de aprendizado.

A instituição terá que lidar de maneira cuidadosa e afetiva com todas as sequelas dessa metamorfose política do ser negro. Isto mudará, certamente, a rotina e a vida institucional. Todavia, ao adentrar o espaço da comunidade, a partir da psicologia complexa, em

complemento a outras perspectivas que corroboram com a dimensão coletiva, o ser negro será afetado. Em SOUSA (1983) na contemporaneidade da ruptura com o Mito da Democracia Racial, a compreensão mítica do negro contribuiu para ampliar nossa percepção coletiva das dores sentidas. Isto reforçou o busca por alternativas. Vale lembrar o que nos ensinou Asante:

> "O propósito foi, desde sempre, criar espaço para seres conscientes que, estando centrados, se comprometem com o equilíbrio mental. A ideia de conscientização está no centro da afrocentricidade por se o que a torna diferente da africanidade. Pode-se praticar os usos e costumes africanos sem por isso ser afrocêntrico. Afrocenticidade é a conscientização sobre a agência dos povos africanos. Essa é a chave para a reorientação e a recentralização, de modo que a pessoa possa atuar como agente, e não como vítima ou dependente." (ASANTE, In LARKIN, 2009. p 94)

No cerne dessa questão, para o ser negro, na singularidade desse indivíduo é como exercer um protagonismo sem "despojar o si mesmo dos invólucros falsos da persona, assim como do poder sugestivo das imagens primordiais." (JUNG, 2014). Sem isto, seguirá como ensinou FANON (1950) sem que caiam as máscaras e o negro querendo ser branco, porque "todos os seus esforços visam conquistar uma existência branca". A isto, JUNG (2014) chama de persona e é exatamente para que possa se despir dessas máscaras que o ser negro vai ao encontro de seu si-mesmo, nas instituições negras:

> "Entretanto, quando nos voltamos para o outro lado, isto é, para as influências do inconsciente coletivo, encontramo-nos num obscuro mundo interior, de compreensão muito mais difícil do que a da psicologia da persona, acessível a qualquer um. Não há quem não saiba o que significa "assumir um ar oficial", ou "desempenhar seu papel na sociedade". Através da persona o homem quer parecer isto ou aquilo, ou então se esconde atrás de uma "máscara", ou até mesmo constrói uma persona definida, a modo de muralha protetora. Assim, pois, o problema da persona não apresenta grandes dificuldades intelectuais."
> (JUNG, OC. v.7/2 § 269)

É no processo de individuação que acontece a realização do si mesmo. O indivíduo vai compreender que há uma diferença "entre o que parece ser para si mesmo e o que é para os outros." Nesta perspectiva, está a importância da individuação, para a consistência do despertar institucional do negro, no interior do IPCN, onde houve em vários momentos uma catarse no despertar de pessoas que adentraram seus espaços e iniciaram uma trajetória de luta, não apenas com a sociedade, mas consigo mesmo, para compreender sua própria identidade.

2.4. Alquimia, Mysterium Conuction e Ori.

Encontrar nos conceitos de Jung algumas respostas para um aprendizado sobre o si mesmo, e em diálogo com esses conceitos não romper com aqueles que já estão conectados a nós pela ancestralidade, é busca desta pesquisa.

A cultura do individualismo, da homogeneização de formas de viver e produzir através de um modelo de pensamento que faça com que as pessoas se tornem cada vez mais solitárias, ao mesmo tempo que atribuam a seu atos ou omissões todo o mal que aconteça em seu entorno, difunde a cultura da culpa em vez de um caráter de assunção de responsabilidades.

Centrar ações no coletivo pode ser uma forma de elaborar algo para além do "ser ou não ser", percebendo as confluências[30] que evocam mundos diversos e suas conexões. Abordar todas as coisas, sem subordinação sempre dentro da mesma lógica (KRENAK.2023) que ensina que dar conta de tudo é o caminho, pode abrir muitas possibilidades para outros mundos.

Na observação do que suas teorias eram capazes de produzir em seus pacientes, Carl Gustav Jung propôs o termo *mysterium coniunctionis* (em latim, "mistério da conjunção") para designar paradoxos místicos. A obra é complexa e densa, e requer conhecimentos prévios de alquimia e psicologia analítica para a sua maior compreensão e aprofundamento dos conceitos trazidos.

A alquimia era considerada uma metáfora JUNG para o processo de individuação, que é o caminho de desenvolvimento psicológico e espiritual do ser humano. Ele argumentava que a alquimia não era apenas uma prática de transformação de metais, mas também uma busca pela transformação interior.

Para a psicologia complexa é possível processar uma transformação contínua inclusive com a convivência entre os opostos, inclusive a agua e o fogo, "inimigos e contrários entre si, até por natureza colocados em oposição um ao outro". Como as mensagens transformadoras e trazidas a partir de um inconsciente coletivo, pode nos afetar a partir das emoções e comportamentos do consciente.

Neste aspecto, há um ponto que requer nossa especial participação para trazer a necessidade de lançarmos mão, imprescindivelmente do complexo filosófico africano para irmos nós, ao milagre da fênix, (JUNG. 2015) para um renascimento em que a brancura se transforma em negrura, no sentido epistemológico.

[30] Nego Bispo (10/12/1959-0312/2023) – Filósofo Quilombola de São Luis do Piauí, nascido Antônio Bispo dos Santos, ficou conhecido por suas críticas acerca de política e das relações no mundo. Brilhante pensador cunhou o tem confluências, evocando um contexto de mundos diversos que podem se afetar, para além da euforia da monocultura. (KRENAK.2023)

Há pessoas ligadas a história do IPCN, cuja grande preocupação era compartilhar todo o conhecimento ao qual sabiam invisibilizados pela estrutura política, racista e colonial. Queriam que crianças, adolescentes negras e negros, pudessem aprender sobre sua história e cultura. Não apenas sobre feitos heróicos e histórias de grandes impérios. Isto é importante. Mas, sobre ética, modo de viver e sentimento coletivo.

A humanidade, como demonstram os experimentos de JUNG (2015) possui uma conexão com tudo o que a humanidade já pensou, viveu e realizou. E durante longos períodos o "ser negro"tem sido associado a coisas nefastas, indignas, catastróficas ou mesmo diabólicas.

Ao observamos mais atentamente o complexo sistema de cultos, ritos e narrativas das culturas africanas, neste caso da pesquisa estamos nos atendo somente a cultura nagô, dos iorubás, vemos que há uma confluência de informações e ideias.

Pela cosmopercepção africana, nada é aleatório. Houve permissão dos ancestrais para que chegassem até nós, saberes e fazeres, inclusive práticas sagradas milenares e seus fundamentos. Algumas escritas, simbolicamente por uma linguagem que precisa ser traduzida com muito cuidado (OYEWUMI. 2022) para que não haja distorção dos verdadeiros sentidos. Outros tantos, recebidos por nossa "orixalidade" através de sonhos, mensagens cósmicas, que segundo a psicologia complexa podem ser explicadas como mensagens numinosas.

As perseguições aos povos que foram considerados primitivos, serviram para subtrair-lhes bens materiais que tinham importância histórica e ritual, mas não levara em conta saberes sobre como lidaram com elementos além da matéria. Nas alternativas de sobrevivência e desenvolvimento espiritual, para captarmos mensagens e aprendizados de nossa "egbé orun", passamos a compreensão de que o "doble do *ori*, que reside no *ọ̀run*" (SANTOS. 1976) é parte de nossa existência. Vale observar, que somos seres únicos:

> "Cada *ori* é modelado no ọ̀run e as matéria mítica progenitora varia. A porção de "matéria" extraída da "matéria-massa" progenitora com a qual é modelada cada cabeça constitui o Ipòri da pessoa. Esse conceito é muito importante, porque estabelece uma série de relações entre o indivíduo e sua matéria de origem mítica." (SANTOS. Pag 205.1976)

Cada ser, é único, com seu destino e compromisso ancestral. Não há um só ser que venha a essa parte do universo, o *àiyé*, para vivenciar suas experiências materiais, que não seja composto por "duas partes inseparáveis, o *ori*, a cabeça, e seu suporte, o *àpéré.*" Há entre os praticantes de cultos ancestrais africanos um ditado "cabeça ruim não dá *òrisà*", uma vez que acredita-se que o orisás afastam-se de quem não cuida bem de seu ori. É também conhecimento

ancestral, compartilhado entre aqueles que se dedicam as práticas do candomblé que "Cada um deveria venerar sua matéria ancestral para prosperar no mundo e para que ela venha a ser seu guardião.". (SANTOS.1976)

Nas palavras de THEODORO (1996) a conexão com o princípio feminino que reequilibra as funções no universo para que as transformações aconteçam:

> "A matéria com que são modelados os corpos chama-se *okê opori* ou *ipori*. O significado e a importância do *ipori* são muito grandes, sendo que o *ipori* é como o local onde o rio começa seu curso, representando a nascente, a partir da qual o pequeno regato se alarga e corre." (THEODORO. Pag 74.1996)

A importância de cumprir com seu compromisso ancestral, uma vez que cada pessoa traz a herança de seus pais, em seu DNA, que para as tradições africanas estão em seu Ori, O compromisso são as escolhas e caminhos para se tornar um ser melhor e mais útil da sua comunidade e ao mundo.

Interessante observar que tanto na psicologia junguiana quanto na percepção do mundo segundo as tradições africanas abordadas pela pesquisa, temos inconsciente e consciência; orun e àiyé onde estão simbolizados os princípios masculino e feminino respectivamente, como complementares.

Em mais uma singularidade dos estudos de JUNG (OC. v 14/1 § 179):

> "As pombas são as aves de Astarte. Na alquimia representam elas, como todos os seres alados, *spiritus* ou *animae*, o que equivale à água da linguagem técnica, isto é, a substância de transformação que é extraída."

Aqui, também a água como elemento transformador. A simplicidade que é estar em um ambiente sagrado, que se purifica e transforma a partir de seus elementos, corpos únicos e capazes de realizar o processo psíquico de transcender as violências de restrições de direitos para renascerem como pessoas que buscam como a fênix, "remedium irae et doloris" (remédio para a ira e para a dor)".

Figura 10 Biblioteca da Instituição



Fonte: Acervo Institucional (2022)

Simbolicamente, estar em um espaço institucional onde a completude de sua caminhada, sugere razões para a continuidade das ações, transcendendo funções primordiais, para descobrir em cada elemento existente em seu interior os padrões universais de pensamento e comportamento míticos, que darão conta do compromisso ancestral assumido.

CAPÍTULO III - CANDOMBLÉ: PROCESSO ALQUÍMICO ENTRE MORTE E VIDA

“Esu matou um pássaro ontem, com a pedra que ele atirou hoje” (Provérbio ioruba)

Neste novo momento institucional do IPCN, dentro dos aprendizados em experiências e diálogos mantidos por pessoas que convivem na atualidade da militância virtual, se estabeleceu um desconforto inicial, a partir de cumprimentos inocentes no idioma ioruba: “Laroye!”. Uma saudação a Esu, segundo THEODORO (1985. 50) “o princípio dinâmico sem o qual nada existe, nada se realiza”; um símbolo mítico do panteão da afrodiáspora.

Lidar com o vulcão silenciado das inúmeras perguntas não respondidas pelas muitas violações de direitos, é quase tão difícil quanto ultrapassar a linha do tempo que não foi concedido e sim conquistado. Aqueles que fundaram a instituição e ajudaram a manter acesa a chama desse ideal de militância estruturada, estão um a um retornando ao *ọ̀run*. O sentimento que toma conta de um coletivo composto majoritariamente por idosos é de ansiedade.

Não há como observar a distância, o IPCN sendo gradativamente transformado em narrativas da história do Movimento Negro. Depois em uma nota de rodapé. Até que desapareça por completo das lembranças. Já não há tempo para as velhas querelas. Registros históricos sobre o surgimento das instituições de resistência e enfrentamento ao racismo são importantíssimos para pontuar o número considerável de iniciativas que foram articuladas. Mas, o IPCN hoje, representa um pouco de todas elas, sobretudo uma memória viva, fecunda e pulsante dos vitoriosos anos políticos contra a ditadura e o Mito da Democracia Racial.

Entretanto, nessa trajetória emocionante há que se registrar a falta de uma identidade definida. Cada instituição negra possui uma identidade própria. O IPCN, de certa maneira fruto das inúmeras influências institucionais: Movimentos de Libertação Africana, Movimentos Políticos contra a Ditadura Militar, Movimentos pelos Direitos Civis nos EUA, CEAA, SINBA. (ALERTI.2007), ainda não possui um foco definido. Pro atuar em diversas frentes, vive uma crise de identidade, pois seu estatuto encontra-se desatualizado e seu portfólio sem um foco definido. Isto cria uma certa instabilidade para se estabelecer na atual conjuntura das organizações do chamado terceiro setor.

Apropriar-se de uma identidade que fortaleça a vocação natural da formação do IPCN: trincheira do enfrentamento as diversas formas de racismo; território fecundo da construção do

pensamento negro; casa ancestral, guardiã de memórias da sagradas é o que vem sendo trabalhado pelas duas diretorias, na retomada de 2020 até o presente momento.

Como nada para nós, em momento algum é aleatório, a trajetória deste recomeço, reuniu pessoas da chamada nova diretoria, no ano da Pandemia. Muito se debateu se aqueles dias nefastos em que Iku[31] caminhava pela terra seriam adequados. Todavia, para as pessoas que atuaram na retomada e reabertura da instituição, diante de tanto medo e perdas, foi uma ocasião importante.

Um processo de reconstrução pode ser inspirador, mas a continuidade vai exaurindo as forças. Atualmente o grupo está reduzido novamente aos dirigentes, aos que contribuem financeiramente e os críticos exigentes e saudosistas que pouco participam. Os velhos militantes, ligados pela ancestralidade, pelo compromisso iniciático, compreenderam a necessidade de fortalecer esses vínculos na instituição, para evitar seu completo desaparecimento.

Como era de se esperar, o IPCN vem se reafirmando como um espaço sagrado da memória do Movimento Negro Nacional. Seu guardião na entrada, responsável pelas querelas iniciais, tem sido também responsável pelas muitas conexões que estão sendo estabelecidas. Os mistérios em seus assoalhos e cômodos, abrigam também um importante acervo[32] oriundo das perseguições aos terreiros de candomblé e umbanda nas décadas de 1930/1940 pela Polícia Civil.

São as religiões de matriz africana, muito mais do que uma forma de cultuar o sagrado, mas um modo de viver em conexão com os valores e conhecimentos afrocentrados.

Quando Esu provoca, muitas vezes, a reprodução de agressividades em grupos de whatsapp, simplesmente porque manifestações pautadas nas nossas práticas ancestrais não são naturais, o sinal está dado. Uma das explicações está em SILVA (2023. p.220) pelo fato de ser o Brasil "um dos maiores países cristãos do mundo" o desconforto poderia ser causado ao tentar analisar ou compreender outra religião, que não seja aquela adotada pela maioria. Um

[31] É um orixá da língua Yorubá que representa a morte. É o Orisá que via vira na cabeça de todos os seres desta terra. Responsável por devolver a Terra, a porção símbolo de matéria de origem na qual cada indivíduo fora encarnado. No candomblé, a morte é vista como uma transformação de material para espiritual, um retorno para ao *Òrun.*

[32] Acervo UMBANDA, parte do Acervo "libertem nosso sagrado" que se encontra no Museu da República. Essa parte do acerto foi trazida para o IPCN na gestão de Benedito Sergio 2011-2014.Encontra-se instalada na parte superior da sede em sala própria.

pensamento que mesmo sendo comum, desvaloriza as pesquisas sobre a temática da história da religião no Brasil.

Mais ainda, quando o desconforto se impõe em um cenário cultural, onde se pretende conceber uma forma própria de resistência, emergindo das rupturas com o ideal religioso cristão. Talvez, o aprofundamento das experiências, vivências e diálogos sobre o silenciamento dos povos que vieram antes, tenha ocorrido também nas fileiras do Movimento Negro. Mesmo que de maneira muito estratégica, estivesse trabalhando contra o racismo, reivindicando a conservação de "suas tradições, histórias, mitos, lendas etc" (SILVA. 2023 p.221.) para a sobrevivência de suas culturas. Os saberes e emoções humanas que permeiam as relações e vivencias de quem adentra territórios de templos sagrados do pensamento filosófico negro são experiências numinosas. E, alguns ativistas já compreendem que a sede do Instituto de Pesquisas das Culturas Negras – IPCN, é um desses territórios.

Talvez, seja a instituição o fio condutor, que acompanha o movimento de transformação que permeia as experiências "milagrosas" do Candomblé. Para uns, um modo de vida, que se apresenta nos rituais sagrados, trazido pelos povos africanos que foram escravizados. Para outros, nossa maior e mais valorosa herança.

No IPCN ainda são protagonizadas cenas de reprodução dos tratamentos indignos a mulheres; falta de empatia aos direitos da população LGBTQIA+; ausência de participação daqueles que se consideram imprescindíveis no cotidiano a instituição; responsabilidade para com o patrimônio da instituição; abandono dos eventos e atividades. A cosmopercepção traz a tona uma outra possibilidade, que é o sentimento comunitário. A instituição não é mais de quem a dirige ou a fundou. É de todas as pessoas que atravessaram o portal e em algum momento depositou um cauri[33] para que até hoje tudo ainda estivesse de pé.

Há, por aqui, uma névoa que ainda não se dissipou, de rancores, mágoas e silêncios longos. Muitos afastamentos e narrativas que vem ao encontro do apagamento que vemos da história da entidade. Muitas biografias importantes, ativistas antigos, omitem sua passagem pelo IPCN ou fala de maneira aleatória.

[33] *Monetaria moneta;* em inglês money cowrie; em português, cipreia-moeda, cauri ou caurim; também chamada de búzio pelas religiões de matriz africana. acessado em 25/12/2025. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=XeJtr_hj1Wo

Somos esuísticos! Somos Ubuntu[34]. No sentido mais conhecido da palavra, sabendo que toda a nossa existência é sagrada, porque somos partes da massa origem. Uma das mais importantes funções da contra colonialidade é o resgate e valorização de nosso elemento dinâmico. O racismo religioso possui um inimigo público número um: *Èṣù*. E reside aí a maior perversidade dessa perseguição que nos fazem. Segundo consta em SANTOS (1976):

> "De fato, *Èṣù* não só está relacionado com os ancestrais femininos e masculinos e com suas representações coletivas, mas ele também é um elemento constitutivo, na realidade o elemento dinâmico, não só de todos os seres sobrenaturais, com também de tudo o que existe."

Os diálogos com esse grandioso universo simbólico da cultura Nagô, foram sendo tecidos através da psicologia de C. G. JUNG, na abertura para dos acontecimentos e dos processos de resistência, dessa instituição. Neste encontro de linguagens simbólicas, foram sendo registrados alguns de "seus mitos e seres de luz".

Não há uma linearidade no pensamento filosófico. Tudo está conectado como em um grande sistema universal, ASANTE (2022) para os nagô este sistema está entre o ọ̀run e o aiyé[35]

3.1 Cabaça e Útero Sagrado

A longevidade e a perenidade da existência, embora seja uma das razões de existir de uma instituição, muitas vezes não se opera. O suporte para que sejam encontrados meios de revitalizar o espaço/território, sem perder sua essência, convivendo e honrando com suas memórias, muitas vezes não acontece.

Muitas pessoas, que transitam pelo centro do Rio de Janeiro, nem se deram conta, ainda, do significado simbólico do IPCN. Alí, com suas portas sempre a espera de novas pessoas negras, dispostas a atravessar o portal das crenças limitantes que impedem seu desenvolvimento pessoal, social e político. Talvez, a distribuição de desigual dos recursos públicos que criam os bolsões de pobreza, direto das mãos dos não negros, para seus próprios territórios e interesses.

[34] "Etimologicamente, Ubuntu vem de duas línguas do povo bantu, zulu e xhona, que habitam o território da República da África do Sul, o país de Mandela. Do ponto de vista filosófico e antropológico, Ubuntu retrata a cosmovisão do mundo negro-africano. É o elemento central da filosofia africana que conebe o mundo como uma teia de relação entre o divino (Olodumare/Nzambi/Deus) e a natureza (composta de seres animados e inanimados). Este pensamento é vivenciado por todos os povos da África negra tradicional e é traduzido em todas as suas línguas." (MALOMALO. pag 96.2014)

[35] Segundo SANTOS (2002) representam o espaço do mundo físico (aiyé), mundo dos vivos; e, o espaço sobrenatural (ọ̀run), mundo dos mortos.

Como trazido por MALOMALO (2014) sobre a "velha questão da libertação, da emancipação ou da integração do negro" na "sociedade de classes brasileira". No movimento negro, onde se faz o debate político com seriedade e continuidade, nunca se perde de vista uma questão:

> "O bojo desse debate tem trazido uma questão crucial, que é pensar as condições de possibilidade de desenvolvimento sustentável nas populações negras ocupantes de territórios urbanos e rurais, as comunidades de remanescentes de quilombos." (MALOMALO. 2014. p.32)

E para entender melhor o momento mítico do surgimento do IPCN, podemos observar as entrelinhas das palavras da Profª Joselina Silva, em seu texto sobre Pedrina de Deus, ex dirigente administrativa e cultural do um IPCN:

> "O Rio de Janeiro dos anos 1970 viu surgir o IPCN (Instituto de Pesquisa das Culturas Negras). A instituição tornou-se a primeira do Movimento Negro com sede própria. Daí, haver permitido que diversos outros grupos tivessem ali seu abrigo e nascedouro. Foi também o berço de empoderamento de parte expressiva das atuais lideranças negras do Estado. Mulheres e homens, oriundos (ou não) de outras organizações, jovens, em sua maioria – estou entre estas -, puderam ali constitui-se como pessoas com um olhar crítico em relação ao racismo e ao sexismo. Aberta diariamente, sua sede era ininterruptamente um local de formação continuada, mesmo através das conversas informais que ocorriam." (SILVA. pág 67.2018)

Há o IPCN das memórias pessoais e coletivas, alguns registrados em capítulos de livros sobre o período histórico da luta antirracista ou biografia de pessoas que vivenciaram aquele importante momento político de derrubada do "Mito da Democracia Racial", como já mencionado no primeiro capítulo. Mas, há o IPCN, que está registrado em documentos do próprio instituto, que é muito reduzido. Há ainda, um outro IPCN, e é sobre este que estamos vendo emergir na presente pesquisa e se encontra lembrado acima: o IPCN como cabaça.

Segundo SANTOS (pag 204.1976) "O corpo é um pedaço de barro modelado; uma forma rudimentar, uma cabaça ou uma vasilha de barro, o representa" O que contém nesta cabaça é uma parte do todo, que ali surge para sua existência individualizada.

Da mesma forma que o universo, é representado pelo mesmo elemento:

> "A representação mais conhecida do universo, da unidade que constitui o *àiyé* e o *ọ̀run* é sobretudo simbolizada por uma cabaça formada de duas metades unidas, a metade inferior representando o *àiyé,* a metade superior o *ọ̀run,* e contendo em seu interior uma série de elementos."

O simbolismo de uma cabaça para o mito da criação nos permite justificar a associação simbólica de uma instituição com esse importante objeto sagrado, guarda os elementos que comporão tudo o que é criado. Para a cultura milenar dos cultos religiosos de matriz africana, em especial o candomblé referenciado nesta pesquisa, as duas metades da cabaça representam o *igba-odu.* Segundo consta em SANTOS *(pag 64.1976) as "duas metades do igba-odu devem manter-se unidas*" isto porque representam os princípios universais que "complementam-se para poder conter elementos-signos que permitem a procriação e a continuidade da existência.

Resguardadas as devidas proporções, e pedindo licença aos ancestrais nesta inusitada analogia, os elementos que compõe a cabaça representam todo o ase necessários para que se mantenha a existência individualizada. E neste aspecto, vem a mente algumas observações sobre esta instituição como um lugar onde se guardam elementos sagrados em metades separadas. Haverá sempre as memórias, da existência quântica representada por tudo o que se viveu dentro e fora desse espaço físico, como desdobramento dos pensamentos ali constituído. Por outro lado, há uma parte registrada em livros escritos pelos próprios ativistas que por ali passaram.

Nesse sentido:

> "Uma perspectiva abolicionista afrocentrada é capaz de pensar em um modelo de estrutura social na qual a coletividade possua sentido de abrangência tamanha que não exclua nada, nem ninguém, haja vista que essa é a natureza dinâmica do trânsito, constante e ininterrupto, entre a cabaça que une *Aiyê* e *Òrun*, Orixás, humanos e demais seres (i)materiais são interligados, sintonizados e interdependentes, de modo que a exclusão compromete a comunhão do axé." (ALVES, JESUS, 202 . p 109)

A vida institucional, requer essas duas metades, unidas, para a sua sobrevivência. É um compromisso que deve ser assumido, pelos que compreender essa importância. Isto pode ser reunido aos poucos. Mas, narrativas imagéticas, são possíveis enquanto ainda há tempo. A reprodução, não é uma obrigação. Ser guardião da continuidade, significa existir fisicamente para ser revisitado quando e como for possível e necessário. Na matéria primordial, representada também nos elementos contidos na cabaça, os homens e mulheres que participam, em constante movimento.

3.2. Renascimento pessoal e coletivo

É possível que hoje, possamos corrigir aquilo que o passado nos transmite em dores, repetidas e contínuas? Em SILVA (2002. p.64) mais uma pegada na composição da reflexão sobre essa atemporalidade:

> " (...) Em outras palavras, a noção de tempo e espaço pertence a uma dimensão além das determinações antropocêntricas. A existência de tal dimensão pode ser observada nas mais diferentes espécies de animais e vegetais que, nas "experiências" de vida, relacionam-se com o tempo e o espaço de maneira singular. Algumas espécies chegam a a presentar uma relação mais harmônica com a natureza do que com os seres humanos. É o caso, por exemplo das migrações de aves de acordo com as estações do ano ou o período de desova de peixes e tartarugas; estes retornam ao mesmo lugar (espaço) no devido tempo, onde outrora ocorreu seu nascimento, apresentando aquela dimensão "trans-humana" do espaço e do tempo no acontecer da vida."

Marcando essa nova etapa do Instituto, a que denominamos "Ressurgência" uma sala no segundo andar o prédio da Av Mem de Sá 208, abriga estatuetas, as quais não tivemos autorização para fotografar, devido aos tramites para a restauração das peças. As estatuetas foram cultuadas em terreiros de Umbanda do Rio de Janeiro. Na perseguição as Casas de Santo, foram cometidas violências como as agressões aos pais e filhos de santo. Um tempo em que o estado brasileiro patrocinava a intolerância. Foram parar no calabouço da Policia Civil. Separadas das peças de candomblés, chamadas de acervo maior, composto por mais de 500 peças resgatadas e levadas ao Museu da República. A luta que atravessou décadas, se tornou uma Campanha, "Libertem Nosso Sagrado" e foram entregues a comissão formada por ilustres representantes das Casas mais tradicionais do Rio de Janeiro. No filme "Respeite o nosso Sagrado"[36] a história é registrada, com os principais atores dessa luta. Um parte do acervo, de valor especial para os praticantes da Umbanda, foram devidamente entregues para serem guardados pelo IPCN.

[36] No filme com esse nome, é mostrada a trajetória da campanha "Liberte nosso Sagrada" Disponível: em https://www.youtube.com/watch?v=QZz3jSvSKsY acessado em 25/12/2024.

Figura 11 Comissão do IPCN resgate e guarda de acervo umbanda



Fonte: Acervo Institucional (2022)

Devido ao fato da instituição ter essa importância para a preservação de valores culturais afrobrasileiros; pela compreensão e entendimento dos, então, dirigentes da instituição, entre os quais a Ekede Maria Moura, religiosa e ativista contra o racismo religioso; Rodrigo Nascimento, na ocasião representante da Fundação Palmares no Escritório Regional do Rio de Janeiro; Eloi Ferreira de Araújo, ex ministro SEPPIR[37]; Dra Berenice Aguiar – então diretora do IPCN; e, o Engenheiro Benedito Sergio, então presidente da instituição ora pesquisada.

O entendimento de que tais peças também não poderiam permanecer nos depósitos. Os responsáveis por sua retirada de seus verdadeiros donos. Era como um aprisionamento de nossas memórias, religiosas. Estarem no IPCN, tem um simbolismo à parte, em vista do território da Lapa e região, ser um lugar de muitas referências com essa história de perseguição. Na foto abaixo a comissão que acompanhou os dirigentes do IPCN no dia do translado das peças.

[37] Ministro no período de 31 de março de 2010 a 1 de janeiro de 2011, substituindo o Ministro Edson Santos, e tendo como sucessora a Ministra Luiza Helena de Bairros.

Nesta perspectiva o candomblé, durante o tempo de sua existência, vem sendo alvo de todo tipo de perseguição. Em uma narrativa que faz alusão a esse preconceito, Frei Davi[38] (ALBERTI et all. 2007) menciona o seguinte:

> " Em 1989 organizamos o Encontro Ecumênico sobre Teologia Afro-brasileira, que aconteceu durante um ano, três dias e por mês, "intensivão", começando às 8h de sexta-feira e acabando às 18h de domingo. Assim, oito católicos e oito evangélicos de várias igrejas começaram a se encontrar. No quarto mês, ao definir o conteúdo do quinto, os católicos falaram o seguinte:
> _É impossível continuar discutindo Teologia Negra sem a gente conhecer um pouco mais o Candomblé.
> Os evangélicos em peso falaram:
> _Se vocês insistirem nesse tema, vamos nos retirar desse trabalho ecumênico."

O que se observa é a ausência, ainda, não há uma musculatura resistente, que permita aos empresários do "show business" religioso abrir mão dessa apologia aos demônios, da perseguição as religiões que não lhes dão lucro, do racismo religioso. Não tem a ver com sagrado, metafísica, crenças limitantes. Só o bom e velho capital. Esta é uma reflexão que precisa ser aprofundada com mais profundo argumentos, e isto não é objeto desta pesquisa. Infelizmente, o olhar distorcido de muitos, incentiva a intolerância, desrespeita as leis e enrijece percepções. Com isto os terreiros precisam se mudar de lugar, perdendo referências e tudo o que, materialmente, ali foi construído. Sabemos, todavia, que isto não é algo novo para as religiões dos *orisás*. Somos capazes de reerguer nossas casas, onde quer que formos. É uma forma de reexistir. Desde que o Terreiro da Barroquinha[39] foi para o Engenho Velho. Ou mesmo quando o colonialismo sequestrou nossos ancestrais no continente africano.

Se há alguma certeza no ativismo antirracista, é que todas as pessoas precisam se unir. Lutar contra todas as formas de racismo é uma mobilização coletiva. O IPCN, como uma das instituições mais antigas ainda em atuação, nesta retomada, compreende o racismo religioso como uma das maiores bandeiras de luta.

---

[38] Frei David nasceu na cidade de Nanuque (MG em 17/10/1952. Formado em Filosofia e Teologia pelo Instituto Teologico e Filosofico Franciscano, 1983, participou da formação dos APN's e da criação dos PVNC's. Na década de 1990 fundou a Educafro. (ALBERT. Et al. 2007)

[39] Ilê Ase Iya Nasso Oka ou Casa Branca do Engenho Velho, que segundo a tradição oral, primeira metade do século XIX, foi criado pelas três africanas da nação Nagô. Fundaram o terreiro de Candomblé em uma roça nos fundos da Igreja da Barroquinha, em pleno centro da cidade. Os levantes de negros ocorridos nesse período desencadearam uma forte repressão, fazendo com que as manifestações religiosas fossem perseguidas. Diante desses fatos, a comunidade da Casa Branca transferiu o terreiro para o Engenho Velho, um subúrbio da cidade. O Casa Branca é um exemplar típico do modelo básico jeje-nagô, sendo o centro de culto religioso negro mais antigo de que se tem notícia da Bahia e do Brasil, considerado com a matriz da nação Nagô. É possível ligar suas origens à Casa Imperial dos Ioruba, representando um monumento onde sobrevive riquíssima tradição de Oyó e de Ketu, testemunho da história de um povo. (Disponível em: https://x.gd/D3aEJ acesso em 25/12/2024)

Novamente a religião tem sido usada como uma forma estratégia de banir pessoas com o consentimento daquela boa "gente de bem". A história se repete! Cruzadas, Inquisições, Guerras Mundiais, Guerras Regionais. O pano de fundo pode ser qualquer argumento político, econômico, desenvolvimentista ou simplesmente territorialista. O aspecto religioso, é sacado com arma e inserido em algum ponto obscuro justificando ações violentas, opressoras embaladas para presente como salvadoras do mundo cristão.

Cabe aos ativistas se apropriarem das epistemologias africanas; argumentos filosóficos que instrumentalizem não somente as reações, mas ações de corpo e mente. Uma ética Ubuntu (RAMOSE. 2014) para que cada vez mais possamos fortalecer nossa força e poder. Nas nossas instituições negras, estão as respostas para muitas de nossas inquietações. Muitas vezes, ao adentrar o território das instituições negras, temos pensamentos arrogantes sobre formas de travar a luta. Cada momento, em cada tempo, época ou fase das nossas instituições, tivemos as oportunidades, ameaças e forças que fizeram as coisas acontecer conforme as energias vigentes naquele momento:

> "É preciso voltar à história para capturar as manifestações do Ubuntu em suas diásporas transatlânticas. No Brasil, a noção do Ubuntu chega com os escravizados africanos a partir do século XVI, pois estes trouxeram a sua cultura nos seus corpos e esta foi reinventada a partir do novo contexto da escravidão, o que fez com que falar de Ubuntu, no Brasil, fosse falar de solidariedade e resistência. Entre outros registros históricos-antropológicos que expressam o "Ubuntu afro-brasileiro", podemos citar os quilombos, as religiões afro-brasileira, irmandades negras, movimentos negros, congadas, Moçambique, imprensas negras." (RAMOSE. pág. 96.2014).

As instituições podem se levantar juntas, a partir de elementos culturais, epistemológicos e científicos em defesa das comunidades. Naturalmente os terreiros estão nesta luta, mas um esforço coletivo de universidades, instituições do Movimento Negro, sociedade civil organizada das diversas manifestações culturais, pode mobilizar a sociedade mais efetivamente.

Há uma imediatidade de que um trabalho mais direcionado em relação a isto precisa ocorrer. Observar o IPCN e suas memórias, faz pensar que essa é a vocação natural dessa instituição.

3.2 *Ọ̀ṣun* e o princípio feminino

Na imagem mítica de *Ọ̀ṣun*, representante do sistema religioso tradicional de matriz africana, no presente trabalho, uma concepção muito peculiar de mundo. O conjunto simbólico da cultura negra brasileira recria ambientes e observações, valorizando e ressaltando a importância do princípio feminino como força motriz para transformar espaços e garantir a sua reexistência.

É uma energia feminina, sendo saudada pela expressão "*Oore yèyé, o*!", que significa "Oh Mãezinha da bondade!" e "Ó fidé ori mó...!" que significa "Ela cobre as cabeças com segurança!" (JAGUN, 2015. pag 155.). Ela tem o seu próprio ritmo, o Ijexá. Seus cânticos, entoados não somente nos terreiros de todas as partes do Brasil, mas também em espaços míticos de louvor a negritude no mundo inteiro, sagrados e profanos. Na tradição dos *òrìṣàs* não há impedimentos para louvar, seja onde estivermos. Porém, cada cantiga, tem seu propósito e algumas não devem ser entoadas fora do lugar e momentos adequados.

Nada disto seria importante, se como ensina o Professor Nilton Sousa da Silva em seu artigo *Ọ̀run Àiyé: Arquétipo e Inconsciente Coletivo* (2023), essa lógica estabelecida pelo universo bidimensional não estivesse o tempo todo presente:

> "A ideia de dois mundos existentes, que se comunicam e interagem e que precisam ser percebidos e manifestos sempre existiu, principalmente, entre os povos primevos. Este arquétipo de Céu e Terra, Mundos Superior e Inferior, Ọ̀run e Àiyé, divino e humano, se faz presente na humanidade, desde antes da escrita, desde quando se tem a noção da existência dos povos primevos e que, algumas vezes, é apresentado somente como história de uma cultura." (SILVA, 2023, p. 223)

A observação, reflexões e permissões ancestrais para a pesquisa se apoiam na tradição africana, dos nagô, no qual nos referenciamos neste trabalho. Para conectar o espaço fecundo da produção intelectual negra dos últimos 50 anos (THEODORO.1996) consideramos a representação dessa energia das águas doces. A senhora das cachoeiras, sendo associada, aqui, não somente à fecundidade, maternidade e à fertilidade; mas também a insubmissão feminina, ao poder da sedução e leveza; na habilidade de alcançar seus objetivos.

Também pertence a *Ọ̀run* o jogo de búzios neste sentido:

> "A consulta ao Ifá fora uma atividade exclusivamente masculina durante séculos, todavia as mulheres passaram a consultá-lo devido a um feito de Oxum (Orixá das águas doces – também grafada como Òsun), envolvendo Obàtálá (o Orixá da criação) e Exu (o Orixá mensageiro), que lhe rendeu a permissão para

> consultar/jogar búzios e obìs (noz-de-cola). O grande ensinamento deixado por Ifá a toda humanidade diz sobre o poder de comunicação com os deuses que habitam Òrun, ou seja, o mundo dos Orixás, o espaço sobrenatural." (DIAS. R. Articul.const.saber, 2020, v.5: e63860)

A história da luta antirracista no Brasil é como um grande rio que percorre caminhos para desaguar no mar das disputas. Nisto também encontra força na cultura ancestral cujos mitos contém mensagens sobre "o nascimento e a morte, o amor e o ódio, a guerra e a paz" e muitas conexões com o que vivenciamos em nossas expediências ativistas. E esses mitos (DIAS, 2020) são elementos que constituem (JUNG, 2014) a relação que cada indivíduo possui dentro de si, com o inconsciente coletivo, e podem aparecer em sonhos. Não de maneira aleatória, as mensagens continas nos sonhos são imprescindíveis ao processo iniciático nas religiões de matriz africana, onde estabelecem essas relações socioculturais.

Por mais que as pesquisas avancem, muitas vezes estamos a conviver com uma história, viva, ao nosso lado, sem que possamos nos dar conta disto. Das muitas disputas de narrativas e exigências por reconhecimentos de direitos, o que se percebe se reafirma é a conexão entre todas as coisas. Mesmo que a versão hegemônica tenha feito um esforço imensurável em manter-se una.

São enormes as semelhanças, e muitas vezes há uma "correspondência impressionante", como afirmado por JUNG:

> "A semelhança universal dos cérebros determina a possibilidade universal de uma função mental similar. Tal função é a psique coletiva, que se compõe de um espírito e uma alma coletivos. Na medida em que há diferenciações correspondentes à raça, tribo ou mesmo à família também há uma psique coletiva limitada à raça, tribo e família, acima do nível de uma psique coletiva "universal" mais profunda." (JUNG.vol.7/2 apêndice.2014)

Mudaram as pessoas e o modelo econômico que passou do mercantilismo ao Capitalismo. Os descendentes dos invasores destas terras seguem destrutivos. Antes, territorialistas e exploratórios; hoje tecnológicos e globalizados; mas sempre mutiladores e letais. Seguem varrendo da face da terra, pessoas, histórias e, principalmente, culturas.

A lindíssima sabedoria ancestral sinaliza: trate as mulheres com isonomia. Permita que participem das decisões e compartilhem da construção do pensamento em diálogo e junto com os homens. A cultura de luta do povo negro é plural e inclusiva, mas os valores capitalistas e coloniais, predominantes no Brasil, estabelecem valoração diferente a homens e mulheres.

Negros e brancos; pobres e ricos; gordos e magros; heteros e LGBTQIA+; nacionais e estrangeiros e enfim toda gama de diferenças, sempre caminhando nessa lógica binária que não dá conta das nuances, matizes. Nas experiências vivenciadas por agrupamentos como o IPCN, vemos que:

> "As significações mitológicas que expressam o pensamento humano ao mesmo tempo em que o constrói, tais quais aquelas atreladas a Osun, disponibilizam e congregam uma multiplicidade totalizadora. Assim sendo, fundamental é considerar toda a dinamicidade, porosidade e multiplicidade de papéis, padrões e categorias simbólicas que subvertem qualquer compreensão mais estanque, dicotômica e reducionista. O complexo mitológico ancestral africano alimenta e é alimentado pela pluralidade e dinamicidade das culturas humanas que são abaladas e atualizadas por narrativas insubmissas questionadoras de bases de sustentação societárias, tais quais aquelas fundadas no racismo e no machismo." (DIAS, Articul.const.saber, 2020, v.5: e63860)

Esta é uma das muitas razões de falar do IPCN através de um mito que simboliza a água doce. Mas, também é importante observar, onde tudo se reconecta e apresenta sua relevância. Olhar para um espaço icônico da construção dialética do antirracismo, a partir da sensibilidade e poder político das Iyalodes[40] move todas as energias de dentro para fora. E, de fora para dentro.

A história do IPCN, registra muitas Iyalodes. Todas merecem referência, e algumas já constam deste trabalho. Mas, há muitas outras que não constam. A elas, em seus movimentos leves e persistentes; outras vezes dinâmicos e violentos, como o corte da adaga; o respeito por suas trajetórias.

Como a força das águas, passaram por cima dos desafios pedregosos, mas em muitos momentos tiveram que contorná-los com a mesma poesia. Ọ̀ṣun também é conhecida por seus feitos misteriosos, como um feitiço que transformou sangue em uma pena de *ekódídé,* (SANTOS.1996) fruto da transformação do sangue do corrimento menstrual de uma jovem

[40] Título distintivo de mulheres na política Yorùbá. São as chamadas poderosas autoridades-mãe que dominavam a hierarquia política na metrópole de Oyó. Significa "mãe de assuntos públicos", devido a sua importância para as relações na comunidade. Essas mulheres entendem "de interesses nacionais, como economia, política interna, defesa de assuntos externos." (OYEWUMI.168-169.2021) Na Candomblé: Mãe da comunidade. "aquela que lidera as mulheres na cidade" ou "a dona do grande poder feminino". (JAGUN. Pag231.2015)

sacerdotisa. Neste simbolismo, presentes a cabaça, capaz de abrigar tudo o que sagrado, como o destino; mas também o elemento procriado:

> "As penas do *ekódídé* pertencem aovermelho, representam o poder e o *àṣẹ* de Òsun-Olóri- Ẹlẹ́yẹ (chefe supremo das possuidoras-de-passaros), porém elas não simbolizam o vermelho genérico mas – como os auris para o branco – representam fragmentos do cermelho, seres individualizados, o elemento procriado."

Essa relação desta *òrìṣà* com as águas, inclusive águas salgadas, com as mulheres pássaros – em um dos itans de Òsun ela se transforma em uma pomba – e no simbolismo da mensagem de bondade, generosidade e cumplicidade entre as mulheres, que se reflete em muitos itans, é de uma beleza e simbolismo que enviam uma mensagem direta. *Òṣun* e sua responsabilidade para com as mulheres, suas demandas e "discussões públicas". As mulheres ancestrais, no *àiyé* sempre tiveram, na história de nossa simbologia mítico religiosa, mensagens de que devem lutar, ocupar seus espaços de poder e sentar-se nas mesas de decisões juntamente com os homens, e representam o grande poder a criação, de continuidade da vida e da sociedade, através da gestação. Este é um traço diferencial nas sociedades de mulheres das tradições africanas e das mulheres européias, vindas com o processo colonizador.

Há algo na forma de utilizar o *abebe* no qual contém um pássaro, representando as sociedades de poderes míticos de mulheres, que demonstra o poder dessa òrìṣà: ele não é um instrumento de vaidade, não significa que estaria a *iyaba* apenas a olhar-se no espelho despreocupada e aleatoriamente. Ela está atenta a tudo. Usa o *abebe* como estratégia de sobrevivência. Tudo o que acontece em seu entorno, inclusive quem vem as suas costas, observa atentamente olhando com o espelho de seu *abebe*, como um retrovisor, antecipando o fatos que podem estar por vir.

As mulheres podem ter em Òsun uma aliada, permanente, silenciosa, misteriosa e terna. Capaz de transformar-se e cuidar dos interesses daqueles a quem proteje. "Seja tenente ou filho de pescador, ou um importante desembargador, se der presente é tudo uma coisa só."

A *orișá*, cuja imagem em peixe ou pássaro "adquire um significado semelhante" e suas escamas ou suas penas representam "o poder da gestação das *Iya-mi*.".

3.4 Matripotência e feminilidade

Na sombra do colonialismo uma mensagem que enrijeceu as relações de homens e mulheres na caminhada por uma identidade afrocentrada. Primeiro conceber que romper com a

lógica colonial, ou seja ,seguir na prática contra colonial (KRENAK.2022) é justamente para pessoas negras, conseguir compreender a lógica do universo, onde os princípios feminino e masculinos não devem ser separados (SANTOS.1976); ou os conceitos da psicologia complexa, onde anima, faz parte da psique do homem, e animus da psique das mulheres, como mencionado anteriormente.

Mas, para além disto, se dar conta de que o sentido e a importância das mulheres no sistema político, das comunidades africanas, não somente naquelas que vieram do tronco Nagô. A força do significado de matripotência, não é olhar ou construir identidades superiores, ou em desequilíbrio humanístico. Compreende a lógica da escuta, e perceber que devemos estar atentas a partir de nossa ligação com o universo por um canal que se enraíza e penetra a terra, indo para todas as partes. Como isto se conecta a essa matripotência, encontramos em THEODORO(1996):

> "As Mulheres são portadoras de muito axé e viabilizam sua expansão e preservação através dos rituais. O ritual é simbólico e faz de cada sujeito parte de um espaço que abriga a todos. Por meio de palavras, gestos e sons, objetos, cânticos e movimentos, reconstroem a vida, recriam o mundo, libertam o ser humano, integrando-o a seu grupo. O ritual é fundamental para a luta, tornando cada membro do grupo parceiro, elemento sem o qual nada acontece. Nas relações entre os membros da comunidade, não existem ideias como pecado ou salvação, que apoiam numa verdade única." (THEODORO. pag 71.1996)

No IPCN como em outros espaços onde a força das mulheres precisou se estabelecer com ímpetos e fúrias, também houve acolhimento e superação. Mas, muitas vezes nossa raiva de mulher negra precisa ser adestrada, como nos ensina LORDE (2020):

> "Minha raiva de mulher negra é um lago de lava que está no meu cerne, o segredo que guarde de modo mais intenso. Eu si o quanto da minha vida como mulher de sentimentos poderosos esta emaranhado nessa rede de fúria. Ela é um fio elétrico entrelaçado m cada tapeçaria emocional em que coloco o que há de essencial na minha via – uma fonte quente e borbulhante que pode entrar em erupção a qualquer momento, irrompendo da minha consciência como fogo numa paisagem. Como adestrar essa raiva com precisão , em vez de negá-la, tem sido uma das tarefas mais importantes da minha vida." (LORDE. pag 183. 2020)

São muitas as vezes em que dedos de cores, texturas e espessuras diferentes aponto para nós um lugar que não queremos estar e não reconhecemos como nosso. Passamos por isto invariavelmente por sermos negras. Mas, espaços institucionais da negritude, estabelecidos,

ainda, sob a sombra da colonialidade, do olhar capitalista, conservador e exploratório de mundo, quando isto acontece tem ainda mais força sobre nós.

Precisamos de mais do nosso universo filosófico. A mente africana, cuja suavidade, como a brisa tem o poder de arejar as entranhas e estancar parte do sangue que jorra através de cada ferida. Nunca será cicatriz, porque a ferida não é nossa. Se torna nossa, porque assim é a dinâmica de interação dos elementos que nos constituem.

Esse universo é cheio de conhecimentos diretamente ligados a cultura sagrada e tradições dos povos que as constituem. Existe o sistema ético e filosófico para nortear os comportamentos e trajetórias dos membros das comunidades tradicionais. Um ser africano, é antes de tudo alguém comprometido com uma ética que o conduz. Segundo ASANTE, quanto ao pensamento filosófico egípcio, base de muitos dos conceitos filosóficos ocidentais e base do pensamento africano:

> "No pensamento africano, as relações positivas são centrais para a correta ordenação do mundo. De fato, sem boas relações humanas, o mundo está em crise perpétua. Ganha-se uma apreciação do conceito africano de centralidade nas relações, justapondo à centralidade no objeto ou centralidade no outro. Os relacionamentos devem começas com o inter-relacionamento da agência pessoal de alguém em relação ao universo e ao divino. O objetivo, então, é encontrar o papel da agência humana na reconstrução do mundo como era antes da crise de Maat e da more de Ausar por Set." (ASANTE, 2022. p.37)

Segundo IFA[41], "o caráter e uma virtude essencial para se alcançar uma vida plena e harmoniosa", trata-se de um alinhamento entre o Ori, sede do destino de alguém, (OYEWUMI, 2022) e seu *Òrișà.* Em iwá está o princípio da existência. O *iwá* é representado pelo ar que respiramos, (SANTOS, 1976), que nos circunda e que expiramos. Sem isto, não existimos. No *Ìwà Pẹ̀lẹ́*, ligado a gentileza que faz do pilar ético e conjunto de condutas que manifestam a vida no *Ìwà Rere.* Dentro desses princípios, cada indivíduo irá se alinhar com suas escolhas vindas de sua vida antes mesmo de chegar ao *Àiyé.*

[41] Conjunto filosófico religioso yoruba. Parte da cultura tradicional de crenças e conhecimentos sagrados. Originário da África Ocidental, Ifá é um sistema de adivinhação, ética e filosofia espiritual que fornece orientação por meio de Orunmila acesso em 18/09/2024, 11:55 Disponível em https://en.oshaeifa.com/osha-ifa/iwa-pele/ 1/12 divindade da sabedoria

Reunido em ASANTE (2022) e o que IFA menciona sobre *Ìwà Rere e Ìwà Pẹ̀lẹ́*, podemos ser remetidos “as condições para Maat, que incluem retidão, justiça, harmonia e equilíbrio”:

> “As dificuldades na vida podem ser atribuídas à falta de Maat na vida de alguém. Maat é o definidor de toda a realidade.” (ASANTE, 2022. p 37)

Maat é a Deusa da verdade, da Justiça, da ordem e da retidão, sendo responsável pela manutenção da ordem social e cósmica. (ASANTE, 2022). Nesse aspecto podemos observar que o significado de *Ìwà Pẹ̀lẹ́* (bom caráter) não traz apenas uma compreenção sobre o prisma individual. Na cultura iorubá a importância da comunidade transcende o indivíduo.

Eis a razão porque nas “relações interpessoais” *Ìwà Pẹ̀lẹ́* é uma importante forma de potencializar os laços de afeto:

> “Através da prática do bom caráter, os indivíduos não apenas melhorar suas próprias vidas, mas também contribuir para o bem-estar e a harmonia do comunidade como um todo.[...} O conceito de Egbe Ifa ou comunidade de Ifa destaca a importância da comunidade e apoio mútuo no crescimento espiritual. Em Ifa, a comunidade não é apenas um grupo de indivíduos, mas uma extensão da família espiritual. Os membros do Egbe Ifa Eles apoiam uns aos outros em seus jornadas espirituais, proporcionando um ambiente onde o bom comportamento é promovido e valorizado.A coesão e o apoio comunitário são essenciais para manter e fortalecer Iwa Pele. A reputação na comunidade Yorubá é essencial. É valorizada como “roupa branca” que deve ser mantido sem manchas. Uma boa reputação é um reflexo direto do bom caráter e é considerada essencial para o bem-estar e o respeito social. Um provérbio iorubá diz: “Nenhum corojo será derramado sua roupa”, o que significa que uma boa reputação deve ser mantida impecável.” (Disponível em https://en.oshaeifa.com/osha-ifa/iwa-pele/ 1/12 divindade da sabedoria - acesso em 18/09/2024, 11:55)

No bojo de conceitos tão complexos como esses, cabe ressaltar que nessas conexões, estabelecidas a partir da dinâmica da fecundidade no interior de um organismo institucional específico deste ente do Movimento Negro: o IPCN, um espaço que como uma *egbé (*SANTOS.1976) *(*THEODORO. 1996) (OYEWUMI.2022), estabelece seus próprios limites entre o que é da tradição cultural negra e não negra, mesmo com as diferenças culturais entre nagos jejes, bantos fortalecendo identidade e territorialidades.

A importância das mulheres na construção da identidade do IPCN, vai além da perspectiva física do espaço/território. Vai, conectar-se com o que a ancestralidade trouxe da potência de nossas matriarcas desde a criação mítica do mundo, conforme já mencionado no . capítulo I, nas abordagens sobre Política Interna da instituição.

Nos mitos femininos do IPCN a força e compartilhamento de poder e responsabilidades perante a comunidade. O legado para a construção do pensamento negro contemporâneo, e o aspecto que define as hierarquias e ordenamentos institucionais, nos sinalizam sobre a fragilidade da linearidade ocidental, sendo imprescindível a difusão de construção de uma identidade própria que recrie uma nova ética capaz de corresponder a ruptura sistêmica que precisa acontecer.

Talvez a ruptura, sejam as fissuras que tantas vezes paralisaram atividades, afastaram associados e associadas que não haviam se conectado as mensagens deixadas nas falas, textos e contextos existenciais de tantas mulheres cuja energia ainda ecoam e reverberam de dentro para fora do IPCN. As mulheres pássaros, cujas penas continuam a escrever a história desta instituição.

3.5 Poder transformador

Na oralidade das memórias que narramos com riqueza de detalhes, muitas retratadas em vídeos por pesquisadores, outras recontadas que são, de tanto serem ouvidas, está o "fio no labirinho" para compreender, um pouco mais esta instituição. É perceptível que cada instituição negra, na defesa de direitos, territórios, patrimônios materiais e imateriais são, como já nos ensinou NASCIMENTO (2020), quilombos, ou territórios tradicionais e espaços culturais de matriz africana em sua contemporaneidade. Trazer esta percepção a reflexão dos mais jovens e iniciantes na trajetória político, social é recordar como nos ensinam GOMES. OLIVEIRA (2021):

> "Conhecer Jayro Pereira e acompanhar na encruza decolonial entre o Movimento Negro e a sociedade brasileira é uma dessas coisas que firmam convicções racionalmente explicáveis. Junto com Gésia de Oliveira ele trouxe a proposta de um Grupo de Trabalho para discutir religião no 2º Encontro do Movimento Negro do RJ, que ocorreu em Nova Iguaçu, em 1987. Tentei argumentar que "nosso negócio" era política, mas ela e ele, didaticamente, mostraram ao Yedo e a mim, que não sabíamos do que estávamos falando. Para Gésia e Jayro, questões referentes às manifestações culturais de matrizes africanas, assim como ao Movimento Negro, eram questões culturais, políticas

> e sociais... Eram históricas! E, portanto, espirituais! Evidentemente não entendi. Mas, havia um brilho no ar, em seus olhares... Sei lá! O GTR foi o 2º mais lotado (o mais amplo, era, sempre, o de Educação tocado por Azoilda e outros incansáveis). E seus relatórios o mais propositivo e exequível."

A caminho do aprendizado, eis o elemento que completa a tríade, (re) estabelecer a importância da preservação das tradições culturais negras, (SODRÉ, 2017) sejam elas intelectuais, religiosas ou sociais. Ao observar no interior da instituição, como a dor e a contenção dos danos causados pelo racismo, no cotidiano dos ativistas, vai se transformando a partir dos encontros que ali se estabelecem, o emergir de pessoas negras, renascidas pela imersão institucional. No enfrentamento de seus próprios conflitos, pessoais e coletivos, respostas do inconsciente individual, coletivo e mítico.

Mas, para o renascimento é preciso antes, ser acolhido no interior desta grande cabaça. Útero sagrado da mãe fecunda. Receber a semente ancestral e a envolver em uma trama de experiências. Dessas vivências, muitas vezes cheias de violências de dizeres sem sentido. A reprodução das violações sofridas individualmente, se encontram em vidas que nunca haviam sido conectadas. Uma catarse e muito despertar. Muitas mágoas. Muitos capítulos em livros e memórias ainda não relatadas.

Em "Memórias da Plantação, KILOMBA (2019) apresenta as histórias de mulheres que vivenciaram seus conflitos, na descoberta de suas identidades como mulheres negras que vivenciam experiências de racismo de maneiras diferentes, buscando compreender como sobreviver a isto e curar as sequelas.

Há um poder enorme nesse enfrentamento, na descoberta e na sobrevivência. Nesse meio tempo, sentimentos são identificados, entre os quais, um que enraíza a ponte de criar um momento em que estar ao lado de outras pessoas negras, de maneira institucional e pautadas em uma ética *ubuntu*, fortalecendo o *Iwa pele* pode ser o divisor de águas entre seguir firme ou sucumbir e mergulhar em águas turvas e profundas:

> "A ambivalência, de modo geral, refere-se à coexistência de amor e ódio. Depois de experienciar a frustração, o sujeito negro, convive com sentimentos ambivalentes em relação ao sujeito branco. Ambivalência não significa que alguém tem sentimentos conflitantes por um objeto. Em vez disso, ambivalência refere-se a uma atitude emocional subjacente em que as opiniões contraditórias derivam da mesma fonte. Sente-se raiva e culpa em relação às pessoas brancas, nojo e esperança, confiança e desconfiança. Orgulho e culpa em relação às pessoas negras, solidariedade e vergonha, confiança e dúvida:

> sentimentos contraditórios em relação a um mesmo objeto. Esta etapa é uma preparação para a identifição: com quem devo me identificar?" (KILOMBA. pag 237. 2019)

Nessa ambivalência tratada por KILOMBA (2019) há um complexo de emoções, cuja busca incessante por resposta, não poderia compreendido apenas no aspecto do indivíduo. Há que se um caminho escamoso, para usar uma palavra em analogia ao sentido das Iyas, mulheres peixes cujas escamas são seus descendentes (SANTOS.1976), para ser trilhado de maneira individual , mas dentro do processo que JUNG (2014) conceitua como individuação.

Mister, que neste momento chamemos atenção para como as observações se entrelaçam e tornam-se mais compreensíveis na medida em que podemos trabalhar com a tríade proposta. Os conceitos se conectam em harmonia permitindo olharmos tanto para a cultura matripotente do sagrado sistema religioso iorubá, enquanto nossa cosmopercepção nos permite uma imediata conexão no que menciona o pai da psicologia analítica:

> "Indubitavelmente, todo o simbolismo arcaico usualmente encontrado nas fantasias e sonhos representa fatores coletivos. Todos os instintos básicos e formas fundamentais do pensamento e do sentimento são coletivos. Tudo o que os homens concordam em considerar como geral é coletivo, sendo também coletivo o que todos compreendem, dizem e fazem, tudo o que existe. Observando com atenção, sempre nos admiramos com o que há de coletivo na nossa assim chamada psicologia individual. É de tal ordem, que o indivíduo pode desaparecer por completo atrás desse aspecto. Entretanto, como a individuação é uma exigência psicológica imprescindível, a força superior do coletivo nos indica a atenção especialíssima que devemos prestar à delicada planta da "individualidade", se quisermos evitar que seja totalmente sufocada pelo coletivo." (JUNG. O.C. vol 7/2-apêndice 2.2014)

Pergunto, em um certo momento da trajetória desta pesquisa, se é possível, a comunidade negra, não religiosa e munida de interesses altruísticos e coletivos de compartilhamento de saberes, guarda de valores e preservação de conhecimentos produzidos por um determinado coletivo manter por tantos anos o mesmo propósito. Há muitas perspectivas do melhor para a instituição, formas de ligar com os desafios do capital e dos recursos financeiros que não chegam.

Figura 12 Marcha 100 anos da abolição



Fonte: Acervo da instituição (1988)

A transformação não acontece em um processo sem dor. São as dores que transformam os seres. Nascimentos dos dentes, pedaços de massa óssea cortando a carte aos poucos até estares nos lugares certos; perda de entes queridos, nos fazem fortes e determinados; caminhadas para manter-se fisicamente em condições melhores. Há muitas formas de observar o racismo acontecer, como em um filme ou em um distanciamento premeditado da experiência de dor. Mas vai nos impulsionar a transformar nossa maneira de lidar com isto.

Muitas pessoas acreditaram na democracia racial brasileira. Era um mito, porque os negros e negras estavam em um não lugar na sociedade. Quando um caso de racismo ou discriminação racial acontecia, muitas vezes o negro era responsabilizado. Por não estar bem

vestido, ou por não falar um bom português, ou mesmo por estar no lugar errado, na hora errada portando os objetos errados em suas mãos.

Finalmente, um dia descobriram que nada disto era sua culpa, mas de procedimentos dos agentes políticos, profissionais da publicidade que reproduziam o negro fora de uma realidade humana e sempre em situação que o depreciava.

Foi então, que casulos antirracistas como o IPCN, passaram a permitir que centenas de borboletas voassem para debater o racismo. Nas ruas e nas mais diversas instâncias. Dentro e fora do país, produzindo severas fissuras nas estruturas racistas das leis e da política.

Há um trabalho duro ainda a ser feito. Isto ratifica a imprescindibilidade da existência do Movimento Negro e suas instituições. O IPCN em especial, como um monumento erguido às inúmeras lutas e conquistas. Com seu poder de transformar pessoas negras em lideranças antirracistas. É como banhar-se em águas ferventes. Nunca mais seremos os mesmos e até mesmo a água fria nos trará cautela.

CAPÍTULO IV DIREITOS E PODER MÍTICO EM INSTITUIÇÕES ANTIRRACISTAS

“A luta pelo direito é a poesia do caráter**”.**[42]
(Ihering)

As pessoas negras neste país, percorreram muitos caminhos até encontrarem sua própria maneira de viver e compreender as experiências políticas, econômicas, culturais e sociais. Talvez, ainda, nem tenham encontrado e apenas estejam testando seus de olhares de fé e esperança. É a forma de vivenciar as experiências brasileiras. Somos a consagração desse aprendizado. Atualmente, podemos dizer que é grande número de pessoas negras, de extrema importância, nos mais diversos campos e áreas de conhecimento. Homens e Mulheres. E, também, as grandes expressões políticas que emergiram em variados momentos eleitorais.

Manter vivos, alguns desses heróis e heroínas míticos é nosso papel missionário. Referencia-los em pesquisas acadêmicas, não deixar que suas histórias de luta por direitos sejam apagadas. Vêm e vão como raios. Voltam ao ọ̀run, mas não antes de descortinar organizações e estratégias que contribuem para ruptura epistemológica, legal e social com a história oficial do racismo brasileiro. O momento atual é de resistência e resiliência.

Enquanto retornavam de volta ao ọ̀run, deixaram cair sementes que germinam no solo fecundo de instituições, terreiros e quilombos. Os frutos, são bons.

Há uma atemporalidade no racismo cotidiano. É como se ele fizesse parte de um ciclo interminável. Um ‘looping’ permanente. O cansaço ou a velhice, muitas vezes pegam desprevenidos alguns ativistas do Movimento Negro. Podem perder a esperança; ou renová-la, nos piores momentos. Chega a um ponto da vida, em que ser um ativista é dialogar consigo mesmo, no meio da encruzilhada:

> “Violado um direito, o titular defronta-se com uma indagação: deve defender se direito, resistir ao agressor; em outras palavras, deve lutar, ou deve abandonar o direito para escapar a luta? A decisão a este respeito só a ele pertence. Seja qual for essa decisão, a mesma sempre envolve um sacrifício: num caso o direito é sacrificado a favor da paz; noutro, a paz a favor do direito. Dessa forma a indagação adquire novos contornos: qual é o sacrifício mais suportável, face às características do caso concreto e da pessoa nele envolvida?” (IHERING. 1998)

[42] VON IHERING, Rudolf. **A luta pelo direito**. LUMEN JURIS, Rio de Janeiro. 1998.

Em uma das músicas do grupo musical "O Rappa" a dúvida se estabelece: "qual a paz que eu não quero conservar pra tentar ser feliz?"

Neste diálogo solitário à luz da filosofia jurídica ocidental pode ser observado o alvorecer da noção de direito apresentada aos futuros juristas. Desde os primeiros instantes na universidade.

A pesquisa, passa por esta reflexão dialógica após caminhar pelos floridos jardins míticos dos conceitos de C. G. JUNG e dos saberes ancestrais vivenciados pessoalmente pela pesquisadora, e compartilhados em pesquisas acadêmicas já referenciadas.

Aqui, caminhando no circuito íngreme, uma memória dos primeiros incômodos surgidos no inóspito ambiente jurídico: acalentei o sonho de fazer justiça e mudar o mundo. Pensando isto na perspectiva atual, lembraria imediatamente dos conceitos de JUNG (OC. 9/1. §44. 2016) uma vez que me vem a mente os arquétipos. O herói. Sempre o herói:

> "Esta é a primeira prova de coragem no caminho interior, uma prova que basta para afugentar a maioria, pois o encontro consigo mesmo pertence às coisas desagradáveis que evitamos, enquanto pudermos projetar o negativo à nossa volta. Se formos capazes de ver nossa própria sombra, e suportá-la, sabendo que existe, só teríamos resolvido uma pequena parte do problema. Teríamos, pelo menos, trazido à tona o inconsciente pessoal. A sombra, porém, é uma parte viva da personalidade e por isso quer comparecer de alguma forma. Não é possível anulá-la argumentando, ou torná-la inofensiva através da racionalização. Este problema é extremamente difícil, pois não desafia apenas o homem total, mas também o adverte acerca do seu desamparo e impotência. Às naturezas fortes – ou deveríamos chamá-las fracas? – tal alusão não é agradável. Preferem inventar o mundo heroico, além do bem e do mal, e cortam o nó górdio em vez de desatá-lo. No entanto, mais cedo ou mais tarde, as contas terão que ser acertadas. Temos, porém que reconhecer: há problemas simplesmente insolúveis por nossos próprios meios. Admiti-lo tem a vantagem de tornar-nos verdadeiramente honestos e autênticos. Assim se coloca a base para uma reação compensatória do inconsciente coletivo; em outras palavras, tendemos a dar ouvidos a uma ideia auxiliadora, ou a perceber pensamentos cuja manifestação não permitíamos antes."

Que justiça seria? A de Sangò[43]? Hoje tão mais perceptível aos meus sentidos físicos e mentais. Ou a Justiça da tríade jurisdicional? Aquela segundo a qual um Juiz decide com base em seus próprios valores culturais, sociais e religiosos a partir de dois ? Como produzir mudanças se desde a Introdução a Ciência do Direito, passando pelo Direito Romano ao Direito

[43] Orisá do Panteão Africano, que representa a justiça, a misericórdia, o equilíbrio diante dos desafios, a boa luta, a honestidade e a ética diante dos vencidos.

Comparado, Alemão e Português, caminhamos por uma Filosofia Jurídica que apenas retrata as reflexões a partir da economia colonial, hierarquizada e que faz o possível para garantir que o nosso lugar (GONZALEZ,1982) é sempre o de subalterno, submisso, sem direitos.

Neste Capítulo, em diálogo com pesquisas que caminham no discurso jurídico posto, para aprofundar a crítica sobre liberdades, antirracismo, políticas públicas e ações afirmativas, ética e uma afro perspectiva para o sistema de justiça e direitos. Para isto ressaltamos a importância de todos aqueles que vieram antes e criaram os caminhos em picadas na densa mata. Para chegar aos quilombos de ontem, hoje e amanhã, foram e são imprescindíveis. As palavras do Professor Marcelo Paixão em sua "Carta ao Jaques" (Afro-Brasil II.2021) reforçam esta afirmação:

> "Tivemos o privilégio de testemunhar a progressiva legitimação do movimento negro na sociedade brasileira. E, de fato, avançamos muito nas últimas décadas. Desde um tempo em que se falar que no Brasil existia racismo era quase um crime de lesa-pátria até a realidade das ações afirmáticas. O passo não foi pequeno. Decerto nos beneficiamos da luta árdua de companheiras e companheiros que nos antecederam: José Correia Leite, Lélia Gonzalez, Hamilton Cardoso, Beatriz Nascimento, Neusa Souza Santos, Oliveira Silveira, José Maria Nunes Pereira, Abdias do Nascimento, Caó, Joel Ruufino dos Santos, Azoilda Trindade Loretto e Luiza Bairros. Estes e tantos outros. Os pioneiros na coragem de expor as faceiras faces à brisa abafada da "civilização tropical".

Nessas referências as memórias do IPCN, onde desde o início contribuíram para a construção de estratégias para desnudar o racismo à brasileira, como em COLLINS (2021. p. 91):

> "Durante a década de 1970, as afro-americanas expressaram suas ideias em panfletos políticos, poesias, ensaios, coletâneas, arte e outras formas criativas dentro dos movimentos sociais e se envolveram em iniciativas comunitárias locais, desenvolvendo ao longo do tempo, sensibilidades interseccionais. Como as afro-americanas não apenas participaram, mas também assumiram posições de lideranças dentro do movimento Black Power e pelos direitos civis, viram a importância de testar as ideias e contextos políticos. Ao mesmo tempo, elas usaram o que aprenderam nos movimentos sociais para construir análises sobre a desigualdade social. Por exemplo, embora separadas das afro-brasileiras pela geografia, pela língua e pelas histórias nacionais, as afro-americanas também entendiam que lidar com a opressão que enfrentavam não se resolveria apenas por meio das estruturas de raça, classe, gênero ou sexualidade."

Por outro lado, vemos que apesar da institucionalização do antirracismo com novas legislações; um sistema judiciário cada vez mais eficiente na persecução do cumprimento dessa

legislação; o movimento negro mais unido e falando a mesma linguagem, ainda estamos longe de criar um ambiente de respeito as diferenças. A "pejotização"[44] da cidadania, acompanha o ritmo do que de forma depreciativa se chama "ongueriização"[45] da luta de classes. É o ativismo cada vez mais crítico ao exercício de seu próprio papel e possibilidade de realizar mudanças.

4.1 Descortinar de organizações e imagem social antirracista

Possível compreender "um liame histórico" em cada componente orgânico, sua biologia e herança transmitida, para "a continuidade entre o passado e o presente" (MENESES, 2009. p. 179).

Neste momento, o IPCN, como um idoso, reflete sobre sua própria história, através do olhar dos pesquisadores que ao atravessarem seus portais, transformaram e foram transformados, mutuamente. Pessoas e instituição. Através de outra tríade: pessoas, luta, instituição; o saldo é um legado de muitas camadas de desafios vivenciados e superados, com algumas sequelas. O que esses movimentos dos anos 1970 fizeram de diferente? RUPTURAS!

Com um pequeno cinzel, foram batendo em pontos onde foram se formando fissuras no sistema. Basta uma ruptura na represa para ela ir abaixo. A força das águas e sua persistência em buscar novos caminhos.

Pensar em toda aquela efervescência, no descortinar da luta negra. Olhar para traz, após mais de 45 anos de passagem dos fatos, equivale a voltar a infância e observar, silenciosamente, o pipoqueiro: ele lança o milho de pipoca no óleo quente -alguns colocavam manteiga, banha de porco – a maioria só óleo de soja. Panela de alumínio. De repente, aquele perfume entrando pelo nariz enquanto ao som dos grãos de milho batendo na tampa da panela. O pipoqueiro, paciente e metodicamente, move a manivela. Muitas vezes a pipoca começa a empurrar a tampa

[44] Terminologia usada pela jurisprudência para referenciar à contratação de pessoa jurídica constituída, para o labor praticado por pessoa física, de modo não eventual, subordinado e oneroso, ou seja, nos moldes da especificação celetista para a formação de vínculo de trabalho.

[45] É um termo depreciativo utilizado no movimento social para descrever a organização jurídica de movimentos e agrupamentos de pessoas em prol de direitos e uma infinidade de objetivos comuns de ação, que em suas especificidades atuam na captação de recursos financeiros (públicos e privados) para a realização de projetos. Fazem parte do Terceiro Setor da economia e são chamadas de organização não governamental (ong), razão da terminologia, que não possui referência na legislação brasileira (MP-GO) que as designa OSC. (Lei 13.019/2014)

da panela... e finalmente uma chuva de flores brancas e deliciosas são depositadas na bandeja e da bandeja para o saquinho. O caminho para a felicidade das crianças, e eu ali no meio.

Foi assim com as organizações de movimento negro nos anos 1970 e 1980. Muitas surgindo e cada uma defendendo um pedaço do espolio de nossos ancestrais. As bandeiras de luta eram muitas. E, com isto havia uma certa incompreensão sobre os processos que nos tornam travando as mesmas batalhas. No depoimento a CONTINS (2005) Feliciano Pereira, conhecido como Candeinha, afirma:

> "Quando cheguei ao Quilombo – Grêmio Recreativo Arte Negra Escola de Samba quilombo – ele estava muito bem em relação aos interesses da mídia. Foi tudo muito rápido também. Em fevereiro de 1979, o Quilombo desfilou com o enredo do Candeia, que vinha propondo uma exaltação aos 90 anos da abolição. Falava-se dos noventa anos da abolição: o samba dizia que negro "não é só bom de samba e futebol". Então, apareceram pessoas do IPCN para solicitar, do Quilombo, participação em um evento artístico. Eu estava na reunião, mas era novo na casa. Fiquei só olhando as conversas. Disseram ter havido entendimento, porém, logo depois, os diretores do Quilombo, na sua maioria, falaram:
> _ Nós não vamos, não. Aquele pessoal desse negócio aí de Movimento Negro, são serra punho, fala uma porção de coisas..." (CONTINS, 2005. p.145)

Na fala de Candeinha, que chegou a ser filiado ao IPCN, uma crítica severa ao formato de o Movimento Negro se relacionar com outros segmentos negros. Isto realmente aconteceu em vários momentos, onde a incompreensão do propósito do ativismo afrocentrado, tornou muitos ativistas radicais e excludentes com negros e negras ligados a movimentos culturais, artísticos e sociais:

> "O Movimento Negro político é um mundo de pessoas, de intelectuais, muitos já passaram por bancos de escolas e , a maior parte, por Universidades. Então eles trazem para esse trabalho toda a postura dos órgãos representativos do governo. Inclusive digo que estamos produzindo e aprendendo coisas com os piores políticos do mundo. Era melhor que fizéssemos diferente. Por exemplo, é muito comum os integrantes do Movimento Negro Político estarem descambando para uma fala muito complicada, um português rebuscado, muito pautado em qualquer coisa ligada a Marx... Posso até ler, mas entendo que se as coisas de fora servissem para as coisas de dentro, não teria nenhum país diferente do outro. Era só introduzir aquilo que foi feito no outro. Fundamento-me sempre em cultura, que para mim é o ponto mais importante." (CONTINS, 2005. p. 146)

Assim, vale observar o que menciona a renomada ativista, também adepta dos cultos tradicionais de matriz africana, Ekedi[46] Lucia Xavier ((ALBERTI, Verena; PEREIRA. 2026. p. 81) sobre a transformação que experimentou no IPCN:

> "Não foi onde fechei melhor minha identidade, mas foi onde terminei de estruturar melhor esse meu compromisso com a questão racial. O IPCN sempre teve uma biblioteca, muito mal utilizada, mas razoável. Na verdade, os que são os nossos intelectuais hoje já estavam lá. Então você vivia o tempo todo essas discussões. Lá eu pude acompanhar toda a trajetória africana de mudança de governo, ação política, todo o processo de apoio a luta contra o *apartheid*[47] – tudo la dentro, nessa experiência política."

Na década de 1970, quando o IPCN é fundado, o rio já corria desde sempre. A luta antirracista apenas seguia seu curso como um grande e caudaloso rio e seus inúmeros afluentes. Cada um tomando as formas segundo sua cada época, povo, cultura, território. Os questionamentos eram estabelecidos e os avanços percebidos em lapsos de tempo diferenciados. A maneira de enfrentar o sistema era de maneira diferente e ao mesmo tempo semelhante. Como menciona um dos fundadores do IPCN Carlos Alberto Medeiros (ALBERTI, Verena; PEREIRA. pag 83. 2016) comparando a forma de enfrentar o racismo, no Brasil e nos Estados Unidos:

> "Embora eu visse com muita identificação o que acontecia nos Estados Unidos, via como algo de fora, algo que os negros brasileiros resistiriam muito a fazer. Não haveria aqui o mesmo grau de solidariedade, talvez por não haver segregação oficial - embora a gente já visse a segregação existia em algumas situações na pratica."

As pessoas que fundaram o IPCN vivenciaram, assim uma espécie de descortinar de uma nova forma de organização da luta antirracista. Sobre isto, menciona o ativista Medeiros:

> "Então, em 1974, conheci algumas pessoas: entre elas, Filó, que estava fazendo a noite do Cheft, o baile de soul do Renascença. Conheci ainda um americano chamado de Jimmy Lee, figura meio controvertida, mas que trazia muito material interessante. Até que um dia me falaram que havia um pessoal se reunindo. Ia ter reunião na Cândido Mendes, em Ipanema, sobre os problemas raciais, mas não estive presente. Soube que foram cerca de 10 pessoas. No sábado seguinte, porém, estive na reunião, que devia ter de 30 a 40 pessoas. Foi uma grande zorra. Tudo muito emocional. Tínhamos reuniões aos sábados. Elas começavam às 15h e terminavam às 18h, mais ou menos. Depois, começaram,

[46] Posto hierárquico nas casas de Candomblé ketu.

[47] "O apartheid (palavra que significa "separação") foi o regime de segregação das populações negra e branca, veiculado pela política oficial de minoria branca da República da África do Sul entre 1948 e 1992, quando foi abolido por uma maioria de 69% dos votos de um plebiscito só para brancos proposto pelo então presidente branco Frederik de Klerk. (...)" (vide nota de rodapé de ALBERTI, Verena; PEREIRA. pag 81. 2016)

> separadas, as reuniões de mulheres. Uma ou duas horas antes as mulheres chegavam, reuniam-se, para então participarem da reunião geral. Era um tipo de catarse coletiva! "Fui discriminado", "o cara me xingou", "quero dar porrada", "tem que matar", ou "não, não é isso, o lance não é esse, o lance é fraternidade"... Enfim, essas coisas começavam a entrar, em ebulição nos encontros realizavam realizados entre os negros. (CONTINS. 2005. p. 128)

Havia também, com a ebulição desses movimentos para a derrubada do "Mito da Democracia Racial" um certo ar de conspiração. Após a edição do AI 5[48] "a expressão mais acabada da ditadura" (GONZALEZ, 1982. p.12), com a suspensão dos direitos políticos e do *Habeas Corpus*[49], nenhum lugar era seguro para quem tinha pensamentos contrários ao regime político da época. Era o meado dos anos 70. A ditadura militar estava agonizando. Proliferavam debates, não somente contra a ditadura militar. Houve muita violência contra estudantes e trabalhadores ao longo dos anos 60 e 70. Mas, participação social, após os silenciamentos, voltava a tomar forças (D'ADESKY, 2021).

Às velhas pautas sobre democracia, feminismo e preconceito racial, foram agregadas também a questão ambiental, indígena e os direitos dos trabalhadores e trabalhadoras.

[48] Os Atos Institucionais (AIs) foram utilizados para legitimar a violência da ditadura, impor medidas arbitrárias e desmontar a democracia brasileira. Eram decretos com força constitucional, editados entre 1964 e 1969, durante o Regime Militar no Brasil. Ao todo foram editados 17 atos que tinham como características a proteção do regime militar e restrição de direitos. O AI 5 decretou: Suspensão do *Habeas Corpus* (proteção jurídica quanto a prisão ilegal) ; suspensão de direitos políticos e restrição ao exercício de qualquer direito público ou privado; cassação de mandatos eletivos; recesso do Congresso Nacional, das Assembleias Legislativas e das Câmaras de Vereadores; exclusão a apreciação judicial atos praticados de acordo com suas normas e Atos Complementares decorrentes. Além disto, eram elaborados pelos Comandantes-em-Chefe das Forças Armadas ou pelo Presidente da República, com o apoio do Conselho de Segurança Nacional. Suplantavam qualquer outra norma jurídica, inclusive a Constituição. (Portal do Governo Brasileiro). Em 13 de outubro de 1978, no governo Ernesto Geisel, foi promulgada a emenda constitucional nº 11, cujo artigo 3º revogava todos os atos institucionais e complementares que fossem contrários à Constituição Federal. Diz a emenda: "ressalvados os efeitos dos atos praticados com bases neles, os quais estão excluídos de apreciação judicial", restaurando o *habeas corpus*. A emenda constitucional entrou em vigor no dia 1 de janeiro de 1979, como parte da abertura política iniciada em 1974.

[49] Medida que visa proteger o direito de ir e vir. É concedido sempre que alguém sofrer ou se achar ameaçado de sofrer violência ou coação em sua liberdade de locomoção, por ilegalidade ou abuso de poder. Quando há apenas ameaça a direito, o habeas corpus é preventivo. Atualmente O direito ao habeas corpus é assegurado pela Constituição, artigo 5º, inciso LXVIII. Antes de 1968, já estava presente em nosso ordenamento legal desde o Código de Processo Penal de 1832 no art. 340. (Portal do Conselho Nacional do Ministério Público – MASSAÚ. 2008)

> "1978 foi o ano de uma grande greve no ABC[50], que projetou Lula[51] nacionalmente. 1978 também foi o ano da criação do Movimento Negro Unificado, MNU, em São Paulo. Não era o primeiro movimento desse tipo, nem seria o último. Uma coisa que a gente loco aprende lendo o livro, pois a luta pela afirmação do negro no Brasil tem tradição e passado, com iniciativas que remontam a Primeira República. Há que se ensinar isso aos militantes do movimento, mas não apenas a eles. Uma segunda lição rapidamente assimilada é a multiplicidade e diversidade de associações e organizações do movimento negro existentes ao longo do tempo. Elas nascem, muitas vezes se cindem, outras vezes procuram se reunir. Elas se conformam em vários pontos do país e se comunicam entre si, buscando potencializar seus esforços."

Toda sorte de privilégios era facultados aos não negros. Enquanto a subalternização imposta a maioria esmagadora de pessoas negras não podia ser contestada diante da publicidade governamental. Um país que se orgulhava de sua integração perfeita entre brancos e negros: a democracia racial. Um mito que precisava ser desbancado.

Segundo o Professor Jaques D"Adesky (Afro-Brasil II. 2022. p. 92):

> "Ainda que o mito da democracia racial se relacionasse com noções que os brasileiros associavam positivamente a si próprios, tais como sensualidade, afetividade, tolerância, cordialidade, etc. esse tipo de consentimento, de acordo com o pensamento de Pierre de Bourdieu, implica um forma de cegueira por parte dos grupos dominados que os leva a todo sistema cultural de representação interiorizado pelos dominados, os proíbe de pensar, perceber e nomear as coisas diferentemente do que lhes foi sugerido pelas definições consideradas legitimas."

Lélia Gonzalez, foi uma ativista potente que passou como um raio pelo IPCN, atuando na Direção segundo documento que faz parte dos anexos a presente pesquisa, CONFIDENCIAL nº 007853 de 08 de Julho de 1988, como Vice-Comunicações. É importante registrar que sobre a participação política da diretora do IPCN consta ainda no referido documento:

[50] ABC – Sigla do Consórcio Intermunicipal formado pelas cidades paulistas Santo André, São Bernardo do Campo e São Caetano do Sul. Com desenvolvimento econômico e qualidade de vida, em especial devido a cadeia automotiva, química e petroquímica. A região é historicamente conhecida por ser o primeiro centro automobilístico do Brasil, abrigando montadoras como a Mercedes-Benz, Ford, Volkswagen e General Motors.

[51] Luis Inacio Lula da Silva, Luiz Inácio Lula da Silva, mais conhecido como Lula, é um ex-metalúrgico, ex-sindicalista. É político brasileiro, filiado ao Partido dos Trabalhadores. É o 39.º presidente do Brasil desde 2023, além de ter sido o 35.º presidente da República entre 2003 e 2011.

> " (...) a qual, em 83, era Vice-Presidente do Instituto Cultura Brasil-África, entidade de fachada do PCB/Ala Prestes, e, também, líder do Grupo de Mulheres Negras, vinculado ao Partido dos Trabalhadores (PT), e 1ª suplente de Dep. Fed. Pelo referido partido;"

O registro acima, é necessário para situar a importância desse documento em diálogo com os outros documentos internos que estão disponíveis na instituição para pesquisas e consultas. A Certidão Cartorária de "inteiro teor da documentação arquivada" no 1º Cartório do Registro Civil das Pessoas Jurídicas da Cidade do Rio de Janeiro, sob a matrícula nº 40.170 traz registros desde a constituição do IPCN em 08/07/1975 até 10/05/2023. Foi solicitada a fim de melhor instruir a pesquisa. No referido documento não consta a aludia eleição de Lélia Gonzalez para tal posto. Muitos documentos que deveriam estar arquivados em Cartório, não foram encontrados em cópias na instituição, que sofreu com as muitas mudanças de direção e apagamentos decorrentes do desaparecimento de documentos.

Mencionar especificamente a associada LÉLIA ALMEIDA GONZALEZ, tem respaldo no fato de ser uma pesquisa que dialoga com a fecundidade no IPCN; o papel de mulheres na instituição, a partir dos registros institucionais; e, tendo em vista sua visibilidade internacional, e, o que é mencionado sobre o IPCN por essas mulheres.

Em parte o documento que foi produzido pelas escutas do governo, ainda na persecução aos "comunistas" contribui para ilustrar a múltipla participação dessa ativista, que aqui não nos cabe estender. Todavia, no livro Lugar de negro é possível compreender a importância do IPCN para quebra do "Mito da Democracia Racial", construção do Movimento Negro em âmbito nacional, e avanços que se seguirão é inegável:

> "Foi também em 1976 que se iniciam os contatos entre Rio e São Paulo, em termos de movimento negro. A de São Paulo tomou conhecimento do que se passava por aqui, através do Boletim do IPCN, e, então, pintou por aqui para levar um papo. Este doi o primeiro de uma série que se realizaria em São Paulo, Rio Claro, São Carlos etc. As discussões se dariam em torno de uma questão fundamental: a criação de um movimento negro de caráter nacional. E foi assim que começaram a ser laçadas as bases do Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial, o MNU. Sua criação efetiva, que se daria em junho de 78 em São Paulo, como veremos em seguida, resultou de todo um trabalho dos setores mais consequentes das entidades cariocas e paulistas, empenhados numa luta política comum. Vale dizer que a fundação do MNU não contou com a participação de nenhuma grande personalidade, mas resultou do esforço de uma negrada anônima, dessas novas lideranças forjadas sob o regime ditatorial militar." (GONZALEZ, 1982. p. 41)

Também no depoimento de Feliciano Pereira, (CONTINS, 2005) ele menciona QUE "O DOPS vasculhou tanto o IPCN quanto o Quilombo". Ou seja, a repressão e seus tentáculos

monitoravam as ações das instituições negras, ávidos por relatos de pretensões políticas que justificasse suas violações de direitos.

Não houve um despertar para a luta antirracista na década de 1970. Nesses tempos difíceis, o que houve foi a queda do véu. Como dizia no samba da Vila Isabel de 1973 "abriu-se a cortina do universo". E as vozes negras, ecoando contra o Mito de que aqui não havia discriminação. Foi uma construção ideológica que iniciou "diante da condenação da escravidão pela opinião pública" (SOARES, 2007). Foi uma ideia política, nascida e difundida por pelos defensores da escravidão, entre os quais muitos políticos como consta em SOARES (2007. p. 201) que hoje são homenageados com seus nomes em ruas e praças:

> "A ideia do melhor tratamentos dos escravos no Brasil, chegou, inclusive, a influenciar toda uma geração de historiadores, cujos maiores expoentes foram Gilberto Freyre e Frank Tannenbaum. Esses historiadores se deixaram levar pelos relatos, algumas vezes extremamente idílicos, feitos por viajantes e contemporâneos acerca das condições de vida do tratamento dos cativos no país, especialmente nos núcleos urbanos. Tanto os viajantes quanto os contemporâneos, e consequentemente Freyre e Tannenbaum, construíram suas ideias enfatizando o tratamento que os senhores sobretudo aqueles mais abastados, deram a seus escravos domésticos, que como já vimos, em capítulos anteriores, se constituíram na "elite" cativa."

Com isto, as incontáveis rebeliões, revoltas, formações de quilombos, irmandades, casas tradicionais de matriz africana, terreiros, instituições, escolas de samba, grupos de capoeira e enfim todos os movimentos abolicionistas e de resistência, antes e depois de promulgada a Lei Áurea, serviram de gás, ou melhor lenha para a fogueira do que começou a entrar em ebulição no mesmo período em que o IPCN nascia, rompendo muros e restrições impostas pela ditadura militar.

4.2 Ruptura legal e social com a histórica economia colonial

Políticos Negros e Negras desaparecem do cenário nacional, da mesma maneira meteórica como surgem. Poucos sobrevivem aos excessivos apelos e exigências da forma de fazer política estabelecida pela força hegemônica dos partidos políticos. E, quando há um ou outro mais enfático, de maior visibilidade, podem sofrer mais pesadamente os ônus da violência política dos inúmeros grupos extremistas no interior do sistema que nunca nos favoreceu. De maneira drástica e letal como por exemplo a ex vereadora do município do Rio de Janeiro

Marielle Franco[52]ou pela letalidade moral das acusações de uso indevido de cartões corporativos.

Ícones sagrados, como Marielle Franco que deixaram um legado grandioso em curto espaço de tempo, surgem em diferentes momentos. E são desconstruídos quase todos os dias. Um escândalo aqui, outro ali, pulverizado por comportamento inapropriado, drogas, violência urbana ou política desonesta. Verdade ou não. O mal se esparrama nas carreiras e não há como reconstruir.

A participação das pessoas em instituições negras, possibilita a queda do véu. A falta de conhecimentos sobre sua identidade ancestral é algo que enfraquece o ser negro. E, para conseguir o grau de compreensão do que está sendo produzido por um coletivo institucional, é preciso buscar apoio na filosofia africana. Isto não é simples. São trazidas na bagagem, muitas dúvidas e inseguranças pelos que adentram esses territórios em busca de sua unidade como pessoa negra.

Essas inseguranças têm lugar em nosso cotidiano que muitas vezes começa dentro de casa (SOUSA. 1983) e conviver com o peso das representações que o referenciam no imaginário social como em SOUSA (1983, p. 28):

> "A representação do negro como elo entre macaco e o homem branco é uma das falas míticas mais significativas de uma visão que o reduz e cristaliza à instância biológica Esta representação exclui a entrada do negro na cadeia dos significantes, único lugar onde é possível compartilhar do mundo simbólico e passar da biologia à história.

É necessária, pois, uma compreensão do ser africano, a partir de seu complexo filosófico. Através de princípios éticos e epistemológicos. É importante compreender o que nos ensina ASANTE (2022. p. 35) sobre unidade:

> "O que se entende por unidade de mundos na mente africana é a ideia de que o passado, presente e futuro são um e que é impossível separá-los um do outro. Na verdade as designações "passado", "presente" e "futuro" têm aplicação limitada em uma discussão sobre a mente da África. Esses são estados que são especificamente voltados para um modo de operação ocidental,

[52] Marielle Franco foi uma socióloga, feminista, defensora dos direitos humanos e política brasileira. Ela nasceu no dia 27 de julho de 1979, no Rio de Janeiro, e foi assassinada em 14 de março de 2018. Marielle era vereadora da cidade do Rio de Janeiro, tendo sido eleita pelo Partido Socialismo e Liberdade (PSOL) em 2016 como a quinta mais votada no município. Se destacou por sua atuação em defesa dos direitos das mulheres, especialmente das mulheres negras, da população LGBTQIA+, e das comunidades periféricas.

> enquanto na África, o modo é orientacional, perspectivista ou habitual. Os seres humanos são orientados para a posteridade. Esta é uma visão perspectivista porque depende de onde você está em um determinado momento e em um determinado ponto do universo. Às vezes estamos mais próximos dos ancestrais e outras vezes estamos mais próximos da posteridade."

Pelo IPCN passaram pessoas que foram transformadas e transformaram a instituição, e principalmente estabeleceram forma diferentes para produzirem conhecimentos, intervenções importantes e que hoje estão sendo retroalimentados pelos que chegaram depois. Uma dessas pessoas foi Azoilda Loretto Trindade:

> "É isso que eu consigo dizer pra você acerca de Zô, sempre com uma vida muito intensa de amizade, neste período eu penso ser útil falar assim com você, dar essa carga, por que isso que é capaz de explicar e ajudar as pessoas compreenderem uma personalidade como a da Zô e o tamanho da construção que ela faz, a dimensão de como ela vê, ela não está vendo educação, ela está vendo a educação como o centro, mas ali ela enxerga o racismo, o antirracismo, a luta contra o racismo, a organização da luta contra o racismo, as controvérsias da militância, a militância, o que é ou não a militância, a militância como negra e como educadora, ela está no meio disso tudo, ela pensa e articula essas ideias. Ela vive intensamente, por morar no centro da cidade há quase 300 metros do IPCN, então ela viveu ali, que era entidade de todo mundo, não tinha outra. Quer dizer, tinha sim, tinha o o grupo de SG o Seba, tinha os grupos pequenos e maiores, mas de fato o pessoal do Aguibara Dudu, a Vera Mendes 98 (mulher extraordinária), era sócia do IPCN, Neinha que foi a primeira cantora do Aguibara, era sócia do IPCN. Benedita da Silva antes de ser candidata a vereadora, era sócia do IPCN. Era assim, Milton Gonçalves, ele mesmo o Grande, era fundador do IPCN. Porque convergia todo mundo para ali como espaço institucional, com uma sede própria e galvinizava a tensão de todo o negro que tivesse se ligado ao movimento de alguma forma. Então Azoilda participa deste processo dentro do movimento sem parar, daí a dimensão de como ela conseguia enxergar isso tudo, percebe? Ela tinha que expressar isso e encontrou talvez a primeira, mas que foi quem pegou pra fazer e pensar isso de maneira estruturada e aí a academia ajuda muito. Vamos fazer a discussão militância e academia, porque quem está na academia milita também e quem está na militância, pensa." (SILVA, 2020. p. 99)

Durante seu período mais fecundo, o IPCN se torna um espaço onde a emergência de um novo segmento político estabelece novas estratégias, muitas delas exitosas, para compor um belo quadro de políticos negras e negros que cunharam seus nomes entre aqueles de representaram nos espaços legislativos a busca de maior inclusão das pessoas negras na sociedade. Criando mecanismos que contribuíram para que a luta antirracista produzisse efeitos mais contundentes no sistema político brasileiro. Entre os quais Jurema Batista[53], José

[53] Jurema Batista (nascida no Rio de Janeiro, em 11 de janeiro de 1957) foi indicada ao Prêmio Nobel da Paz em 2005, é uma política brasileira, feminista negra e ativista pelos direitos humanos, foi eleita vereadora em

Miguel[54], Carlos Alberto Oliveira[55], Edson Santos[56], Marcelo Dias[57], Benedita da Silva[58]. Alguns com breves intervenções, outros com uma participação maior, mas todos dando visibilidade e qualidade maior as intervenções, cujas agendas contribuíram para que o combate ao racismo se tornasse pauta de projetos de lei, que posteriormente tornaram-se Leis e dispositivos constitucionais.

Não nos debruçamos nesta pesquisa sobre as conquistas dos Movimentos Sociais, analisandos seus pleitos e comparando com a legislação decorrente, porém muitas das leis cujos avanços foram observados, tiveram como berço o Movimento Negro.

Não podemos desprezar a passagens desses ativistas das Assembleias Legislativas e Câmaras de Vereadores e Federais, com imensas contribuições ao Movimento Negro. Uma das grandes contribuições coube ao Deputado José Miguel:

> "Em 1983, o deputado José Miguel (http://bit.ly/2f8drws), líder do Movimento Negro do Rio de Janeiro, apresentou um projeto de lei autorizando o Poder Executivo a erigir um monumento dedicado a Zumbi dos Palmares (http://bit.ly/2fkIXVZ). Três anos depois, o antropólogo e político Darcy Ribeiro apresentou a proposta definitiva para o monumento a Zumbi, baseada numa escultura nigeriana produzida em bronze que retrata a cabeça de Oni, rei de Ifé – cidade onde se acredita que o povo iorubá se originou. O monumento foi inaugurado no dia 20 de novembro de 1986." (Biblioteca Nacional – Jornal Tribuna da Imprensa (RJ) ano 1986/Edição 11262)

1992, 1996, 2000 e deputada estadual em 2002, do Rio de Janeiro, pelo Partido dos Trabalhadores (PT). (fonte: Wikipédia)

[54] Deputado José Miguel - PDT (nascido em 20/12/1931, no Rio de janeiro; falecido em 10/12/2001. Autor a lei que criou o Monumento Zumbi dos Palmares na Praça XI, Rio de Janeiro e das leis que criaram a Quinzena da cultura afrobrasileira. Teve uma atuação nos movimentos negros. Residiu no Catiri, atualmente bairro do Gericinó-Bangu. ((fonte: Wikipedia)

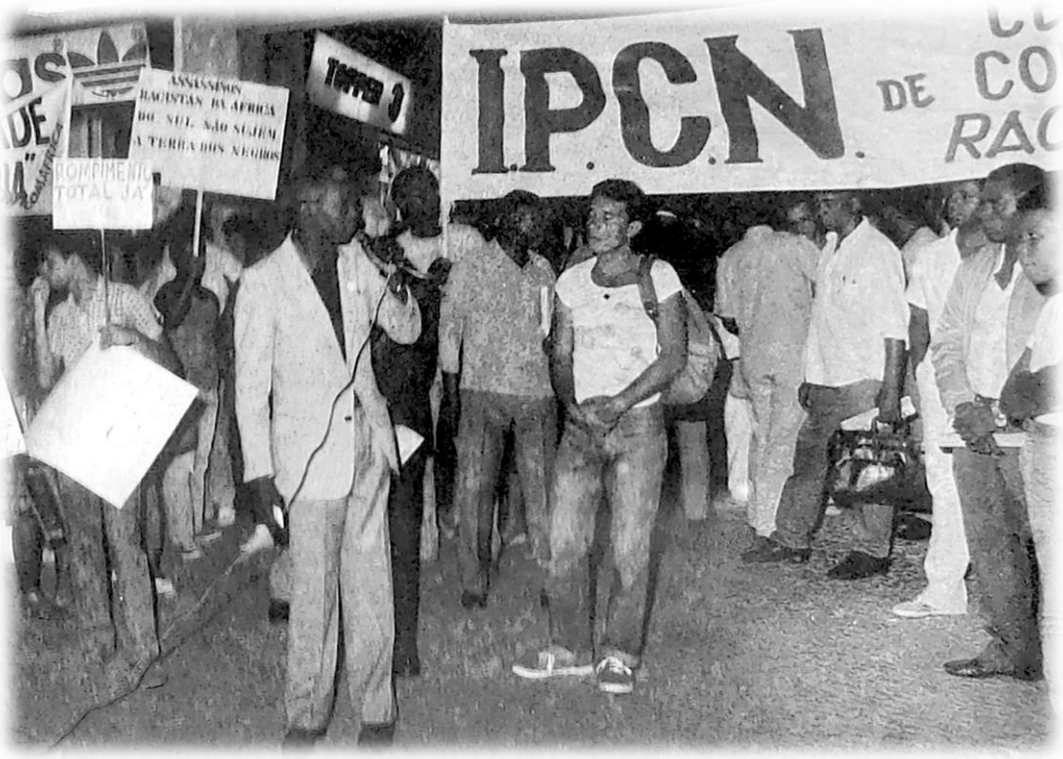
[55] Carlos Alberto Oliveira dos Santos (nascido em Salvador, 20/12/1941; falecido no Rio de Janeiro, 04/02/2018), também conhecido como Caó, foi um advogado, jornalista e político brasileiro, em cuja carreira se destacou a luta contra o racismo, tendo sido o autor da Lei Caó (Lei 7716/1989). (fonte: Wikipédia)

[56] Edson Santos (nascido no Rio de Janeiro, 21 de julho de 1954) é um sociólogo e político brasileiro. Foi eleito Deputado Federal pelo PT em 2006 e 2010. Foi entre 2008 e 2010, Ministro-Chefe da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial.

[57] Marcelo Dias é um político brasileiro, nascido no Rio de Janeiro em 16/10/1960. Foi um dos expoentes do movimento negro brasileiro na década de 1980. Foi eleito deputado estadual pelo PT do Rio de Janeiro em 1994 (1995-1999) com 11.793 votos. É filiado ao IPCN (Instituto de Pesquisas das Culturas Negras) desde 1987, sendo membro do Conselho Diretor; e, militante do MNU (Movimento Negro Unificado) (fonte wikifavelas - https://wikifavelas.com.br/index.php/Marcelo_Dias acesso em 23/12/2024)

[58] Benedita Sousa da Silva Sampaio (nascida no Rio de Janeiro, 26/04/1942) é uma servidora pública, professora, auxiliar de enfermagem, assistente social e política brasileira. Filiada ao Partido dos Trabalhadores (PT). Foi a 59.ª governadora do Rio de Janeiro e atualmente é deputada federal (2023-2027). Tem uma atuação política de muita influência. (fonte: Wikipédia)

Figura 13 Dep Jose Miguel discursa Atividade do IPCN



Fonte: Acervo da instituição (2024)

4.3 Direitos; Políticas Públicas e Políticas Afirmativas

Desde muito cedo, as pessoas escravizadas e seus descendentes, no Brasil, se deram conta de que eram imprescindíveis estratégias para combate ao racismo. Algumas pela via da ginga, do jogo de cintura, pela força, pela violência e principalmente pela Lei. Isto é algo que foi acontecendo principalmente e com muito maior intensidade através de dispositivos constitucionais.

A legislação antirracista é complexa e tem sempre como meta prevenir, punir e erradicar o racismo. O que já foi chamado de "preconceito de cor", Lei 1.390/51[59], e discriminação racial, garantindo a igualdade de direitos para todos os cidadãos.

Muito se sabe que no Brasil, a Contravenção penal era um crime de menor poder ofensivo e ninguém se incomodava muito em praticar essa conduta delituosa. Por isto a luta para que se torna-se crime inafiançável, mexeu tanto com os ativistas.

[59] A **Lei Afonso Arinos** (Lei 1390/51 de 3 de julho de 1951) é uma lei proposta por Afonso Arinos de Melo Franco (1905-1990) e promulgada por Getúlio Vargas em 3 de julho de 1951 que proíbe a discriminação racial no Brasil. É o primeiro código brasileiro a incluir entre as contravenções penais a prática de atos resultantes de preconceito de raça e cor da pele.

Figura 14 Secretário Estadual de Trabalho e Habitação do Rio de Janeiro, Carlos Alberto Caó e Dra. Sebastiana Arruda-Procuradora Federal - década 1980



Fonte: Acervo Institucional (2023)

Abaixo estão algumas da que consideramos, as principais conquistas no âmbito do legislativo nacional, com a perspectiva de impedir os avanços do racismo, criminalizar e responsabilizar as práticas racistas, atualmente vigentes no Brasil:

1. Constituição Federal de 1988

A Constituição Brasileira é a base legal mais importante no combate ao racismo. Em seu artigo 5º, inciso XLII, a Constituição define que:

- **"A prática do racismo constitui crime inafiançável e imprescritível, sujeito à pena de reclusão, nos termos da lei."**

Este dispositivo coloca o racismo como uma grave violação dos direitos humanos, conferindo a ele uma condição especial de repressão.

2. Lei nº 7.716/1989 (Lei Caó)

Conhecida como a **Lei de Combate ao Racismo** ou **Lei Caó** (em homenagem ao deputado Carlos Alberto Caó de Oliveira, que foi seu principal defensor), essa lei tipifica os crimes resultantes de preconceito de raça ou cor. Ela estabelece punições para:

- **Discriminação ou preconceito** em ambientes públicos ou privados, como escolas, locais de trabalho, e estabelecimentos comerciais.
- **Negativa ou impedimento de acesso a cargos públicos**.
- **Recusa ou impedimento de matrículas em instituições de ensino**.

As penas variam, podendo incluir reclusão de 1 a 5 anos, dependendo do crime.

3. Lei nº 9.459/1997

Esta lei alterou a Lei nº 7.716/1989 para incluir **"etnia, religião ou procedência nacional"** entre os motivos de discriminação e preconceito tipificados como crimes.

4. Lei nº 10.639/2003 e 11.645/2008

Essa lei tornou obrigatório o ensino da **história e cultura afro-brasileira** e africana no currículo oficial das escolas de ensino fundamental e médio, como parte das diretrizes para a educação das relações étnico-raciais, sendo acrescida pela. A lei sobre história e cultura indígena alterou

5. Lei nº 12.288/2010 (Estatuto da Igualdade Racial)

O **Estatuto da Igualdade Racial** estabelece diretrizes para o combate à discriminação racial e a promoção da igualdade racial no Brasil. Ele abrange diversos aspectos, como:

- **Educação**: Promoção de ações afirmativas para o acesso à educação e políticas de inclusão.
- **Trabalho e emprego**: Incentivo à igualdade de oportunidades no mercado de trabalho.
- **Saúde**: Implementação de políticas específicas para a saúde da população negra.
- **Cultura e esporte**: Valorização e preservação das manifestações culturais afro-brasileiras.

6. Lei nº 12.711/2012 (Lei de Cotas)

Conhecida como **Lei de Cotas**, esta lei estabelece a reserva de vagas em universidades federais e instituições de ensino técnico para estudantes negros, pardos, indígenas, e pessoas de baixa renda. A lei é uma importante medida de ação afirmativa, destinada a corrigir desigualdades históricas no acesso ao ensino superior.

7. Lei nº 14.532/2023

A Lei nº 14.532/2023 alterou o Código Penal Brasileiro para tipificar a injúria racial como crime de racismo, equiparando suas consequências às de outros crimes previstos na Lei nº 7.716/1989. Com isso, a injúria racial tornou-se inafiançável e imprescritível, sujeita a pena de reclusão.

Merece destaque, a legislação que cada ente federativo, estado e município, possuem de maneira independente, dentro das competências – previstas dos artigos 22 a 30 - da Carta Magna. São muitas as leis anteriores a constituição de 1988. Elegemos como marco legal a Constituição de 1988, uma vez que foi a primeira grande reforma de princípios legais após a fundação do IPCN.

Também se encontra no escopo da pesquisa, o fato de haver grande inserção de agentes associados ao IPCN, envolvidos nas mudanças de paradigmas, derrubada do "mito da democracia racial"; lutas por direitos das mulheres e populações mais vulneráveis como LGBT; moradores de favelas e periferias; sem teto; meio ambiente e povos indígenas; quilombos; liberdade de crença; contra o trabalho infantil e análogo a escravidão; educação de qualidade; igualdade de direitos; abertura política e defesa do estado democrático de direito que estavam dialogando e construindo estratégias intra muros do IPCN e outras organizações, coirmãs, como o MNU, SINBA, CENIERJ apenas para mencionar as mais atuantes no circuito territorial da instituição estudada.

Muitas vezes, o senso comum reproduz comentários sobre leis que pegam ou não pegam, porém, uma legislação foi feita para ser cumprida. Tudo o que se refere a legislação antirracista e pela promoção das pessoas negras e indígenas no país têm pouca adesão e receptividade, porém essas leis são fundamentais para o combate ao racismo no Brasil e representam um avanço na luta pela igualdade racial. No entanto, o cumprimento e a efetividade dessas normas dependem da conscientização da sociedade e da atuação rigorosa das instituições públicas na fiscalização de seu cumprimento.

4.4 Pejotização da cidadania e o neoliberalismo

No Direito do Trabalho, usa-se o termo "Pejotização" para explicar o fenômeno da utilização de pessoa jurídica para contratar empregados, com menor carga tributária. É uma

forma de lesar o povo duas vezes: primeiro o povo trabalhador, em seus direitos laborais. Muitos são demitidos e recontratados como MEI, sem direitos dos trabalhadores urbanos. Segundo,o povo mais vulnerável que depende das políticas públicas governamentais em assistência social, prioritariamente, pela redução drástica no pagamento de impostos. O sonho do empreendedorismo de sucesso, vem sendo utilizado para mexer com o imaginário social e construir uma espécie de "sonho americano" à brasileira. Pensar que da noite para o dia todos pode ser donos de seus próprios negócios, lucrarem e viverem felizes para sempre passeando pelas maldívias e morando em espaços reservados para a fina flor da classe média. A realidade é bem outra, e os corredores da Justiça do Trabalho, especializada nos conflitos jurídicos entre patrões e empregados vive lotado com os pleitos.

Faço uso dessa licença poética de quem é profissional do direito há mais de 28 anos, sempre nos Direitos Sociais e Trabalhistas, para tomar emprestada essa terminologia, que aqui refere-se a um outro tipo de Pejotização: aquela que vem ocorrendo, inclusive com a cidadania negra, mas não se restringindo a esta.

Desses quase 50 anos de existência, as mudanças no Brasil e no mundo também afetaram a vida das pessoas que participam do IPCN. Se por um lado, a instituição já nasce legalizada, por outro ela é uma genuína organização de pessoas negras, cumprindo objetivo e finalidade para as rupturas e violências estruturais praticadas pelo racismo sistêmico.

Acontece que o IPCN, como já mencionado no capítulo II, parte introdutória, vive essa espécie de crise de identidade, que pode encontrar explicações nos momentos antecedentes até mesmo a sua fundação:

> "Em 1974, quando foi fundada a Sociedade de Intercâmbio Brasil-Áfric, a Sinba, o que a gente fazia era aglutinar e discutir, e tentar fazer eventos chamando a atenção para o problema racial. Organizava semanas de debates, algum tipo de evento que pudesse mexer com a sociedade. Primeiro, para informar a gente mesmo e, depois, aglutinar mais gente. A gente dizia: "Precisamos ter audiência, falar sobre isso." A Sinba não tinha sede própria. A gente conseguiu uma sede com o Sebastião Rodrigues Alves[60], que era um velho

[60] "Sebastião Rodrigues Alves (1913-1985) foi fundador, juntamente com Abdias Nascimento, do Teatro Experimental do Negro e do movimento negro do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), respectivamente, em 19 e 1948." (ALBERT. Et al. pag 139. 2007)

militante do Teatro Experimental do Negro, TEN, do tempo do Abdias[61].” (ALBERT. Et al. pag 139. 2007)

Pontuar a existência da Sinba, anterior a fundação do IPCN, é necessária uma vez que aquela instituição se desfez. Compreender que as idéias defendidas no seio daquela instituição, que se auto identificava como “revolucionária”, todavia, seguiram existindo no interior do Instituto, uma vez que muitos dos militantes da Sinba se associaram ao IPCN, sendo peças chave na continuidade do processo de resistência institucional.

Esta reflexão, também é relevante para compreender que não apenas os coletivos negros, movimentos sociais, entidades culturais e casas tradicionais de matriz africana vem sendo incorporadas pela onda do que chamo de pejotização da cidadania, uma vez que não se trata mais de exercício de direitos e luta para que sejam previstos legalmente, como nos primórdios da luta negra organizada do instituto ora pesquisado.

Isto reflete também, a grande dificuldade de nossas instituições se compreenderem dentro da lógica das organizações não governamentais. Já ouvi de importantes membros e representantes do ativismo negro dizerem sobre suas instituições: “não somos ong!”. Na perspectiva dessa fala ser uma ONG significaria o mesmo mencionado pelo Profº Amaury Mendes Pereira (ALBERTI.2007) quando faz um breve autocrítica sobre as divisões internas no IPCN. Ao fazer referência ao artigo do Jornal Sinba nº 1 - o qual consta integralmente entre os anexos do presente trabalho -Tece uma reflexão sobre o processo de “aglutinação e organização de negros em associações de características sociais, culturais, etc.” (SINBA.1977), cuja importância para a pesquisa, se mostra no tocante a onda de pejotização, que encontrou berço esplêndido nos contornos do neoliberalismo. Isto reforça o que é apontado pelo artigo supra mencionado, como duas grandes tendências da luta negra no Brasil, iniciadas no Quilombo de Palmares:

[61] Abdias Nascimento (1914-2011) -Foi um dos maiores defensores da cultura e igualdade para as populações afrodescendentes no Brasil, nome de grande importância para a reflexão e atividade sobre a questão do negro na sociedade brasileira. Foi ator, poeta, escritor, dramaturgo, artista plástico, professor universitário, político e ativista dos direitos civis e humanos das populações negras brasileiras. Fundou entidades pioneiras como o Teatro Experimental do Negro (TEN), o Museu da Arte Negra (MAN) e o Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros (IPEAFRO). já foi descrito como o mais completo intelectual e homem de cultura do mundo africano do século XX. Poeta, escritor, dramaturgo, artista visual e ativista pan-africanista, ele fundou o Teatro Experimental do Negro e o projeto Museu de Arte Negra. Suas pinturas, largamente exibidas dentro e fora do Brasil, exploram o legado cultural africano no contexto do combate ao racismo. Professor Emérito da Universidade do Estado de Nova York, ele foi deputado federal, senador da República e secretário do governo do Estado do Rio de Janeiro. Fonte: https://ipeafro.org.br/personalidades/abdias-nascimento/ (acessado em 05/01/2025)

> "1º - Em 1678 Ganga Zumba entregou o Quilombo em troca de sua liberdade e de seus seguidores.
> 2º - Porém, um outro grupo,liderado por Zumbi decidiu continuar a luta ate o fim." (SINBA. Nº 1 pag 3. 1977)

Dentro dessa observação, há que se ressaltar o saudosismo, percebido nas conversas entre associadas e associados do IPCN, em relação aos áureos tempos onde artistas e personalidades negras se reuniam, discutiam e emprestavam sua imagem a luta social. Muitos com fama consolidada já estrelavam papéis, em importantes telenovelas, (ARAUJO.2000), muitos dos quais em papéis secundários. Empregados domésticos, pessoas escravizadas, ou outro lugar imposto socialmente aos negros. Na sede da instituição compunham importante participação em atividades e eventos, debatendo sobre estas e outras questões.

Ao mesmo tempo foi erigida uma estátua simbólica a intelectualidade e tradição de negras e negros acadêmicos na instituição. Isto reforça a compreensão sobre as palavras contidas no artigo mencionado:

> "A primeira tendência continuou durante a escravidão através dos movimentos de compra de alforria. Eram movimentos dentro da ordem, ligados a irmandades católicas, e naturalmente beneficiavam aqueles mais chegados, e que não se comprometessem com rebeldias.
> A segunda tendência continuou com a fuga cada vez maior de escravos para os quilombos, que nas palavras de Clovis Moura, 'foram, incontestavelmente, as unidades básicas de resistência do escravo'.
> As duas tendências correspondiam respectivamente a visão do 'NEGRO DE CASA GRANDE' e do 'NEGRO DO EITO[62]'." (SINBA. nº 1. Pag 3. 1977)

Estes e outros fatos, criam uma divisão entre os participantes da Sinba e do IPCN, os quais eram considerados como uma espécie de "elite negra" devido a supostamente serem "os negros que queriam ficar na Zona Sul, em volta do Milton Gonçalves e do Jorge Coutinho" (ALBERTI. Et al. 2007), e foram objeto do conteúdo do artigo citado:

> "Havia uma certa articulação entre nós, mas a gente dizia assim: 'Eles são os negros burgueses. A pequena burguesia negra. Nós estamos fora. Somos revolucionários negros, nossa visão é revolucionária. Nosso referencial não é Estados Unidos. Estados Unidos criaram uma elite negra. Nossa visão são as lutas de libertação africanas, luta armada'. Esse era o nosso referencial: Samora Machel, Eduardo Mondlane, Agostinho Neto, Amílcar Cabral. A gente fazia essas cisões, que depois vimos eram completamente inconsistentes. Mas demoramos para aprender." (ALBERTI. Et al. pag 141. 2007)

[62] Negro do EITO: expressão usada no período colonial, anterior ao período da abolição da escravidão, em que os escravizados eram separados entre aqueles que trabalhavam no campo, submetidos a condições mais precárias, menores expectativas de vida; maior degradação das condições físicas, em contraponto aos que trabalhavam no interior da Casa Grande.

Passado o período inicial, onde essa gênese também pode representar uma das explicações para a obliterização da importância do IPCN em diversos aspectos das mudanças que se consolidaram e foram transformadas em leis, como já mencionado anteriormente.

O instituto também se estrutura a partir de uma concepção política. A de que a sociedade possa ser um lugar onde todas as pessoas, possam estar em igualdade de oportunidades, direitos e obrigações. O racismo é um obstáculo a isto. Através de uma visão de comunidade que as pessoas negras carregam consigo, como um traço de sua herança ancestral, as lutas de resistência, antirracistas e por aquilombamento foram se estruturando e fortalecendo.

Mas, o que o mundo nesses últimos 50 anos viu emergir, foi o que SANTOS chama de a "não política":

> "A política, por definição, é sempre ampla e supõe uma visão de conjunto. Ela apenas se realiza quando existe a consideração de todos e de tudo. Quem não tem visão de conjunto não chega a ser político. E não há política apenas para os pobres, como não há apenas para os ricos. A eliminação da pobreza é um problema estrutural. Fora daí o que se pretende é encontrar formas de proteção a certos pobres e a certos ricos, escolhidos segundo os interesses dos doadores. Mas a política tem de cuidar do conjunto de realidades e do conjunto de relações." (SANTOS. pag 67-68.2012)

Essa não política, no uso apropriado da denominação emprestada do Direito do Trabalho, é a pejotização da cidadania, na adaptação de um conceito empresarial denominado "responsabilidade social", onde empresas assumem papéis sociais ou, criam organizações culturais por si ou seus prepostos, para assumirem papéis, antes desempenhados pelos movimentos nascidos das demandas sociais. As grandes empresas chegam, muitas das quais presentes em diversas partes do planeta. Elas possuem normas rígidas (SANTOS.2012) e técnicas que são solidárias entre si e mudam comportamentos e as relações sociais, culturais e morais dentro de cada comunidade onde estejam presentes.

Então, neste sentido, a pejotização, que grosso modo é a regularização jurídica. Ou, a legalização de um coletivo ou movimento social, com a finalidade de atender a uma demanda do mercado por organizações que deem conta da contrapartida social dessas empresas. A uma pela mitigação dos problemas ambientais causados pela exploração de minérios, gás, petróleo, madeira entre outros. A outra porque essas empresas financiadoras de projetos sociais em periferias e locais onde os efeitos de suas políticas predatórias, muitas vezes retira qualidade de

vida da população no seu entorno. A partir da década de 1990 foi uma explosão de novas organizações, que brotaram da terra para dar conta de recursos oriundos das mais diversas partes do mundo. Bem como empresas nacionais que abrem editais de fomento para projetos que possam mitigar esses impactos sociais causados.

O IPCN, a *contrário sensu*, manteve um trabalho voltado ao convencimento de pessoas negras, investirem na manutenção da instituição. Com isto, pagou um preço alto, pois falta o capital financeiro para suas despesas mais básicas.

O debate amplo e aprofundado sobre a pejotização de incontáveis iniciativas comunitárias precisa ser enfrentado o quanto antes, uma vez que de certa forma negras e negros andam se ausentando das propostas oriundas das fileiras do ativismo. Muitas se empregam em organizações que fazem de projetos sociais, empregos rentáveis.

O IPCN, em seus anos de vida, viu nascer, crescer, reproduzir e fenecer muitas dessas identidades sociais. Algumas, comprometidas apenas com o atendimento aos editais de fomento e práticas de mobilizações sociais segundo as perspectivas de empresários e CEO's de olho em um mercado cada vez mais preocupado em acompanhar o fluxo das mídias sociais.

A cidadania, os direitos humanos, a luta antirracista e a preservação de patrimônio imaterial do povo negro ganharam chancelas contraditórias, de empresas comprometidas com práticas que execramos. Mas, essas é uma observação embrionária, a partir das percepções da pesquisa em diálogo com depoimentos e textos encontrados sobre o papel da instituição nesse nebuloso cenário.

4.5 Herança ancestral e Luta Antirracista: nasce o IPCN

Soaram tambores ancestrais. Ecoaram os ritmos cujas diferenças, sutis, somente os bons conhecedores, sabem identificar. Há quem, apenas, sinta a pulsação no seu interior. Pela cosmopercepção, sabemos que falam tambores Muzenzas, cabulas, jejes, congos, nagôs; tocam adarrum, aguerê, opanijé, bravum, alujá, bata, ijexá e Ilu. Como nos ensina a musicista MAIÊ (2018. Web) pelos sons podem indicar a região da África e etnia até a de origem dos rituais.
Através das conexões mantidas com povos ancestrais, e das revoltas que em todo o Brasil colônia, irromperam e foram sufocadas em Búzios, Carrancas, Balaios e Chibatas

(THEODORO, 1985, p. 54). Nas estratégias dos nossos ancestrais, até a chegada dos frente negrinhos, noites mal dormidas, senzalas e picadas, nas matas...

Nossos quilombos, são heranças das estratégias de liberdade de ontem e hoje. Ganhadeiros e ganhadeiras que vendiam muito além de produtos e força de trabalho, mas corpos e sonhos. É importante agradecer a esses ancestrais da luta antirracista: malandros e estivadores, carregando nas costas o peso de suas famílias deixadas para trás; e das Tias quituteiras e sambistas. Sacerdotisas que se tornaram matriarcas dos territórios vizinhos a nossa sede: Tia Ciata e Tia Carmem do Xibuca.

Importante salientar que a luta por direitos nos tribunais deste país, de mulheres negras a partir do século XVIII, por liberdade para si e seus filhos, e principalmente pelo direito a maternidade, (COWLING, 2018) uma vez que "conquistada a liberdade também permitia" que muitas ex escravizadas pudessem criar e educar seus filhos com suas próprias heranças culturais.

Na história do IPCN, as mulheres sempre tiveram uma participação efetiva e importante, mas nem sempre tão visível quanto a dos homens. Os tempos eram outros. As raríssimas exceções a ocuparem a presidência da casa foram Maria Alice dos Santos, que no ano de 2007 presidiu uma Junta governativa por 08(oito) meses – vide pág. 48) e venceu as eleições para o mandato de 2001-2011; e, Abgail Pascoa, que se encontra nas narrativas sobre a direção do instituto, mas não encontramos os registros sobre sua gestão.

Vale mencionar, outrossim que no Jornal Sinba nº 1, conta uma crítica às mulheres e sua participação nos movimentos negros.

> "De quem sempre foi a culpa da omissão da mulher negra nos movimentos negros? É evidente que para essa pergunta, haveria várias respostas. Entretanto, o que interessa no momento, é que a mulher reflita sobre o papel que poderia desempenhar no movimento negro atual, não como mulher no sentido exato da palavra, mas como um elemento que sofre os mesmos problemas que os homens; pois se não se aperceber disso, será ultrapassada e logicamente ficará marginalizada dentro do movimento." (SINBA. nº 1. pag 3. 1977)

Esse texto é de dois anos após a fundação do IPCN e demonstra uma preocupação de seus autores com a participação das mulheres no Movimento Negro. Vale dizer que a crítica é de um grupo de oposição a forma de atuar do instituto.

Na continuidade dos caminhos percorridos pelos que vieram antes, reaprender com os erros do passado, para avançarmos a ponto de estabelecer e negociar novas formas de

comportamento político e social descolonizados e livres. O espaço político, social e cultural institucional, tem a mesma dimensão de outros espaços ancestrais, cuja sucessão dos líderes fundadores, muitas vezes não dá o devido valor e peso ritualístico (FERNANDES, OLIVEIRA, 2022). Isto, muitas vezes, pode causar o desaparecimento físico e institucional do território dos Povos e Comunidades Tradicionais de Matriz Africana (PCTMAF). Apesar de no IPCN, os herdeiros são seus associados e associadas, e a sucessão ser estabelecida apenas nas possibilidades definidas por um estatuto, isto ainda é um fator de preocupação sob a perspectiva da observância da lei.

Antes do IPCN, outras instituições surgiram, declinaram e desapareceram. Mas, por outro lado, muitas outras poderão surgir nas cinzas das que desapareceram, como Fênix, a mesma transformada, em uma metamorfose que pode parecer aos olhes mais desavisado, tratar-se de outra. Mas, também é a mesma, pois sempre surgirão, agentes da resistência organizados em espaços institucionais, como pode ser observado em um olhar ao passado recente. Neste sentido:

> "Dito isso, convém recordar que o declínio da Frente Negra Brasileira não representou o fim da luta da população negra. Nas décadas de 1940 e 1950 novas entidades, associações negras e jornais continuariam surgindo. Em 1944, por exemplo, Abdias do Nascimento fundou o Teatro Experimental do Negro (TEN) e, em 1948, o Jornal Quilombo. O legado da mobilização negra no pós-abolição continuaria a abrir caminhos na complexa trilha seguida pelos negros brasileiros para alcançar seus direitos históricos: civis, sociais e políticos." (FRANCO, 2019. p.116)

A filosofia Ashanti, tem no símbolo sankofa, (LARKIN.2022, web) que ensina que "nunca é tarde para voltar e apanhar o que ficou para trás) uma possibilidade de encontrar elementos da sabedoria ancestral nesse símbolo que ensina a olhar para seu próprio passado.

Ao conseguir lidar com as percepções dos mundos que emergiram nesses anos de existência, amadurecimento, perdas e revisão dos próprios equívocos, também é permitido observar através da janela do tempo a infinidade organizações (D'ADESKY. Et al. 2021) que configuram a vocação organizativa que marca a história da diáspora negra no Brasil. Conforme nos apresenta o Prof. Carlos Medeiros:

> "Clubes sociais, associações culturais e entidades antirracistas, promovendo atividades altamente diversificadas que incluem desde festas e comemorações, grupos de música, teatro e dança, passando por assistência social, médico-odontológica e psicológica, e chegando à realização de seminários, simpósios, congressos e convenções de âmbito local, regional e nacional, com vistas a investigar, avaliar a denunciar as diversas formas de discriminação racial que os negos enfrentam no Brasil." (D'ADESKY, 2021. p. 222)

Mas, o IPCN atravessa quase meio século de existência com uma diferença: movimenta pessoas em torno de sua sede, produzindo interferências que ecoam no cotidiano de pessoas negras, indo às ruas para mostrar que o racismo é mutante, e tem roupagens diferentes, então o Movimento Negro também precisa se atualizar. Nossa "herança africana por meio de trajes e, especialmente penteados" ((D'ADESKY, Et al. 2021) marca o atual momento do instituto, que vai se reinventando como um Centro de Pesquisa e Memória da Luta Antirracista. Um território de mais vitórias" do que outras instituições que não conseguiram seguir lutando e resistindo. Isto pode indicar que em sua própria história, ao caminhar sobre as próprias pegadas, poderá encontrar respostas para ir além, mais a frente e construir um futuro mais parecido com o passado e cheio de momentos fecundos.

Na história do povo negro, nada é aleatório e tudo está conectado. Estar nas imediações da Praça da Cruz Vermelha fazendo parte do patrimônio arquitetônico não é algo a ser negligenciado, ou banalizado. Estamos fincados em um território ancestral, por onde circulou a história do samba e da malandragem; a história do estado novo; dos ideais de eugenia que seduziram legisladores a ponto de inserirem em nossas Constituição de 1934 a competência para estimular a educação eugênica (CF-1934 art. 138 alínea b).

O agora, então, que aparece como algo inédito e real pode, sem arrogância inebriar aqueles que o propagam. Observar seu simbolismo, ser reinterpretado e compreendido como uma abertura no tempo para a passagem de todos os que vieram antes. Diante das tantas conquistas pretéritas, a força para continuar. Caso contrário o agora se perderá em mais um momento a não ser lembrado.

Figura 15 Marcha Zumbi - 100 anos de abolição



Fonte: Acervo da Instituição (2024)

Pode acontecer que a liberdade e o vento refrescante das incertezas do si mesmo, venham humildemente contemplar os novos momentos, em “um processo de desenvolvimento psicológico que faculte a realização das qualidades individuais” (JUNG, v.7/2. §.64) e com isto em um reencontro dos sonhos, é possível reconhecer “a realização melhor e mais completa das qualidades coletivas do ser humano”: a individuação.

Há quem diga que lutar no interior de nossas instituições é adoecedor, mas por outro lado pode ser mais um mito que faz parte do imaginário coletivo, ele começa em uma das vozes magoadas e frustradas, para criar inúmeras cisões nas fileiras do ativismo. A grande diversidade de pensamentos pode estabelecer formas diferentes de lutar e lidar com a pluralidade de opiniões e pensamentos. Há formas, estratégias e caminhadas diferentes, mas isto também permite observar como cada uma em sua singularidade pode contribuir para ampliar e aprofundar os diálogos. Estabelecer novas escutas e caminhos para o encontro de uma nova ética. Neste diapasão:

> “Evidentemente, o antirracismo universalista presente na Constituição remete à compreensão de que, nas décadas 1940, 1950, 1960 e 1970, a ideia da democracia racial e o ideal de miscigenação eram incorporados por grande parte da população brasileira, incluindo a população preta e parda. Mesmo que essa ideia, por ser um mito, não correspondesse à realidade observável, ela fazia parte do imaginário coletivo, sendo assim considerada como uma forma de realidade social por ser um desejo coletivo.” (D’ADESKY, 2022. 91)

Há um vulcão silenciado, pronto para entrar em erupção quando as inúmeras perguntas não respondidas em períodos de muitas violações de direitos, começarem a surgir com novas possibilidades de compreensão. Lidar com isto é quase tão difícil quanto ultrapassar a linha do tempo que não foi concedido e sim conquistado.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em cada entardecer, o ocaso. Em todo caminho já percorrido, a chegada ao destino. Em cada pesquisa concluída, a entrega. Se não é simples o início, o final não será diferente. Para bem mais além dos limites impostos pelos ritos acadêmicos, foi necessário, exercitar o equilíbrio entre as percepções: da pesquisadora e da ativista associada ao IPCN; da advogada e da mestranda em psicologia; da candomblecista dedicada e da dirigente institucional do objeto de pesquisa; do si mesmo e da persona.

Já no início da pesquisa, era sabido que a instituição se encontrava em um momento de sua revitalização. E, neste instante, me percebo como um ser imagético. Bem mais próxima dos conceitos da psicologia complexa, sobre os quais me debrucei no decorrer da pesquisa, do que pensara lá no seu início. Com esta perspectiva em mente, atribui nomes aos períodos institucionais que observei no IPCN. Períodos de 20 anos: Contração – 1975-1995; Retração – 1996-2016; e Ressurgência – 1917 em diante.

A divisão temporal tinha como método organizar os documentos, mas depois mostrou-se intuitiva, uma vez que os fatos foram se mostrando conectados a divisão. O retorno ao Orun, em anos seguidos, de duas das maiores expressões do feminismo negro, que tiveram importante participação no IPCN: Lelia Gonzalez (1994) e Beatriz Nascimento (1995), foram dois baques emocionais que acometeram as relações institucionais. Nas narrativas encontradas, uma constante névoa de desânimo.

A Resiliência de um grupo de associadas e associados, na virada do século XX para o XXI, se manifestou e retomou as atividades após duros períodos em que o esvaziamento, a falta de recursos para a manutenção institucional e a decadência material da sede do Instituto fizeram com que o recuo – o desânimo, a existência de um "banzo intelectual" segundo meu orientador professor Nilton -, também representasse a possibilidade de reerguimento de uma vibração institucional.

Na retração, a potência das construções pessoais, o florescimento de uma intelectualidade negra que passou a produzir interferências importantes em seus espaços e áreas de atuação, por onde quer que fossem. Como uma tatuagem. Uma marca facial identitária e sagrada, mas não perceptível aos olhos. Cada ser em um processo de individuação – consciente ou inconscientemente -, sempre conectado ao seu passado institucional através da ligação dos momentos vivenciados no interior da cabaça institucional como em uma família de sangue e alma.

Nas observações desta pesquisadora, seguir o curso em equilíbrio, implicou em muitos momentos de indecisão, surpresa e fascínio. As novas descobertas sobre uma instituição, repleta de "mitos e seres de luz", cheia de personalidades heroicas, famosas e míticas. Pessoas que já eram tão admiradas, mas que passaram a ser referenciadas no pensamento acadêmico que será publicizado pela sua lavra.

Falar em sagrado, em um universo que se pretende profano, político e material parece piegas e até inóculo. Mas, não entre pessoas cujos ancestrais possuem a espiritualidade como modo de viver. Não há reequilíbrio de relações sem evocar o poder sagrado da terra, que representa nossa ancestralidade, vida e Ase.

Assim o IPCN foi sendo descortinado. As caixas foram se abrindo, as mensagens chegando, as perguntas sendo respondidas. Saibam, pois, todos aqueles que atravessarem os portais sagrados da sede da Avenida Mem de Sá número 208 que está pisando em um território sagrado e carregado da luta negra por reconhecimento, liberdade, afeto, força e poder.

Na entrega de energia, através da participação em projetos, reuniões, atividades lúdicas, políticas e míticas, muitas identidades envolvidas nos elementos da realidade histórica interna e externa.

Nada há que não esteja conectado por fios invisíveis. No IPCN são as conexões com o futuro de hoje, com o passado presente de seu fortalecimento nesse limiar de seus 50 anos.

O Instituto de Pesquisas das Culturas Negras, passou por eleições internas no curso desta pesquisa. Atualmente possui uma nova diretoria. Assumiu a presidência uma mulher de Ase. Sua orisa: Òsun.

No percurso eleitoral, cuja presidência da Comissão Eleitoral também coube a outra mulher de Ase, e também da orisa Òsun.

Para a psicologia complexa, não existem coincidências, mas sincronicidades. Há uma interconexão entre os eventos externos e internos do ser humano. Por outro lado, para a filosofia dos povos africanos, mesmo em diáspora, em especial aqueles ligados a cosmopercepção dos nagôs – estudada na presente pesquisa – assim como o diálogo proposto entre a psicologia complexa de Carl Gustav Jung e o Candomblé, sabemos que tudo está conectado.

Ao estudar uma instituição com quase meio século de vida, a partir da força de sua ancestralidade feminina, foi possível identificar alguns dos motivos que levaram mulheres a se afastarem da organização interna. Muitas para atuar em outros espaços institucionais. Outras, para espaços, exclusivamente, com e para mulheres negras.

Em parte, devido ao avanço das articulações e mobilização em torno dos Movimento de Mulheres e a força que tomavam naquele período histórico. De outra parte, em vista da reprodução dos mesmos contornos hierárquicos hegemônicos. Há os que compreendem lugares e papéis definidos para homens e mulheres. Isto fez com que algumas associadas, querendo manter sua saúde mental e física se afastassem do convívio institucional, sem perder totalmente o vínculo afetivo com aqueles que ladeavam a luta antirracista a seu lado.

Mas, há outro elemento que também foi possível observar e tem relação com as atividades políticas e as bases ideológicas que muitos defendem: a relação com as comunidades tradicionais de matriz africana foi sendo fortalecida em diferentes momentos institucionais. E, por este motivo, muitos estão retornando ao convívio, compreendendo que nossa existência é consagrada aos que vieram antes, e isto por si só já representa nossa matriz ancestral.

No desenvolvimento deste trabalho, houve um entrelaçamento entre os efeitos e confluências de informações sobre o IPCN nesse tripé conceitual: memórias institucionais, psicologia complexa, cosmopercepção africana. Tripé ratificado e de algum modo fortalecido.

Observar que o instituto tem um campo energético que atua naqueles que ingressam em suas fileiras, e que precisa ser cuidado e protegido para não se atravessado pelas energias que cada um traz de sua própria realidade. O funcionamento do cuidado energético institucional requer afeto, generosidade, Porque "Chegou o momento de abraçarmos as mais sublimes tradições humanas: amor e responsabilidade." (RIBEIRO, 2022. p. 93) para perceber o sentimento de que o território é bálsamo curativo. Um refrigério para as mazelas do cotidiano. Nas demais instituições a luta. No IPCN as epistemologias, a conexão quântica com o saber permitido, compartilhado e deixado como marcas no caminho.

O campo energético, perceptível apenas aos que se permitem afetar pelo sagrado ancestral, é o lugar onde se guardam poderes míticos, heranças que somente serão percebidas após metamorfosearem para emergir a partir do lugar desse espaço transformador.

Assim a pesquisa atravessou três fases da existência do IPCN, identificando na psicologia junguiana conceitos e mensagens que puderam e podem contribuir para outras análises e observações por diversos ângulos, em uma permanente versão de reexistência institucional e, por que não, também pessoal.

Foi do encontro entre anima e animus na psique de homens e mulheres que a pesquisa encontrou e ainda encontra com uma ruptura fantástica entre os conceitos eurocêntricos e cristãos. Reverenciar nossas matriarcas, significa observar o quanto somos severos para

compartilhar o poder que pertence, de fato, as mulheres. E, aqui, diariamente a mídia apresenta uma incompreensão com as matriarcas.

Deixei o fio do labirinto conectado a entrada do circuito, para aprender a caminhar de dia e de noite e voltando sempre ao ponto de partida. No corpo coletivo, o poder e afetividade que simbolizam as matriarcas, pelo desejo de manter sempre unida a *Egbé*.

Na divisão capitular, as abordagens consolidando as observações pautadas deixam a mensagem de que onde as Mulheres passam suas ausências são sentidas. Há um espaço enorme deixado por suas ausências. Não há comunidade sem sua completude e a responsabilidade pela fecundidade é das mulheres. Elas geram, cuidam, ampliam, aprofundam argumentos e compreendem a necessidade de uma comunidade organizada a partir de todos os seres. Visíveis e invisíveis.

Há bem mais complexidade no Sistema Religioso Nagô do que a ciência poderia explicar, mas um bom caminho científico começa por manter um diálogo. No final do labirinto, talvez a compreensão de que não há papéis sociais definidos para homens e mulheres. Somente, papéis rituais. Podemos negociar, permanentemente, os papéis sociais. Temos compromisso e responsabilidade de manter os papéis rituais em seus devidos lugares.

Para que isto aconteça de forma não cartesiana e ocidentalizada, é imprescindível permitir a confluência entre os conceitos sobre anima e animus segundo a psicologia de C. G. Jung, e saberes ancestrais de matripotência, e princípio feminino, todos os três conectados e integrados.

Destas observações, como testemunha ocular de mudanças na proposta de significado institucional, ocorreu uma tarefa dinamizadora. Assim, poder confirmar que uma instituição como o IPCN, que busca, permanentemente, construir um diálogo entre documentos e memórias para transpor a própria estagnação e, neste sentido, manejar e adubar seu solo através da fecundidade mítica da cosmopercepção da afro diáspora, é fazer jus ao seu próprio nome institucional.

Na conexão entre estratégias de resiliência das mulheres de seu interior, com o pensamento mítico de sua própria ancestralidade, e no grande e poderoso poder de transformar uma realidade interna alquímica e uterina, com tal vigor atualmente o espírito do IPCN ao se apresenta para seu voo dos próximos 50 anos.

REFERENCIAIS TEÓRICOS

ALBERTI, Verena; PEREIRA, Amílcar Araujo (ed.). **Histórias do movimento negro no Brasil**: depoimentos ao CPDOC. Rio de Janeiro: Pallas, 2016.

ALVES, Míriam Cristiane; JESUS, Jayro Pereira de (Org.). **A Matriz Africana**: epistemologias e metodologias negras, descoloniais e antirracistas. 1. ed. Porto Alegre: Rede Unida, 2020. (Série Pensamento Negro Descolonial, v. 2).

ARAÚJO, Joel Zito. **A negação do Brasil**: o negro na telenovela brasileira. São Paulo: SENAC, 2000.

ASANTE, Molefi Kete. Afrocentricidade: notas sobre uma posição disciplinar. In: LARKIN, Elisa Nascimento (org.). **Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora**. São Paulo: Selo Negro, 2009. (Sankofa: matrizes africanas da cultura brasileira, v. 4).

ASANTE, Molefi Kete. **Os filósofos egípcios**: **vozes ancestrais africanas de Imhotep a Akhenaten.** Tradução de Akili Oji Amauzo Bakari. São Paulo: Editora Ananse, 2022.

ATO Público contra a Violência Policial: 1982. Ras Adauto e Vik Birkberg. Cultne. Rio de Janeiro: Enugbarijô, 1982. 1 vídeo (12 min 47 s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=bwHPaetrovk. Acesso em: 24 dez. 2023.

BASTIDORES da Violência Policial: 1982. Marcos Romão. CULTNE. Rio de Janeiro: Cultne, 1982. 1 vídeo (5 min 40 s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=5txbQGf1RsM. Acesso em: 24 dez. 2023.

BLOG DO IPCN. **Conselho Diretor**. Disponível em: https://institutodepesquisadasculturasnegras.blogspot.com/. Acesso em: 13 dez. 2024.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: https://www4.planalto.gov.br/legislacao/legislacao-historica/constituicoes-anteriores-1. Acesso em: 23 dez. 2024.

CAVALCANTE, Ricardo Bezerra; CALIXTO, Pedro; PINHEIRO, Marta Macedo Kerr. **Análise de conteúdo:** considerações gerais, relações com a pergunta de pesquisa, possibilidades e limitações do método**.** Informação & Sociedade: Estudos, v. 24, n. 1, 2014.

COLLINS, Patrícia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2021. 373 p.

CONTINS, Marcia. **Lideranças negras**. 1. ed. Rio de Janeiro: Faperj; Aeroplano, 2005. 474 p.

COWLING, Camillia. **Concebendo a Liberdade:** mulheres de cor, gênero e a abolição da escravidão nas cidades de Havana e Rio de Janeiro. Tradução de Patrícia Ramos Geremias e Clemente Penna. Campinas: Editora da Unicamp, 2018.

D'ADESKY, Jaques; SOUZA, Marcos Teixeira de (org.). **Afro-Brasil II**: **debates e pensamentos.** Rio de Janeiro: Autografia, 2021.

DIAS, Luciana de Oliveira. Reflexos no Abebé de Oxum: por uma narrativa mítica insubmissa e uma pedagogia transgressora. **Articulando e Construindo Saberes**, v. 5, 2020.

FERNANDES, Otair; OLIVEIRA, Luís Cláudio de. **Ilê da Oxum Apará:** identidade, memória e afrocentricidade. Cadernos CERU, São Paulo, v. 33, n. 1, p. 64-90, 2022.

FRANCO, Paulo Fernando Campbell. **A trajetória do Movimento Negro organizado e suas estratégias de superação do racismo na sociedade brasileira (1931-2003**). Revista Eletrônica Leopoldianum, v. 45, n. 125, p. 18-18, 2019.

GIL, Aderaldo. Instituto de Pesquisas das Culturas Negras (IPCN): uma "escola" do movimento negro e centro irradiador da luta conta o racismo. **Revista Aú**, v. 5, n. 5, 2023.

GOMES, Edlaine de Campos; OLIVEIRA, Luís Cláudio de. **Memórias documentadas do grupo "Tradição dos Orixás**": reações, resistência e ressonâncias afro-brasileiras dos anos 1980. Religião & Sociedade, v. 41, n. 03, p. 25-50, 2021.

GOMES, Nilma Lino. **Movimento Negro educador**: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis: Vozes, 2017.

GONZALEZ, Lélia. **A categoria político-cultural de amefricanidade.** Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, n. 92/93, p. 69-82, jan./jun. 1988.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Rio de Janeiro: Zahar; Companhia das Letras, 2020. 513 p.

GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. **Lugar de negro**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982.

IHERING, Rudolf von. **A luta pelo direito**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 1998. 196 p.

JAGUN, Marcio de. **Ori, a cabeça como divindade**. 1. ed. Rio de Janeiro: Litteris, 2025. 248 p.

JORNAL DO BRASIL. Rio de Janeiro, 30 set. 1982. Capa. Disponível em: https://news.google.com/newspapers?nid=0qX8s2k1IRwC&dat=19820930&printsec=frontpage&hl=pt-BR. Acesso em: 24 dez. 2023.

JORNAL SINBA. Órgão de Divulgação da Sociedade de Intercâmbio Brasil-África. **Movimento Negro e Associações**. Rio de Janeiro, ano 1, n. 01, jul. 1977. Disponível em: https://negritos.com.br/2020/04/15/sinba-no-1-julho-de-1977/. Acesso em: 05 jan. 2025.
JORNAL TRIBUNA DA IMPRENSA. **Cabeça negro vai representar Zumbi**. Rio de Janeiro, n. 11262, p.02, 11/041986. Disponível em: https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/154083/per154083_1986_11262.pdf . Acesso em: 24 dez. 2023.

JUNG, Carl Gustav. **O.C. O eu e o inconsciente**. v. 7/2. Tradução de Dora Ferreira da Silva. Petrópolis: Vozes, 2014.

JUNG, Carl Gustav. **O.C. Psicologia do inconsciente**. v. 7/1. Edição digital. Petrópolis: Vozes, 2013. 201 p.

JUNG, Carl Gustav. **O.C. Sincronicidade**. v. 8/3. Petrópolis: Vozes, 2018. 144 p.

JUNG, Carl Gustav. **O.C. Sincronicidade**. v. 11/1. Petrópolis: Vozes, 1978
.
JUNG, Carl Gustav. **O.C. Sincronicidade**. v. 11/2. Petrópolis: Vozes, 1978.

JUNG, Carl Gustav. **O.C. Tipos Psicológicos**. v. 6. Petrópolis: Vozes, 2015.

JUNG, Carl Gustav; JAFFÉ, Aniela (org.). **Memórias, sonhos, reflexões**. 35. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2021. 432 p.

JUNG, Carl Gustav; PINHO, Maria Lúcia. **O homem e seus símbolos**. 3. ed. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2016. 419 p.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019. 249 p.

KRENAK, Ailton. **Futuro ancestral**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

LIMA, Luis Filipe de. **Oxum**: a mãe da água doce. 1. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2008.

MALOMALO, Bas'ilele. **Filosofia do Ubuntu**: valores civilizatórios das ações afirmativas para o desenvolvimento. Curitiba: CRV, 2014.

MARTINS, Gilberto de Andrade. **Estudo de caso**: uma estratégia de pesquisa. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MASSAÚ, Guilherme Camargo. A história do Habeas corpus no direito Brasileiro e Português. **Revista Ágora**, n. 7, 2008.

MENESES, Maria Paula G. De conhecimentos, as complexas teias; contemporâneo, no Moçambique. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (org.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Almedina, 2009. p. 177.

NASCIMENTO, Abdias. **O quilombismo**. São Paulo: Perspectiva, 2020.

NASCIMENTO, Abdias. Sankofa: memória e resgate. **Thoth**, Brasília, n. 1, p. 197-224, jan./abr. 1997.
NURSE, Paul. **O que é a vida?**: compreender a biologia em 5 lições. Lisboa: Vogais, 2021. 165 p.

OL, José. **Mitos Yorubás**: o outro lado do conhecimento. 13. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2022. 304 p.

OLIVEIRA, Iris Ágatha de. **Black Soul e "Samba de Raiz"**: convergências e divergências do movimento Negro no Rio de Janeiro (1975-1985). 2014. Dissertação (Mestrado em Memória Social) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Rio de Janeiro, 2014.

OXALÁ, Adilson de. **Igbadu, a cabaça da existência**: mitos nagôs revelados. Rio de Janeiro: Pallas, 2010.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónkẹ́. **A invenção das mulheres**: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero. 1. ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021. 324 p.

PÁGINA DO IPCN. Disponível em: www.ipcnbrasil.org Acesso em: 13 dez. 2024.

PEIXOTO, Fernanda Arêas. **Programa Unesco sobre as Relações Raciais no Brasil**. Publicado no site Brasil-França, 2022. Disponível em: https://heritage.bnf.fr/france-bresil/pt-br/programa-unesco-article. Acesso em: 08 abr. 2024.

PEREIRA, Amauri Mendes. **Trajetória e perspectivas do movimento negro brasileiro**. Belo Horizonte: Nandyala, 2007. 128 p.

PEREIRA, Amauri Mendes. Luz sobre o IPCN: relembrar para superar. In: PEREIRA, Amauri Mendes. **Nossos passos vêm de longe**: IPCN 47 anos de luta antirracista. Rio de Janeiro: Rubi, 2023. p. 26-38.

PESSANHA, Eliseu de Melo. Do epistemicídio: as estratégias de matar o conhecimento Negro Africano e Afrodiaspórico. **Problemata: Revista Internacional de Filosofia**, João Pessoa, v. 10, n. 2, p. 167-194, 2019. Disponível em: https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/problemata/article/view/49136/28617. Acesso em: 24 dez. 2023.

PINHEIRO, Érika do Nascimento. **Candomblé nagô do Axé Opô Afonjá**: uma história de constituição de identidade e território na cidade de Salvador no Oitocentos. In: Encontro Regional de História da ANPUH, 2008, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: ANPUH-RJ, 2008.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

RAMOS E, Mogobe B. Globalização e Ubuntu. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (org.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Almedina, 2009. p. 175-220.

RAMOS E, Mogobe B. Sobre a legitimidade e o estudo da filosofia africana. **Revista Ensaios Filosóficos**, v. 4, 2011.

RATTS, Alex. **Eu sou Atlântica**: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento. São Paulo: Imprensa Oficial; Instituto Kairós, 2006.

RATTS, Alex; RIOS, Flavia. **Lélia Gonzalez**. São Paulo: Selo Negro, 2014. 173 p.

RIBEIRO, Sidarta. **Sonho manifesto**: dez exercícios urgentes de otimismo apocalíptico. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022. 200 p.

SAMUELS, Andrew. **Jung e os pós-junguianos**. Rio de Janeiro: Imago, 1989. p. 113-245.

SANKOFA, Yin-Yang & Ori: uma trilogia de ações afirmativas individuais e coletivas no Brasil. Entrevistado: Nilton Sousa da Silva. [S. l.]: LaPSIAfro; PPGPSI/UFRRJ, 2022. 1 vídeo (18 min 58 s - 1 h 07 min 32 s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=OtnPwVJpzYQ&t=2481s. Acesso em: 24 dez. 2023.

SANTOS, Gislene Aparecida dos. **A invenção do "ser negro"**: um percurso das ideias que naturalizaram a inferioridade dos negros. 1. ed. Rio de Janeiro: Pallas; São Paulo: Fapesp, 2002. 176 p.

SANTOS, Juana Elbein dos. **Os Nagô e a morte**: Pàdê, Àsèsè e o culto Égun na Bahia. Petrópolis: Vozes, 1976.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. 22. ed. Rio de Janeiro: Record, 2012.

SILVA, Gisele Rose da. **Azoilda Loretto da Trindade**: o baobá dos valores civilizatórios afro-brasileiros. 2020. Tese (Doutorado em Educação Tecnológica) – Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET/RJ), Rio de Janeiro, 2020.

SILVA, Joselina (org.). **O pensamento de mulheres negras**. 1. ed. Belo Horizonte: Nandyala, 2018. 208 p.

SILVA, Margareth Ferreira da. Osun, Cambindas, Mahins e Lélias: tradições, histórias e mitos no IPCN. In: PEREIRA, Amauri Mendes. **Nossos passos vêm de longe**: IPCN 47 anos de luta antirracista. Rio de Janeiro: Rubi, 2023. p. 54-60.

SILVA, Nilton Sousa da. **O mito em Ernst Cassirer e Carl Gustav Jung**: uma compreensão do ser humano. 2001. 112 f. Trabalho de Conclusão de Curso – [S. l.], 2001.

SILVA, Vagner Gonçalves da. **Exu**: o guardião da casa do futuro. Rio de Janeiro: Pallas, 2015. 232 p.

SOARES, Luiz Carlos. **O povo de Cam na capital do Brasil**: a escravidão urbana no Rio de Janeiro do século XIX. Rio de Janeiro: Faperj; 7 Letras, 2007.

SODRÉ, Muniz. **Pensar Nagô**. Petrópolis: Vozes, 2017.

STEIN, Murray. **Jung, o mapa da alma**: uma introdução. Tradução de Álvaro Cabral e Marcia Tabone. 5. ed. São Paulo: Cultrix, 2006. 212 p.

THEODORO, Helena. **Iansã**: rainha dos ventos e das tempestades. 1. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2010. 164 p.

THEODORO, Helena. **Mito e espiritualidade**: mulheres negras. Rio de Janeiro: Pallas, 1996.

THIOLLENT, Michel. **Pesquisa-ação nas organizações**. São Paulo: Atlas, 2009.

ANEXOS

1. Termo de Autorização Institucional para Pesquisa
2. Relação nominal dos Fundadores do IPCN
3. Documento sobre Reunião no IPCN - SNI
4. Jornal Sinba n. 01

ANEXO 1

TERMO DE AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL

Pelo presente **TERMO DE AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL** o Instituto de Pesquisas das Culturas Negras – IPCN delclara que a autorização necessária para a realização do projeto de pesquisa intitulado **CABAÇA, ÚTERO SAGRADO E RENASCIMENTO FEMININO INSTITUCIONAL: Um olhar sobre a história do IPCN à luz da psicologia complexa** de autoria da mestranda **MARGARETH FERREIRA DA SILVA**, orientanda do **Professor Pós Doutor Nilton Sousa da Silva (a) do Programa de Pós Graduação em Psicologia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, PPGPSI/UFFRJ** foi concedida de janeiro de 2023 até o final do período necessário a conclusão de sua dissertação.

Informa que a autora faz parte da direção do instituto na pasta Patrimônio (2020-2023) e Administrativo (2023-2026) razão pela qual o presente termo é assinado pela presidente do Conselho Diretor e não pela Diretora Administrativa.

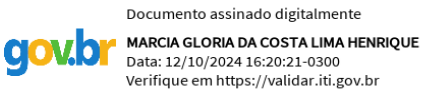
Importante ressaltar que o projeto, segundo a autora tem como objetivo Compreender através do cosmo percepção africana dos povos iorubas e da psicologia complexa junguiana o poder da fecundidade do IPCN. Os procedimentos metodológicos se utilizarão do Estudo de Caso em Pesquisa Participante.

Espera-se, com esta pesquisa contribuir para ampliar e aprofundar a produção cientÍfica sobre o IPCN, devido a sua importância para a história da luta contra o racismo no país.Qualquer informação adicional poderá ser obtida dos telefones (21) 97285 9639 (instituto).

Os dados obtidos nesta pesquisa serão utilizados na publicação de artigos científicos, contudo, cumpre-nos registrar a total responsabilidade da pesquisadora em não publicar qualquer dado que comprometa o sigilo da

participação dos integrantes da instituição. Meios de contato, endereço e outras indicações pessoais não poderão ser publicadas em hipótese alguma.
Por fim, Declaro também, que não receberemos qualquer pagamento por esta autorização, bem como também a instituição foi informadas sobre os objetivos da Pesquisa.

Rio de Janeiro, 01 de Outubro de 2024.



MARCIA GLÓRIA DA COSTA LIMA HENRIQUE
Conselheira Diretora Presidenta do IPCN

ANEXO 2

RELAÇÃO DOS SÓCIOS FUNDADORES DO INSTITUTO DAS PESQUISAS DAS CULTURAS NEGRAS

REGISTRO CIVIL DAS PESSOAS JURÍDICAS
ALMIR A. DA SILVA
OFICIAL SUBSTITUTO
RIO DE JANEIRO

ALCEBIADES GOMES BANDEIRA
ALMIR DA SILVA LIMA
ANA CLEA JEFFERSON FERNADES
ANA MARIA DE OLIVEIRA
ARI DE ARAUJO VIANA
BENEDITO SERGIO DE ALMEIDA ALVES
CARLOS ALBERTO MEDEIROS
CARLOS AUGUSTO DE NEGREIROS FERREIRA
CARLOS MAGNO CELESTINO
EDESIO COSTA JUSTINO
EDSON PEREIRA BARBOSA XAVIER
GERALDO ROSA
GERSON FERREIRA JESUS FILHO
HELOISA CARVALHO DE CASTILHO
IRANI MAIA PEREIRA
ISAURA DE ASSIS
ITAMAR LINHARES FAGUNDES
IVAN DE ALMEIDA
JACIRA SILVA
JOSE MOREIRA PINTO DE ALMEIDA
JOSE RICARDO D'ALMEIDA
JORGE COUTINHO
JORGE MOURA
JORGE MOURA DE ARAUJO
JURANDY FORTUNATO DA SILVA
LUIZ ANTONIO DOS SANTOS
LURDES TELES LEITE
MARCIA MARIA DE SANTANA
MARIA BERNADETE PIRES
MARIA CATARINA DA SILVA
MARIA INES ALVES CORREA
MARIA HELENA DO NASCIMENTO BARBOSA
MILTON GONÇALVES
NEUSA SILVA

CONTINUA

Certidao assinada digitalmente pelo Registro Civil das Pessoas Jurídicas da Cidade do Rio de Janeiro em 10/05/2023 – EEMN 30530 PRC

REGISTRO CIVIL DAS PESSOAS JURÍDICAS
ALMIR A. DA SILVA
OFICIAL SUBSTITUTO
RIO DE JANEIRO

- CONTINUAÇÃO -

NEWTON BENTO DA SILVA
ORLANDO FERNANDES
PAULO ISIDIO COSTA
PAULO ROBERTO DOS SANTOS
PEDRO ROSA FIGUEIREDO FERNANDES
RICARDO HENRIQUE NUNES DA ROCHA
ROBERTO DA SILVA CASAU
RUBEM DOS SANTOS
VANTOEN PEREIRA
VERAMSALIM
WALDOMIRO CUSTÓDIO FILHO
WALMIR DULCETTI
WATSON TAVARES DA SILVA FILHO
YEDO FERREIRA.

Certidao assinada digitalmente pelo Registro Civil das Pessoas Jur dicas da Cidade do Rio de Janeiro em 10/05/2023 – EEMN 30530 PRC

Rio de Janeiro, 16 de Junho de 1976

REGISTRO CIVIL DAS PESSOAS JURÍDICAS
ALMIR A. DA SILVA
OFICIAL SUBSTITUTO
RIO DE JANEIRO

PRESIDENTE - BENEDITO SERGIO DE ALMEIDA ALVES, brasileiro, solteiro, engenheiro.

VICE-PRESIDENTE - CULTURAL - MILTON GONÇALVES, brasileiro, casado, ator.

/" " Administrativo - PAULO ROBERTO DOS SANTOS, brasileiro, solteiro, professor.

/" " Finanças GERSON FERREIRA JESUS FILHO , brasileiro, casado, ator.

/" " Relações Públicas - CARLOS ALBERTO MEDEIROS , brasileiro, solteiro, publicitário.

Certidao assinada digitalmente pelo Registro Civil das Pessoas Jur dicas da Cidade do Rio de Janeiro em 10/05/2023 – EEMN 30530 PRC

AC AOE

ONE

67406/88

1

ANEXO 3

CONFIDENCIAL

CAPA DE ACE

Agência	Nº ACE/Ano	Total Fls	Sigilo
B1C	067406 88	005	W

Fluxo do processo	Entrada na SE/SS Pesq Arq	Remessa ao DI	ACE Processado
Data	02 SET 1988	09 SET 88	26.9.88

Validade inicial: 05 Anos

Fração Responsável: SE-144

ACESSO INICIAL

B1C

DOCUMENTOS COMPONENTES

Nº Ord.	Tipo/Nº/Órgão/Ano	NRE/NRS/Ano
01	RR1/000547/140/B1C/88	007853/88
02	TG3/005592/102/C4E/88	x x x x
03		
04		
05		
06		
07		
08		
09		
10		
11		
12		

OBSERVAÇÕES E INSTRUÇÕES ADICIONAIS

CONFIDENCIAL

FM-148

ENTIDADES DO MOVIMENTO NEGRO, ATUANTES NO RIO DE JANEIRO/RJ.

1. Acerca do "Instituto de Pesquisas da Cultura Negra" (IPCN), tem-se que:

- a entidade, localizada à Av. Mém de Sá, 208, no RIO DE JANEIRO/RJ, em sede própria, teve o seu registro publicado no Diário Oficial do Estado do Rio de Janeiro, de 20 Jun 75;

- tem, como objetivos declarados, o estudo, a pesquisa e a divulgação de todas as culturas negras;

- é mantida com verbas próprias, decorrentes de mensalidades dos seus associados, bem como por prestação de serviços em sua sede, tais como, aulas de capoeira, danças africanas e corte de cabelo ao estilo afro;

- durante o Governo de LEONEL DE MOURA BRIZOLA, mantinha estreito relacionamento com o Executivo do Estado, através, principalmente, do então Dep. Fed. ABDIAS DO NASCIMENTO (eleito pelo PDT/RJ e militante do Movimento Negro). de CARLOS ALBERTO OLIVEIRA DOS SANTOS (então Secretário de Estado de Trabalho e da Habitação), Dep. Fed.(PDT/RJ) militante do Partido Comunista Brasileiro (PCB/Ala Prestes), e de EDIALEDA SALGADO DO NASCIMENTO (então Secretária de Desenvolvimento Social do Município do Rio de Janeiro); e

- em 84, o IPCN apresentava a seguinte Diretoria:

- Presidente: PAULO ROBERTO DOS SANTOS;

- Vice-Presidente: JUSTO DE CARVALHO SILVA, lotado, atualmente, no Gabinete do Ministro da Cultura, no cargo de Assessor;

- Vice-Cultural: ADÉLIA AZEVEDO DOS SANTOS;

- Vice-Administrativo: SEBASTIÃO SOARES;

- Vice-Finanças: JOÃO MARCOS AURORA ROMÃO;

- Vice-Comunicações: LÉLIA DE ALMEIDA

WJH1T0JBFGESREF961/218P=8:8DV769I1P46M-B

Z1: C4E.

GONZALEZ, a qual, em 83, era Vice-Presidente do Instituto Cultural Brasil-África, entidade de fachada do PCB/Ala Prestes, e, também, líder do Grupo de Mulheres Negras, vinculado ao Partido dos Trabalhadores (PT), e 1ª Suplente de Dep. Fed. pelo referido partido;

- Vices-Comunitários: MARIA ALICE DOS SANTOS, JOÃO FERNANDES CALIS e PAULO ROBERTO DE SOUZA.

2. O "Centro de Estudos Afro-Asiáticos"(CEAA) é uma entidade vinculada à Faculdade Cândido Mendes, sendo, portanto, regido pelo estatuto daquela instituição de ensino.

3. Criado em 73, o CEAA tem, como objetivos, o estudo e a difusão da história e das culturas africana e asiática, a pesquisa das relações BRASIL - ÁFRICA e a reavaliação dos valores culturais, de origem africana, na sociedade brasileira.

Assim sendo, a entidade desenvolve atividades de intercâmbio cultural BRASIL - ÁFRICA e realiza cursos, conferências e palestras para alunos universitários, professores e profissionais liberais, além de publicar a revista "Estudos Afro-Asiáticos".

Em 80, a entidade recebia livros, jornais e revistas de países africanos. Tais publicações eram portadoras de propaganda marxista.

5. Já em 86, o CEAA - situado à Rua da Assembléia, 10, sala 501, RIO DE JANEIRO/RJ - apresentava a Diretoria abaixo relacionada, a qual permanece inalterada:

- Diretor: CANDIDO JOSÉ FRANCISCO MENDES DE ALMEIDA;

- Vice-Diretor: CARLOS HASEN BALG;

- Coordenador de Estudos: JOSÉ MARIA NUNES PEREIRA CONCEIÇÃO, o qual, em 80, registrava antecedentes como elemento subversivo. Naquela data, o mesmo exercia a função de Professor da referida Faculdade, e, em 84, era Diretor do CEAA.

6. Afora os registros já mencionados, os demais nomes relacionados na Z2 não possuem dados que os vinculem a organizações ideológicas de esquerda, exceto ABIGAIL

WJWLT0JBFGBSREF901/218P=8:8DV769I1P46M-B

PASCHOAL ALVES DE SOUZA. Esta, que ocupa, atualmente, o cargo de Assistente da Diretoria Geral do Departamento de Trânsito (DETRAN/RJ), órgão da Polícia Civil do Estado, é militante do PCB e dirigente intermediário dessa facção, como membro do Comitê Municipal do Rio de Janeiro.

ABIGAIL PASCHOAL ALVES DE SOUZA foi, na década de 60, militante da Ação Popular, e, em 83, era membro do Grupo de Mulheres Negras.

* * *

Z2: W/TG3/5592/102/C4E/230688.

Z3: 140/B1C.

WJR\T&JBFGBSREF9G1/218P=8;8DV769TIP46N-B

BICLLLLLCDFRFTGYGTFRDES

SE - 601 Copia
RECEBI O ORIGINAL
05/09/88 às 08:30 hs.

C 4 E
BIC
LLL

SE - 601
CIENTE
hs.
NOME LEGÍVEL RUBRICA

B 1 C
W/TG3/5592/102/C4E/230688 PT ((231740P AXG))

5592 - O ''INSTITUTO DE PESQUISAS DAS CULTURAS NEGRAS'' (IPCN) VG RIO DE JANEIRO-RJ VG EH UMA DAS ENTIDADES MAIS ATUANTES NO MOVIMENTO NEGRO PT

ATUAM NA REF ENTIDADE PTPT ABIGAIL PASCOA ALVES DE SOUZA PT VG ADELIA AZEVEDO DOS SANTOS PTVG AMAURI SILVA PTVG CARLOS ALBERTO MEDEIROS PTVG EUSTAQUIO JOSEH RODRIGUES PTVG JANUARIO GARCIA FILHO PTVG JOAO MARCOS AURORA ROMAO PTVG JOSEH CARLOS LIMEIRA PTVG JULIO CESAR SOUZA TAVARES (JULIO PRETO) PTVG LEILA DE ALMEIDA GONZALES PTVG MARIA CRISTINA RAMOS DA SILVA PTVG PAULO ROBERTO DOS SANTOS (PAULO BOCA) PTVG PEDRINA DE DEUS PTVG WILSON ROBERTO PRUDENTE PTVG YEDO FERREIRA PTVG REGINA COELI DE BIASI PTVG PLINIO DE SAH MARTINS JUNIOR PTVG SUZETE PAIVA PTVG ARTUR FRANCISCO SOUZA ET MARCILIO DA COSTA FARIA PT

ALEM DO IPCN VG ATUAM NO RIO DE JANEIRO UMA ASSESSORIA AFRO-BRASILEIRA DA SECRETARIA DE ETNIAS DO MINISTERIO DA CULTURA'' - JUSTO DE CARVALHO DA SILVA - ET O ''CENTRO DE ESTUDOS AFRO-ASIATICOS'' (CEAA) - DA CANDIDO MENDES PT

SOLICITO INFORMAR DIRETORIAS ENTIDADES ET POSIÇOES IDEOLOGICAS NOMINADOS CITADOS NESTE TELEX PT SOL AINDA PRINCIPAIS ATIVIDADES VG RECURSOS RECEBIDOS PTVG SUAS LIGAÇOES INTERNACIONAIS PTVG COM O INSTITUTO BRASILEIRO DE ANALISES SOCIO-ECONOMICAS (IBASE) PTVG A IGREJA ET COM URG IDEOLOGICAS ET VG OOC JUSTO DE CARVALHO VG ARTHUR DE SOUZA ET WILSON ROBERTO PRUDENTE PT

TR:-(AXG 231810P JUN88)
RCB POR.?88XFS

BIC

RECEBI O ORIGINAL
__/__/__ às __ hs.
NOME LEGÍVEL RUBRICA


FIM

ANEXO 4

SINBA

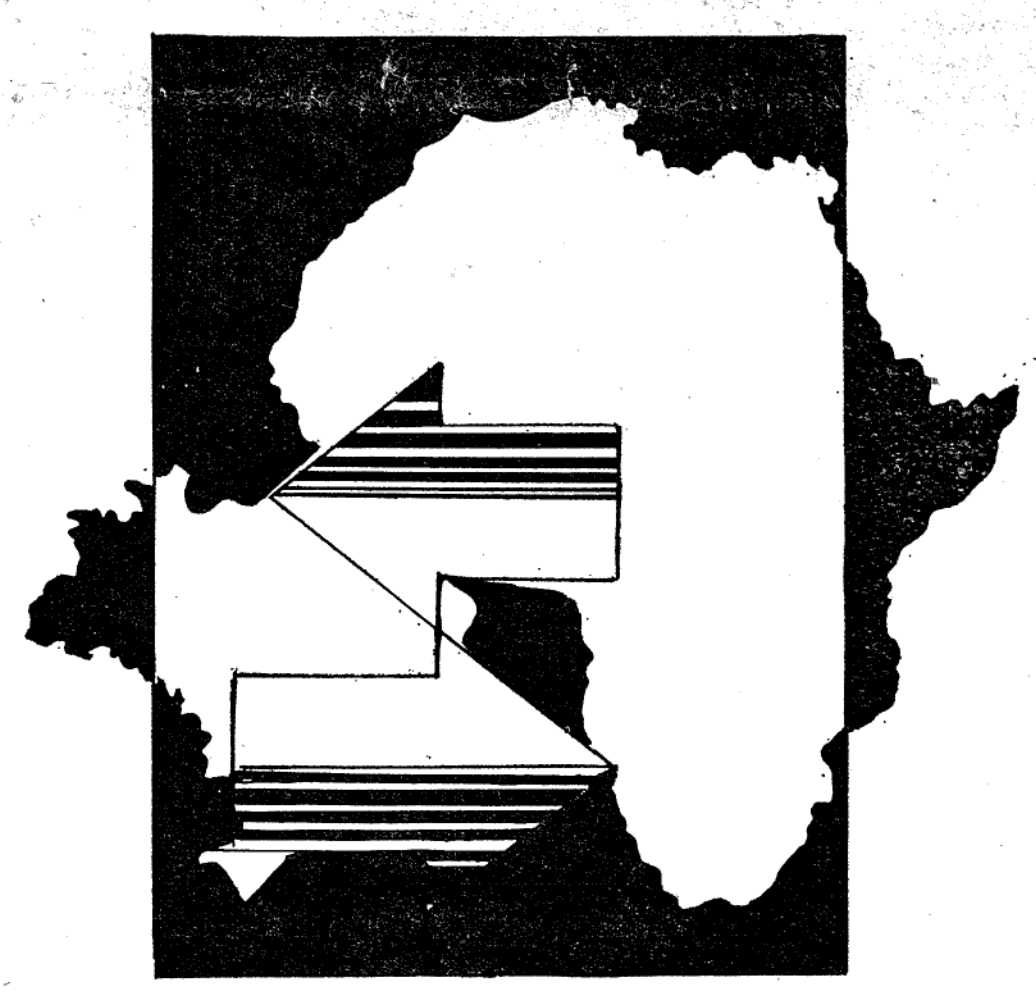
ORGÃO DE DIVULGAÇÃO DA SOCIEDADE DE INTERCÂMBIO BRASIL-ÁFRICA

ANO I — RIO DE JANEIRO, JULHO DE 1977 — N.º 1

Depoimento de um líder estudantil de Soweto

(NASHININI)

— A POPULAÇÃO negra sul-africana é constantemente submetida a uma repressão tão grande, que bastam poucas iniciativas para que se alcance certa prática política, passando à luta organizada. ideologia política seguida pelos negros é na verdade traçada pelas atrocidades a que os brancos nos submeteram. Eomos capazes de identificar com facilidade todos os elementos da opressão que sofremos, e de escolher os meios de combatê-la. Não temos a necessidade de que nos ditem nossa conduta. Sabemos muito bem o que quer dizer "educação bantu": um conceito e uma prática introduzidos pelo regime com a finalidade de ensinar as crianças negras a servirem ao homem branco, assim que elas se tornem membros ativos da força de trabalho. Além disso, nossas escolas foram diididas segundo critérios puramente étnicos, coisa que os estudantes jamais aceitaram. Recentemente, os departamento de administração e educação bantu decidiram que os estudantes negros deveriam aprender a "viver" em duas línguas, inglês e afrikaans, idioma inventado pelo brancos e meio privilegiado de submissão do estudante negro, medida que nos levou a desencadear greves, especialmente nas escolas secundárias, onde essas normas foram aplicadas primeiro. As greves foram de maio a junho. Depois resolvemos partir para uma ação mais concreta e eficiente para denunciar mais essa medida repressiva. Depois de contactarmos várias escolas secundárias, decidimos organizar uma manifestação pacífica, a 16 de junho, no curso de um dia inteiramente dedicado à revolta contra os africaans: "Não somos Boers", foi o nosso slogan. Havíamos combinado nos encontrar, no fim, em uma escola para um comício, a que se seguiria a publicação de um manifesto às autoridades, rejeitando o novo idioma e manifestando nossa intenção de só voltar às aulas quando essa lei fosse revogada. Depois de percorrermos as ruas de Soweto durante a tarde, fomos para o encontro marcado. A polícia havia chegado primeiro e tentamos parlamentar — mas como única resposta, obtivemos bombas de gás lacrimogênio. Quando começamos a fugir, a polícia abriu fogo, indistintamente. Muitos de nós morreram. O balanço oficial foi de 177 mortos nos três primeiros dias de rebelião, mas sabemos que só em Soweto e nos arredores morreram 353. Mais de mil foram presos, enquanto muitos eram dados como "desaparecidos".



As "forças da ordem" não esperavam essa revolta: ficaram visivelmente surpreendidos com essa primeira grande manifestação estudantil, fenômeno desconhecido na África do Sul. Compreendemos imediatamente que a polícia e o regime nos haviam declarado guerra, e que não recuariam diante de nada. Também nós ficamos muito chocados com o morticínio do primeiro dia — mas esse choque transformou-se rapidamente em raiva, um ódio profundo que rapidamente se comunicou a toda a população africana de Soweto. A partir desse momento, tudo o que simbolizava o branco e sua repressão foi destruído: sedes de órgãos municipais, bibliotecas, etc. O regime racista declarou, depois, que entre os estudantes, haviam agitadores comunistas cuja intenção era derrubar o governo. Então nós, estudantes, gritamos em resposta que as leis contra os comunistas são na verdade leis discriminatórias que permitem ao regime dedicar uma soma mínima à educação das crianças negras, enquanto quantias colossais são reservadas aos serviços de segurança ou da defesa.

Diante dessa atitude do governo, depois dos três primeiros dias de protesto, resolvemos continuar nossas manifestações, não só contra a imposição dos africaans, mas também a fim de conseguir a libertação dos companheiros presos.

SOWETO — 16 DE JUNHO DE 1976 — MAIS DE 600 MORTOS

Segundo a UNESCO:

— "São poucos na história os exemplos de uma polícia que dispara sobre escolares sem armas e os mata em tal quantidade que o número exato de mortos não pode nunca ser estabelecido."

— Este ano continua a repressão cada vez mais brutal. E a luta vai continuar até que o racismo seja completamente vencido pelos negros na África do Sul.

A conferência de Maputo

Em Maputo, capital da República Popular de Moçambique, nos meados de maio, houve a Conferência Especial das Nações Unidas de apoio aos Povos do Zimbabwe e da Namíbia. O acontecimento revestiu-se de uma importância muito particular, nesta etapa da luta pela libertação dos derradeiros bastiões coloniais e racistas no Continente Africano.

A reunião, em Maputo, de delegados de cerca de oitenta nações, dos quais cinco eram membros do Conselho de Segurança; a presença, na capital moçambicana do Comitê de Libertação da OUA e do Conselho da ONU para a Namíbia e de representantes dos cinco países da Linha da Frente demonstram que se aproxima a etapa final desta luta justa e sangrenta contra os regimes ilegais e opressores — a ascesão ao Poder, em Salisbúria e em Windehoek, de governos da maioria, saídos da Frente Patriótica e da SWAPO, únicos legítimos representantes dos povos do Zimbabwe e da Namíbia. Aliás foram os líderes dos movimentos de libertação que estiveram presentes e não os delegados de Vorster e de Smith.

A conferência situou-se, também, como uma derradeira chamada de atenção às potências ocidentais que se comprometem, por palavras, num sentido positivo enquanto, na prática, atuam de maneira totalmente oposta, agredindo os interesses legítimos das maiorias daqueles países sob dominação estrangeira e pactuando, subvencionando e auxiliando econômica e militarmente regimes condenados.

Quererá isto dizer que não são apenas Smith e Vorster os alvos únicos desta reunião internacional: eles existem e matêm as suas posições reacionárias apesar de aparentes concessões, porque possuem aliados no mundo ocidental. Ao recordar o severo bloqueio econômico do bloco ocidental à Alemanha hitleriana, Presidente Samora Machel afirmou: "Se hoje esses mesmos países se recusam a empreender medidas severas contra os que colaboram para reforçar o potencial dos fascistas, colonialistas e racistas da Africa Austral é certamente porque interesses sólidos os fizeram aliar-se com o campo desumano contra o qual antes lutaram".

As lutas armadas de libertação constituem o último estágio das revoltas populares contra o opressor. É nesse estágio que se encontra a luta no Zimbabwe e na Namíbia.

A afirmação de que só através da luta armada se conseguirá vergar a intransigência dos regimes racistas e atingir uma independência total e completa, no verdadeiro interesse das massas e não de minorias coloniais, é uma constante nas declarações públicas dos líderes da Frente Patriótica, da SWAPO e dos Países da Linha da Frente.

Não há compromisso possível. Há é que combater até a aniquilação, dos regimes mais retrógados do Mundo. A conferência de Maputo poderá contribuir para que esse objetivo seja mais rapidamente atingido. Se o fizer, terá alcançado a finalidade proposta por Kurt Waldheim.

OUA (Organização da Unidade Africana)

A Organização da Unidade Africana (OUA) inclui todos os Estados Africanos independentes, em número de 42 (menos a república racista da Africa do Sul), exerce papel importante no combate ao colonialismo remanescente. Desde a sua fundação em 1963 a OUA tem se dedicado as causas da paz, libertação nacional e desenvolvimento dos países africanos. Trabalha ativamente na organização da ajuda aos movimentos de libertação nacional que lutam contra o jugo dos regimes coloniais e racistas na Africa.

Mugabe e Nujoma denunciam manobras racistas

MAPUTO, 16 — O líder nacionalista do Zimbabwe, Robert Mugabe convidou em Maputo o "mundo amigo da liberdade" a apoiar os dois Movimentos de Libertação da Africa Austral, a "Frente Patriótica" do Zimbabwe e a SWAPO da Namíbia.

Mugabe, que com Joshua N'Komo dirige a "Frente Patriótica", leu igualmente uma declaração deste movimento condenando as "táticas de terror de estilo Gestapo do regime de Smith.

Mugabe dirigia-se à imprensa antes de conferência organizada pela ONU sobre a Rodésia e a Namíbia que decorreu em Maputo.

A declaração da "Frente Patriótica" condena o regime minoritário branco de Salisbúria pelos recentes incidentes de Dawa Kraal, no sudoeste da Rodésia, durante os quais mais de trinta pessoas morreram.

A "Frente" acusa-o igualmente de "eliminar" os padres católicos e recusa "a vergonhosas afirmações" de Salisbúria segundo as quais estes padres foram mortos por "combatentes da liberdade".

Em resposta a uma pergunta, o dirigente nacionalista disse: "A nossa esperança é de que depois da conferência, a maioria dos países nos assista materialmente e faça uma grande pressão diplomática sobre Africa do Sul, Grã-Bretanha e o regime de Smith", acrescentou, Sam Nujoma, líder da SWAPO qualificou de "ato provocador e de inimizade", o envio pelas cinco potências ocidentais de uma missão diplomática à Namíbia.

Numa intervenção na Rádio Moçambique, Sam Nujoma declarou:"O Conselho das Nações Unidas para a Namíbia é a autoridade legal do nosso território. Assim, ninguém mais poderá ir à Namíbia".

O líder nacionalista acrescentou que os esforços diplomáticos ocidentais para levar a África do Sul a mudar as suas posições deverão ter lugar na Africa do Sul unicamente.

Nujom recusou-se, na última semana a dirigir-se a Dar-Es-Salaam, onde o esperavam representantes da França e dos Estados Unidos, para o informar das tentativas de solução envidadas pelos "cinco" junto do governo sul-africano.

EXPEDIENTE

«SINBA»

Diretor responsável:
Carlos A. Silveira

Redatores:

Amauri M. Pereira
Celio de Oliveira
Jorge M. Theodoro
José P. Silva
Thierno Gueye
Yedo Ferreira

Caixa-Postal 627
ZC-00 — Centro
Rio de Janeiro, RJ
Brasil.

MOVIMENTO NEGRO E ASSOCIAÇÕES

A AGLUTINAÇÃO e organização de negros em associações de características sociais, culturais, etc., sempre corresponderam, no Brasil, a necessidades concretas dos negros nas várias fases de sua existência.

Da mesma forma essas associações representaram sempre os interesses de determinados grupos de negros, muitas vezes em oposição uns aos outros.

Essas oposições sempre tiveram motivos muito reais e que se esclarecem quando procuramos conhecê-los através da nossa História.

O primeiro grande exemplo de divisão ocorreu no Quilombo dos Palmares.

1.º — Em 1678 Gana Zona entregou o Quilombo em troca de sua liberdade e de seus seguidores.

2.º — Porém, um outro grupo, liderado por Zumbi decidiu continuar a luta até o fim.

A primeira tendência continuou durante a escravidão através dos movimentos de compra de alforria. Eram movimentos dentro da ordem, ligados a irmandades católicas, e naturalmente beneficiavam aqueles mais chegados, e que não se comprometessem com rebeldias.

A segunda tendência continuou com a fuga cada vez maior de escravos para os quilombos, que nas palavras de Clovis Moura, "foram, incontestavelmente, as unidades básicas de resistência do escravo".

As duas tendências correspondiam respectivamente a visão do "NEGRO DE CASA GRANDE" o do "NEGRO DO EITO".

Com a abolição, essa divisão se acentuou, com uma minoria se apegando ao paternalismo do antigo senhor, enquanto que a grande maioria ou permaneceu quase no mesmo modo de vida nas zonas rurais, ou se deslocou para as favelas e cortiços miseráveis das cidades.

E foi com essas posições antagônicas que entraram na nova época os movimentos de afirmação do negro na sociedade brasileira.

De um lado, locais de grande concentração de negros com seus clubes de caráter recreativo, ou então associações em torno de suas manifestações culturais, como: O samba, o jongo, o afoxé, o frevo, etc.

De outro os "NEGROS DE CASA GRANDE" que preferiram se distanciar "dos espaços onde o negro sempre foi marginalizado", procurando explicar o "problema negro" pela sua visão de ascensão social e de assimilação dos valores da raça e classe social dominante.

Desde os movimentos da década de 30 em São Paulo e os que se seguiram depois também no Rio de Janeiro, tem-se mostrado mais ativa a tendência que representa a visão do negro de classe média — tipo atual do "negro de Casa Grande".

Em 1944 foi fundado no Rio de Janeiro o Teatro Experimental do Negro (TEN). Em pouco tempo transformou-se, de um grupo teatral de negros, em um movimento que mais tarde seria definido pelo seu líder Abdias do Nascimento de seguinte maneira: "É esta uma das finalidades mais importantes do nosso movimento: a de suscitar o **florecimento de uma elite de homens de cor,** capazes de empreendimentos de envergadura, na esfera da cultura". Ao se arvorarem em elite, os líderes negros daquele tempo passaram a se comportar em relação aos negros como toda elite em face de qualquer massa, ou seja, pretendiam *"adestrar gradativamente a gente negra nos estilos de comportamento das classes média e superior da sociedade brasileira"*.

Estas são palavras de Abdias do Nascimento em um discurso de 1949. Neste mesmo discurso acrescenta ainda: "Não é com elocubrações de gabinete que atingiremos e organizaremos esta massa de cor, mas captando e **sublimando a sua profunda vivência ingênua,** manipulando as sobrevivências paideumáticas (?) que se prendem às matrizes culturais africanas, através de um teatro assentado na reminiscência mística e nos impulsos místicos do negro".

Parece que estas citações bastam para mostrar a tendência dos "NEGROS DA CASA GRANDE" de subestimar a capacidade de compreensão da maioria dos negros. Para eles essa maioria não tem mentalidade para entender conceitos e idéias e só podem ser atingidos **"manipulando-se a sua profunda vivência ingênua".**

Fazemos questão de citar estas palavras dos líderes negros do passado porque elas representam fatos que já pertencem à História. E é com base neste conhecimento que não podemos aceitar a continuidade pura e simples daquela tendência elitizante, porque nossa obrigação atualmente é sermos críticos de nossa história e não repeti-la, como estão fazendo as atuais associações de "NEGROS DE CASA GRANDE".

De todas as entidades criadas recentemente algumas se dividiram ou até se dissolveram, outras vão marcando passo com seus estudos e pesquisas; mas nenhum foi capaz, até agora, de superar a sua própria limitação fundamental: — Não conseguiram sair do berço onde nasceram. Não conseguiram superar as contradições que lhes impede de estar junto com a grande maioria dos negros brasileiros.

Tristemente ridículas são afirmativas como essas, surgidas num boletim recente de uma associação de negros: *"Este primeiro aniversário simboliza imensos campos semeados à espera de bom tempo e de boa colheita"*.

Que campos?

Quantos sejam os aniversários que este movimento de "elites de cor" tenham completado, não passarão nunca de uma repetição de conchavos, omissões e mistificações; serão, isto sim, sementes de uma vida de privilégios para essas minorias — alguns até em exílio voluntário, se agarrarão a cátedras no exterior, onde passarão o resto da vida às custas de uma experiência falsamente representativa.

Quanto à maioria dos negros no Brasil — temos muito que aprender com nossa História. Senão estamos arriscados a repeti-la, com todos os seus erros, e perpetuar uma farsa.

A omissão da mulher negra

De quem sempre foi a culpa da omissão da mulher negra nos movimentos negros? É evidente que para essa pergunta, haveria várias respostas. Entretanto, o que interessa no momento, é que a mulher reflita sobre o papel que poderia desempenhar no movimento negro atual, não como mulher no sentido exato da palavra, mas como um elemento que sofre os mesmos problemas que os homens; pois se não se aperceber disso, será ultrapassada e logicamente ficará marginalizada dentro do movimento.

Participar do movimento negro, não significa "curtição" e sim muito trabalho com certa gama de responsabilidade, porque há aquela que pensa que está participando do movimento negro simplesmente indo a locais de curtição, e o pior ainda, não percebe que a escravidão não acabou e sim houve apenas mudança de rótulo.

Continua endeusando a Princesa Isabel e não procura inteirar-se do que aconteceu antes dela.

É importante que a mulher negra não fique esperando o paternalismo dos homens, e sim deve tomar a iniciativa participando e colocando sua posição.

Rainhas e Escravas

Da janela do apartamento
Vejo só barracos no morro
Onde moram as rainhas
do Carnaval
Imponentes rainhas de ritmo e de sexo
Rainhas por três dias alegres
Escravas no resto do ano.

SOLANO TRINDADE (inédito)

Quem deveria ter representado o Brasil no Festival de Arte Negra na Nigéria?

Uma resposta honesta a essa pergunta tem, obrigatoriamente que levar em consideração a realidade cultural negra no Brasil.

Possui o Brasil o maior contingente de negros fora da África e o segundo depois da Nigéria. Superamos em povo negro todos os demais países africanos.

Ninguém desconhece que uma parte determinante da formação cultural do povo brasileiro tem suas origens nos negros que aqui aportaram nas condições mais humilhantes a que se pode submeter um ser humano: A condição de escravo.

Apesar de ter sido arrancado de seu meio cultural, de ter os seus entes dispersos e a sua descendência vendida como animais, ainda assim o negro, com todas as condições adversas, e sofrendo na carne a repressão policial da classe social dominante, conseguiu manter as suas raízes culturais tornando-as a base da verdadeira cultura popular brasileira.

O que pode ser chamado de uma maneira geral de cultura popular tem sua expressão mais simples nas manifestações culturais típicas de várias regiões brasileira, e que representam o verdadeiro retrato da situação cultural da grande maioria dos brasileiros.

Essa situação cultural não pode ser confundida com a cultura artificial que os poderosos meios de comunicação tentam a todo custo injetar em nossas consciências, e nem tampouco com os "reflexos eruditos" de influência européia, que sempre estiveram restritos à elite da sociedade brasileira.

> — O grande poder dos meios de comunicações pouco a pouco está conseguindo criar uma tamanha confusão em nossas cabeças, que mesmo bem longe no interior, já se pode notar suas influências. Por isso, é que em cada oportunidade temos que atentar bem para o valor das nossas autênticas raízes culturais.

Uma verdade definitiva na história do Brasil é que a permanência das raízes africanas deve-se *exclusivamente* àqueles que a trouxeram e a seus descendentes. Os escravos, por serem a classe mais baixa da sociedade, nunca tiveram as suas formas culturais respeitadas.

As elites brasileiras de todos os tempos reservaram-se sempre o poder de determinar o que era importante e culturalmente certo ou errado, bonito ou feio, de acordo com a sua própria visão.

E foi de acordo com sua visão européia que essa elite passou a prestigiar um ou outro representante da cultura popular, conforme seus próprios interesses e conforme ele pudesse se encaixar no seu mundo cultural "branco".

E não foi outra coisa que vimos recentemente na escolha dos representantes brasileiros para o II FESTIVAL DE CULTURA E ARTE NEGRA, que foi realizado na Nigéria.

Houve uma escolha de cima para baixo.

Foram escolhidos músicos, dançarinos, cineastas e artistas plásticos, além de alguns eruditos que estudaram de diversas formas o negro no Brasil.

Uma representação bastante numerosa, onde houve de tudo, menos um legítimo representante do negro brasileiro, isto é, um representante daqueles negros que não são reconhecidos pela nossa elite, daqueles que, como aprendemos na nossa *história real*, são os únicos responsáveis pela permanência de nossas raízes culturais africanas.

A realidade é que no Brasil existem dois mundos culturais distintos. O *erudito*, de influência européia. E o *popular* de raízes principalmente africanas. O problema é que não vemos o mesmo peso e a mesma medida para ambos.

Por exemplo. A criação e existência de orquestras sinfônicas com influência européia. Daí que para uma representação na Europa os responsáveis diretos são aqueles grupos que vivem diretamente ligados ao meio sinfônico brasileiro.

Por que então não ocorre o mesmo com o ambiente cultural que se identifica com as raízes africanas no Brasil?

O que acontece é que na hora de decidir uma representação os legítimos representantes da Cultura Negra no Brasil não têm direito à palavra.

A grande maioria dos negros não sabe sequer que foi escolhida uma representação, para falar em seu nome e apresentar "Cultura Negra" na Nigéria.

Nós, os negros brasileiros, temos que reconhecer que até hoje fomos incapazes de fazer valer a nossa palavra.

O sentido das manifestações culturais negras no Brasil é o de conquistar para si o direito à palavra.

Este é o sentido que orienta um trabalho já muito antigo do negro no Brasil. Determinar a sua própria importância na vida nacional brasileira.

Este sentido, como disse muito bem Silas de Oliveira:

> Essa brisa que a juventude afaga
> Essa chama que o ódio não apaga
> Pelo universo... é a evolução
> Com sua legítima razão.

A VOZ FORTE DA NIGÉRIA

Joseph Garba, Ministro das Relações Exteriores da Nigéria, esteve recentemente em visita ao Brasil. Na entrevista que concedeu a imprensa abordou alguns aspectos da situação da descolonização africana.

«A Nigéria, bem como a maioria das nações africanas não tem intenção de ser recolonizada por ninguém». «A África está enganjada numa luta para libertar seus países, e nessa luta precisamos de amigos que não nos abandonem quando os solicitarmos». Expressou-se com absoluta lucidez contra a omissão de algumas nações em relação as lutas de libertação africanas — «Aqueles que levantaram falsos alarmes sobre as fontes de apoio e assistência estrangeira para os dramas históricos da liberdade e da independência da África e que agora pregam tardiamente que os problemas africanos devem ter soluções africanas, devem procurar em suas consciências o que fizeram no passado para manter a causa das liberdades humanas na África».

O Chanceler nigeriano disse que seu País apóia sem restrições, a luta pela independência do **Zimbabwe**, da **Namíbia** e da **África do Sul.**

«Essa é a última oportunidade para que os países do Mundo Ocidental ajudem a resolver o problema da África do Sul». «Em 1960 o sangue de operários, pais de família, correu livremente em Shaperville para apaziguar o deus com pés de barro do apartheid, simplesmente porque os prometedores jovens de outra raça aventuram-se a procurar um lugar ao sol e tentar uma ação com respeito ao seu triste futuro numa terra à qual estão destinados a viver». «Esta situação explosiva na África Meridional, se deve ao grupo de hipócritas racistas que se entrincheirou em Pretória (Capital da África do Sul), os quais, por quase 30 anos, em flagrante desafio à consciência internacional, tem impingido uma doutrina falida de supremacia racial a toda comunidade internacional».

JORNAL SINBA: PARTICIPE DOS DEBATES

DOIS PASSOS À FRENTE

Nos últimos quatro anos, têm surgido várias organizações dirigidas por negros, todas tendo como princípio o combate à discriminação e ao preconceito racial, a exemplo das associações negras do final dos anos 40 e início da década de 50.

Das associações negras do passado, todas com propósitos elitizantes, nenhuma sobreviveu ao seu tempo. Deixaram de existir, sem que ao menos seus fundadores tivessem formulado uma solução concreta aos problemas que se propunham resolver. Isto, porque os problemas muito mais amplos que o campo de visão dos membros daquelas associações, levaram por incapacidade de uns e omissão dos demais, a divisões internas e em decorrência a dispersões.

Os dirigentes das organizações do presente, como os seus antecessores do passado, têm ainda como princípio, a formação de uma "elite negra" e a ascensão social do negro como um fim. Defendem os valores culturais negros de acordo com sua visão de classe e sonham vir a se impor como "elite negra", no quadro das relações raciais no Brasil. Paradoxalmente os demais membros dessas organizações são pessoas de condições modestas, mas que não percebem que criação de "elite negra" é solução para minorias. Por desconhecerem a sua história, não sabem que postura de "elite negra" sempre foi entre os negros, um dos fatores de seu embranquecimento, a causa de sua alienação cultural, cuja gravidade se acentua à medida que estabelece uma divisão entre um negro intelectual e a massa negra, relegada aos mais baixos níveis de desenvolvimento social.

Como as organizações negras do passado, também as atuais organizações não deixam de reconhecer que o negro na sociedade brasileira é um marginal. Pelas condições econômicas, pela situação social e pelo preconceito racial; mas como aquelas, não percebem que para suprimir estes efeitos é preciso conhecer as causas, para encontrar as formas de eliminá-las.

Sendo estas organizações mal conduzidas pelas contradições dos seus dirigentes, razão principal da ineficiência de suas ações, acabam sempre incorrendo no mesmo erro; o de não enxergarem que o problema negro no Brasil é o problema da maioria dos negros brasileiros, e que qualquer trabalho que se pretenda realizar desconhecendo esta realidade, está fadado ao fracasso.

As atuais organizações, como as suas congêneres do passado, não conseguiram elaborar em conjunto uma visão do negro em relação ao meio que o cerca e nunca procuraram entender, na sua forma concreta, os problemas da massa negra no seu dia-a-dia.

Na verdade essas organizações vivem em círculo fechado, dando voltas, se repetindo e repetindo as suas antecessoras. Como elas jamais conseguirão romper o círculo a que foram confinadas, a diferença é que aquelas fizeram a história e estas, infelizmente, a estão repetindo. Na realidade, estas organizações negras, nada mudaram no movimento negro atual, nem os métodos nem os objetivos. O movimento negro do momento continua elitista, restrito à organizações de cúpulas ou a grupos isolados. Afastados uns da nossa cultura, outros da nossa realidade. E ainda, graças à omissão da maioria, os seus dirigentes continuam ostentando o fraque a cartola das elites. Sempre formulando para as massas, mas sempre distantes delas.

O certo é que o atual movimento não progrediu, está parado no tempo. Para que isto se modifique, é necessário que os negros tomem consciência da sua responsabilidade perante a história, assumam o seu passado e aprendam com os erros nele cometidos. Para que este simulacro do movimento não se perpetue é preciso romper a tradição elitista, através de uma posição de crítica ao movimento negro atual. E isto só é possível com debates. Esta é a função deste Jornal.

Afinal debater é dar o primeiro passo... à frente.

Definições de termos

Está seção foi criada por termos observado que um dos nossos maiores defeitos é a ausência de definição de certos termos.

DISCRIMINAÇÃO RACIAL: fato social comum numa sociedade dominada pelo racismo.

ETNIA: comunidade humana de composição racial variável, que fala uma língua comum, e que se unifica com base em um conjunto de tradições, que lhe confere uma entidade cultural e singularidade face a outros grupos.

PRECONCEITO RACIAL: forma mais simples que tomam as deturpações dos valores raciais provenientes do racismo.

RACISMO: conjunto de idéias que procuram legitimar ou justificar a dominação de um povo pelo outro, tomando por base a diferenciação racial.

RAÇA: não existe definição. O que existe é um conceito antropológico introduzido arbitrariamente pelo europeu com a finalidade de justificar a dominação sobre povos de outros continentes.

O que é a África?

A maneira mais comum de se responder a essa pergunta no Brasil é invocando os laços de sangue e de cultura que nos ligam a ela. (Não pretendemos abrir mão desses conceitos e dessa verdade — até porque ainda é uma das nossas reivindicações, a aceitação, pelo Brasil e pelos brasileiros, das suas verdadeiras origens). Se até algum tempo atrás o pouco de informações que tínhamos sobre a África nos era dado por antropólogos e etnólogos; o mesmo não ocorre atualmente, e por isso, esse tipo de resposta àquelas informações já não pode satisfazer-nos de maneira alguma.

Falar de África como terra de nossos escravos, mãe do nosso folclore, e outros lugares comuns, é tentar manter uma imagem completamente superada no tempo. E no entanto, é a única que ocorre aos mais bem informados brasileiros.

(Não podemos deixar passar um comentário: nós, os negros brasileiros somos sempre chamados a nos identificar com a África Ancestral e seus valores correspondentes da época do tráfico ou anterior. Se somos conscientes que a história não pára, por que ficarmos presos àquela época e desconhecermos o seu desenvolvimento histórico? Ou será que as elites brasileiras que se identificam com a Europa têm em mente a Idade Média Européia?)

Voltando à pergunta principal. Se cultural, étnica e historicamente temos tantas afinidades, se geograficamente somos tão próximos, climaticamente tão parecidos; se no campo econômico muito podemos realizar, porque ainda estamos tão mal informados e preconceituosos com relação a África? Por que quase tudo desconhecemos sobre sua História recente, sobre povos, das suas conquistas, enfim de sua atualidade?

Se levarmos mesmo em consideração, todas essas nossas identidades, então temos que admitir que o nosso quase total desconhecimento da realidade africana atual é um grande erro, e causa de grandes deformações na nossa compreensão dos processos históricos, através dos quais evoluem para um desfecho, os povos do Terceiro Mundo.

A Idade Européia da História está chegando ao fim. E é uma ironia da história, o fato de que estando no Terceiro Mundo» «**Motor Principal da Marcha da História da Nossa Época**», os brasileiros sejam os últimos a sabê-lo.

RACISMO,

ideologia orgânica do colonialismo

A HISTÓRIA tradicional, europocêntrica, pretende caracterizar o racismo como um fenômeno atemporal que, através de todos os tempos, tem vitimado os chamados povos de cor. Senghor corrige esse erro lembrando que o racismo — etnocentrismo carregado de reais ou imaginárias diferenças raciais — não tem mais do que quatro séculos de vida, nascido da expansão européia e dos seus «descobrimentos». A noção de raça — imprecisa e inoperacional é, portanto, um conceito moderno. O racismo, como teoria, é fruto da ciência européia a serviço de um mecanismo de dominação militar, política e sócio-econômica sobre os povos das Américas, África e Ásia quando a Europa através da expansão, primeiro, e da revolução industrial depois implantava o sistema capitalista. O racismo, ampado por ideologias de dominação como as teorias antropológicas do evolucionismo e funcionalismo, dava cobertura ideológica de legitimação à dominação sobre o vasto mundo colonial.

A eliminação do racismo — a forma mais descarada de etnocentrismo — não pode ser tarefa da ciência contemporânea por mais crítica qu procure se apresentar em relação às concepções ideológicas europocêntricas marcantes dos séculos XVI ao atual. Essa eliminação é uma tarefa cultural dirigida pelas vítimas do racismo, quer essas vítimas sejam os colonizados e neo-colonizados da África, Ásia e Américas ou minorias oprimidas de qualquer outra parte do mundo. Em qualquer caso, o racismo deve ser combatido, não só nas suas instâncias jurídico-política e econômica mas igualmente na instância ideológica através do que modernamente se tem chamado de descolonização. Nessa **descolonização cultural** — terão que ser eliminados, substituídos ou reformulados todos os aparelhos ideológicos reprodutores não só do racismo como de todas as outras ideologias de dominação. Como exemplos desses aparelhos podemos citar o sistema de ensino e comunicação social. Pressupõe-se, evidentemente, que a descolonização cultural só se realiza completamente após a descolonização política, social e econômica.

Se o racismo é a ideologia privilegiada de dominação dos tempos modernos produzida a partir da expansão européia e elaborada como teoria com pretensão científica pelo capitalismo na sua fase colonial, devemos salientar contudo que no mecanismo de dominação através da História houve sempre um componente ideológico, cultural que procurava legitimar essa dominação traduzida em termos militares, políticos e econômicos. Chamaremos a esse mecanismo de dominação ideológica de etnocentrismo. Alguns exemplos históricos far-nos-ão compreender que todos os povos, nas mais diversas épocas, foram vítimas e algozes do etnocentrismo.

a) **Etnocentrismo: ideologia de organização social.**

«A natureza dos homens é idêntica; são os costumes que os separam» — Confúcio, 551-478 aC.

«As diferenças que notamos nos costumes e instituições dos povos dependem do modo como cada um deles prevê à sua subsistência». — Ibn Khaldoun, precursor africano da Sociologia, (1332-1406). Toda a organização social, qualquer que seja o nível de complexidade das suas instituições políticas e econômicas, pressupõe uma estrutura ideológica, um conjunto de valores filosóficos e culturais, em suma, uma cosmovisão. Dentre esses valores culturais destaquemos, para melhor compreensão do que pretendemos expor a língua e a religião como fatores diferenciadores dessa sociedade em relação a outra. Esses fatores, entre outros, permitem a essa sociedade ter consciência da sua personalidade própria: possibilitam-lhe um forte coeficiente de coesão e consenso social. Como as sociedades não existem isoladas, o contato entre elas permite a cada uma tomar consciência da sua identidade, das suas diferenças em relação às sociedades vizinhas. Embora o contato — amistoso ou em diversos graus de litígio — leve à permuta de certos valores culturais, o certo é que cada sociedade tende a preservar certos valores que considera básicos e somente seus. Mais ainda: que considere esses valores como, além de diferentes, superiores mesmo aos de seus vizinhos, pois isso ajudaria a legitimar a sua preservação. Se esse contato transborda para um litígio que chegue à dominação de uma sociedade pela outra, a História nos revela que a sociedade dominante acentua a tendência de considerar os seus valores superiores aos da sociedade dominada e, até, a pretender impô-los a esta. Chamamos a este fenômeno de etnocentrismo. Estendemos aqui a exposição deste conceito porque pensamos nele residir a fundamentação, a «pré-história» do racismo. Acontece porém que, até o século XVI da nossa era, a pigmentação da pele não era fator relevante de diferenciação — de superioridade ou inferioridade — cultural.

POR QUE O BLACK-RIO INCOMODA?

O Julgamento

De repente todas as atenções voltaram-se para um fato que segundo alguns, preocupou até às altas esferas. Que acontecimento tão importante poderia estar causando tamanha celeuma dentro da sociedade brasileira?

Alvo de críticas e debates em todos os veículos de comunicação..., e da nossa intelectualidade (como o escritor Gilberto Freire que fez uma denúncia leviana e facciosa, alertando a Nação para uma pretensa influência de negros norte-americanos no movimento Black Rio, tentando fazer com que a música negra — principalmente o samba — se transforme em música de protesto), mas dentro de todas as críticas havia um ponto comum, falavam da alienação de uma certa parte da nossa juventude.

O objeto causador de tanta discussão era o movimento musical do Soul, que aqui no Rio recebeu a denominação de Black Rio.

O que é o Black Rio

Para alguns, mais uma forma de modismo importado dos negros norte-americanos... Para outros, representa os interesses comerciais das gravadoras para um grande mercado consumidor fechado até então, que é a juventude negra... Ou como a posição de uma revista carioca, "Um caráter de discriminação que ficaria bem num país com problemas raciais". !!! ??? ... Estaria esta revista se referindo ao Brasil?

A discriminação evidente

Em recente programa de uma emissora de televisão do Rio de Janeiro, um dos considerados "papas" do Movimento, perdeu uma grande oportunidade de melhorar a imagem do movimento Black Rio, ao fugir constantemente ao debate ou saindo com respostas evasivas, diante de perguntas tais como: estaria o movimento Black Rio escondendo alguma facção política? O movimento Black Rio é racista? O movimento por ele liderado, não estaria sendo uma forma de alienação dos jovens negros?...

Caberia então perguntar: não seria a tentativa de se colocar o movimento Black Rio como racista, alienante, político, modismo caricaturado, etc... mais uma, da já comprovada discriminação da sociedade brasileira a toda e qualquer manifestação de negros, evidenciada pelo conceito de superioridade racial surgido na época da escravidão?

Alienação x Alienação

Diz-se que o movimento Black Rio é fator de alienação por não ter nenhuma relação com a cultura do negro brasileiro. Gostaríamos de saber a opinião dos contestadores do movimento Black Rio quanto ao rock, surf, balé, "enlatados", e mesmo orquestras sinfônicas, hipismo e a enxurrada de Kung Fu que recebemos pelo cinema...???

Essas pessoas se esquecem que os festivais de rock e surf quando são realizados, ali comparecem dezenas de milhares de pessoas seja onde for ou a qualquer preço e nunca ouvimos nenhuma alusão depreciativa a respeito. Será que o rock e surf já são brasileiros? Talvez eles justifiquem que sendo o Brasil um "país em desenvolvimento" é lógico que sofra este tipo de influências externas, principalmente estando em plena era das Comunicações???...

Mas fica claro que a única justificativa para essa contradição não é outra que não o fato de o rock, surf, hipismo, balé, etc..., serem formas de lazer e entretenimento das elites dominantes, enquanto o Soul é a forma de entretenimento do negro que se encontra nas camadas mais baixas da sociedade. Vê-se portanto que o problema não é simplesmente de alienação, mas na verdade, o que, se procura encobrir é um profundo problema de relações raciais no Brasil. Ou não?

COLONIALISMO, DESCOLONIZAÇÃO E RACISMO

De quatro séculos para cá a África está gravada no espírito público do Ocidente como um continente dominado, anexado. Até uma certa parte da história, contada pelo bloco dominante dos países ocidentais, a dominação foi fácil por que havia uma harmonia de interesses no seio do bloco dominante. No momento em que começam a se chocar os interesses dos países colonialistas dominantes (As Guerras Mundiais), esta ruptura permite ou favorece a organização e consolidação dos movimentos de resistência dos povos submetidos ao colonialismo.

É neste contexto que a África "acorda". — Esta palavra é usada de maneira muito simplista por aqueles que não conhecem ou subestimam uma tradição de resistência que foi marcante em muitos povos africanos. Ao concordar com o "despertar" da África devemos esclarecer que compreendemos este período como a fase em que, favorecidos pelas contradições existentes no seio do bloco dominante, surgiram alguns movimentos consistentes que acabaram assumindo o poder quando os países colonialistas reviram suas formas de dominação. — E nasceu o Neo-colonialismo.

Esta fase de transição foi crucial para o futuro dos povos africanos. A década de 50 assistiu ao incremento de uma consciência política que amadurecia na África, e culminou em 1960 — O ano da África.

Uns puderam começar a sua difícil caminhada para a independência efetiva de seus povos. Outros, onde o colonialismo não pode ou não tinha condições de ser desdobrado, foram barrados na sua tentativa pacífica e foram obrigados a recorrer à violência para conseguir a sua libertação. Esse foi o caso das ex-colônias portuguesas (Moçambique, Angola, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe). No quadro das suas guerras de libertação, que duraram mais de 10 anos, puderam mais uma vez esses povos irmãos demonstrar ao mundo uma coisa fundamental: Do que é capaz um povo subjugado, 99% de analfabetos, nas condições mais atrasadas social e economicamente, MAS QUE CONSEGUIU SUA UNIÃO PARA A LUTA COMUM PELA LIBERDADE.

Na sua luta contra o colonialismo e o racismo os povos africanos estão afirmando sua determinação de estabelecer e produzir livremente as condições de sua vida e de seu desenvolvimento.

Esses são fatos históricos que estão ocorrendo aos nossos olhos. Até 1974 sobrevivia o colonialismo português na África Austral, amparado de um lado pela Alemanha, França, Inglaterra e Estados Unidos e de outro pelo regime racista da África do Sul.

Pois bem, o colonialismo português acabou, foi derrotado. E agora o nacionalismo africano se encontra frente a frente com o seu atual maior inimigo no continente — o racismo sul-africano.

A África do Sul é o país mais desenvolvido do continente. Mas esse desenvolvimento beneficia somente a uma minoria de cerca de 4.000.000 de brancos, que mantêm mais de 18.000.000 de negros sob o aparelho de dominação mais bárbaro, mais desumano, que são as leis do APARTHEID. O APARTHEID é o regime monstruoso que permite que um negro tenha o seu salário 4 a 20 vezes inferior ao de um branco na mesma ocupação, e que permite também que as grandes riquezas tiradas das minas pelos negros (80% do ouro do ocidente) sejam aproveitadas pela minoria racista par acontinuar mantendo-os na mais obscura repressão.

O sistema do APARTHEID no dizer da ONU — Um Crime contra a Humanidade — ainda mantêm sob o seu controle um território de 824.292 km2 de maioria negra de 70% desconhecendo pura e simplesmente várias resoluções da Assembléia Geral das Nações Unidas — a Namíbia.

Como se não bastasse todo esse peso às suas costas, o regime racista da África do Sul ainda praticamente sustenta a minoria, também racista, na Rodésia (Zimbabwé) que mantém sob intensa repressão a esmagadora maioria negra.

África do Sul, Namíbia e Zimbabwe ainda uma mancha do racismo na África.

Basta olhar para o passado, e veremos como passo a passo através de lutas e sacrifícios os povos africanos vêm conquistando sua liberdade.

A dominação racista na África Austral é o próximo passo.

Nossa solidariedade aos negros oprimidos na África Austral se soma a da maioria dos países que sempre condenaram o APARTHEID, o racismo institucionalizado, nas Assembléias das Nações Unidas.

Posição da ONU

(Organização das Nações Unidas)

Desde a Segunda Guerra Mundial mais de 50 países sacudiram o jugo do colonialismo e emergiram como Estados independentes. Apesar desses feitos, o colonialismo sobrevive. Vinte e oito milhões de pessoas ainda continuam sob o domínio do racismo ou em territórios sem autogoverno.

Por sua carta, a Organização das Nações Unidas comprometeu-se com o movimento de autodeterminação e de igualdade de direitos de todos os povos. Desde os seus primórdios a Organização tem se interessado pelas lutas dos povos que estão sob o domínio colonial. A partir de 1960 ela tem sido guiada também pelos princípios da Declaração da Assembléia Geral sobre a Outorga de Independência aos países e povos coloniais. Nessa Declaração nos Estados-Membros proclamaram a necessidade de apressar o fim do colonialismo e de todas as práticas de segregação e de discriminação.

A Assembléia tem afirmado repetidamente que os povos das colônias têm o direito legítimo de lutar pela sua libertação nacional e apelado pela assistência moral e material a esses movimentos.

Os objetivos da Declaração sobre Descolonização foram reafirmados em 1970, quando a Assembléia adotou o Programa de Ação para a Plena Implementação da Declaração. Nesse Documento a Assembléia declarou que a continuação por mais tempo do colonialismo é um crime que viola a Carta (Estatutos da ONU), e reafirmou os direitos dos povos das colônias de *"lutar por todos os meios necessários contra as potências coloniais repressoras"*.

Apesar do desaparecimento virtual dos velhos impérios coloniais, muitos territórios e povos continuam a ter o direito de autodeterminação e independência negado. Os maiores e mais populosos desses territórios e povos estão na África Meridional, onde os africanos são muito mais numerosos do que os colonialistas, mas continuam sob dominação opressora.

COMUNICADO

O JORNAL SINBA foi criado para ser um órgão de debates, onde todos podem e devem participar.

As cartas serão a melhor forma de incentivar os debates. Publicaremos as opiniões ainda que não concordemos com o ponto de vista defendido.

O JORNAL SINBA será também um veículo de divulgação dos movimentos que lutam contra o racismo e o colonialismo, com especial atenção ao noticiário sobre a realidade dos povos africanos que lutam na Rodésia, Namíbia e África do Sul.

A impressão do Jornal só foi possível graças a um grande esforço de pessoas, que embora sendo de rendimentos modestos, ainda assim, tiraram com sacrifício dos seus parcos vencimentos o necessário para a sua publicação." Desta maneira, contamos com a colaboração de todos para que este Jornal tenha continuidade.

O nosso endereço para correspondência no momento é o seguinte:

SINBA — CAIXA POSTAL 627 — ZC 00
CEP 20.000 — Rio de Janeiro, RJ — Brasil

A REDAÇÃO

ARTE x POVO

O objetivo do artista é o mesmo do homem que produz para a sociedade. Todavia quanto mais criativo é o homem (indivíduo), não importando aqui a natureza de seu trabalho, maior é sua colaboração no conjunto do trabalho social. Por isso é que o artista não deve ficar à margem do desenvolvimento histórico das classes sociais.

Entendo ser o artista o mais criativo no todo das atividades, cabendo distribuir seus conhecimentos herdados das culturas passadas aos indivíduos de hoje, e não se encastelar na taça do prazer, nas bajulações, ou ainda se submeter ao domínio de classe por minguados dinheiros.

É isso um fato no artista da terra, que no anseio da ascensão de sua arte eletiza-se afastando-se de sua verdadeira função na sociedade. Esse tipo de modelo Feudal-Senhores, Vassalos e artesãos é colocado às classes mais baixas com o título de filosofia do êxito. Essa filosofia rouba o herói que poderia ser popular — invertendo os papéis de sua mensagem — obrigando seu povo a um tipo de idolatria que nada tem a ver com suas imediatas necessidades.

Poderíamos enumerar vários pontos que levaram a arte Plástica a se afastar do povo, mas não há espaço para isso. Entretanto podemos em visão geral alertar o leitor para o núcleo dessa contradição cultural: Cultura Européia x Cultura Negra. Na primeira podemos colocar as linguagens importadas e impostas pelo meio intelectual; e na segunda, linguagens trazidas pelos escravos africanos e desconhecidas das elites. A primeira escola nos conduz à inferioridade e submissão cultural. Emerge no inconsciente coletivo o medo de gostar do que é popular, do que é do povo. Todo núcleo cultural da segunda é ridicularizado e colocado na condição de folclore. Enquanto nos países-sede das culturas aqui dominantes eles sempre partem do popular como protótipo intelectual de sua criatividade, aqui na terra se menospreza as próprias raízes assim como fez Rui Barbosa queimando documentos históricos referentes ao Negro no Brasil, tentando com isso passar borracha na memória escravocrata, ou melhor, na memória popular; ou ainda toma posição como o Crítico Pontual do Jornal do Brasil quando se referiu às obras de Emanoel Araújo e Rubens Valentim de resíduos afro, sendo aquele trabalho de origem que remonta a realidade de sua terra (Bahia) onde não se pode negar influência da cultura de África. Hoje tenta-se passar borracha em tudo dessa memória. Usando-se o termo "racismo". Nunca será racista o homem que viver adiante desses sofistas e que por opção lutar contra essas barbaridades. A valorização do homem negro não está no cadinho que se oferece, isto é, na ascensão desse ou daquele negro na sociedade. Está sim, no respeito à sua cultura, à sua mulher, a seus filhos abandonados, aos seus anseios e ideais; na sua condição flagrante de direito de existir sem protecionismo.

GASMIM RODRIGUES

POETA ANGOLANO

NÃO SEI CHORAR

Não sei chorar
não aprendi a lamentar penas
germinadas no altar tétrico da impotência
rezando inclemências sem justiça

Sei recolher dos dedos crispados de dor
o calor inerme da arma abandonada
no caule sangrento dum adeus
dos mortos nascidos para a etemidade

E não sei chorar,
não sei chorar lágrimas fúnebres,
não aprendi a derramar nadas
ao vazio acre do espaço abandonado

Sem contemplar as cinzas negras da morte
sobre a anatomia destroçada do amigo,
na certeza da vitória da humanidade
sobre a derrota calcinada do homem.

Não sei chorar!

Onde te encontrar?

SAMORA MACHEL

Não te encontrei na casa,
mas no rosto de toda a gente,
na machamba e na horta,
viste viva!

Encontrei-te nas crianças
e nos velhos/nas mulheres,
nos adultos e nos inválidos.

Encontrei-te na vida nova,
que cresce/também
pelo teu exemplo e sangue.

Não conheço a tua tribo,
não conheço a tua região,
não conheço a escola que frequentaste.
Conheço-te.
Encontro-te em toda a gente
que vive a transformação.

Tinha razão de amar,
que amei-te nas qualidades novas,
os valores que criam a
esperança do amanhã.
É doloroso assim
perder a mulher
que foi mãe nas crianças,
irmã nos camaradas,
companheira nas armas e ternura no
[amor.

É doloroso perdermos o quadro.
É doloroso perdermos a mulher
que soube na revolução
emancipar-se.
É doloroso perdermos-te
quando ainda somos tão poucos
e tanto resta a fazer.

É doloroso perdermos
aquela que combinou
a inteligência com o matope
para fazer crescer a planta nova.

É doloroso perdermos
quem no mundo e na Pátria
assumiu a nova mulher moçambicana.

É doloroso perder
a força de tua juventude
até à morte.
É doloroso
ver cair a árvore jovem.

É doloroso/doloroso/como o fogo
que torna o ferro maleável
para que este seja enxada.

É doloroso
como a lâmina da enxada
ferindo a terra
para que a semente cresça.

Doloroso porque necessário.
Doloroso.
Por isso seremos mais e melhores
e iremos mais longe,
dolorosamente estimulados
pelo teu exemplo.

Como teu marido
enraizo-me na tua recordação
para encontrar a força de continuar
a longa marcha até a vitória final.

Assim/na luta/na revolução,
te encontro continuamente.
A minha vida pertence à revolução. (9-5-71).

NOTA: O poema «Onde te encontrar»? foi escrito por Samora Machel logo após a morte de sua mulher Josina Machel, a cuja memória foi dedicado.